

ARTE EM REPRODUÇÃO ELETRÔNICA

O ANALÓGICO EM SUA PLENITUDE PRÉ DE PHONO LUXMAN EQ-500



E MAIS

TESTES DE ÁUDIO

AMPLIFICADOR INTEGRADO LEBEN CS-300F

TOCA-DISCOS RELOOP RP-2000 MKII

CABOS LIGHTING I RCA & LIGHTING II XLR

DA VIRTUAL REALITY

SOUNDBAR TCL TS9030

OPINIÃO

SEM EQUILÍBRIO TONAL, NÃO HÁ SAÍDA

QUANDO OS HORIZONTES SÃO AMPLIADOS

CAIXA ELAC DEBUT REFERENCE DBR62





Excelência em todos os
DETALHES

Cada Wilson Audio possui o mesmo DNA sonoro.
O que muda é apenas a intensidade da magia.
Descubra o modelo exato para suas expectativas.



Sabrina X



Sasha DAW

Master Chronosonic

WILSON
AUDIO

www.ferraritechnologies.com.br
info@ferraritechnologies.com.br
Telefones: (11) 99471.1477 / 98369.3001



FERRARI
TECHNOLOGIES
Áudio, Vídeo e Acústica

ÍNDICE



PRÉ DE PHONO LUXMAN EQ-500

48

EDITORIAL 4

Quem realmente precisa de um sistema hi-end?

NOVIDADES 6

Grandes novidades das principais marcas do mercado

HI-END PELO MUNDO 10

Novidades

OPINIÃO 12

Sem equilíbrio tonal, não há saída

PLAYLISTS 16

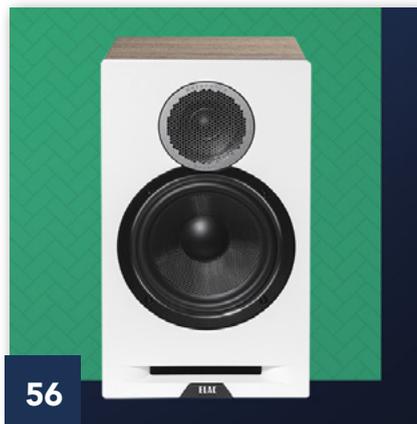
Playlists de abril

DISCOS DO MÊS 20

New Age, Progressivo Eletrônico & Trilha Sonora

AUDIOFONE 29

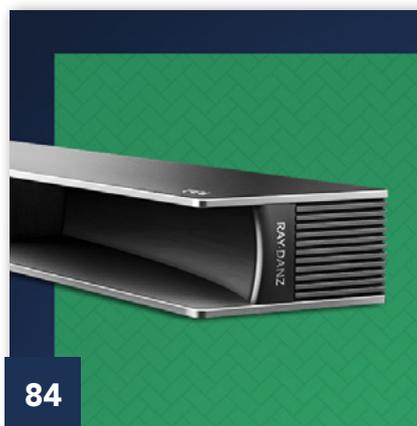
Volume 13



56



64



84

TESTES DE ÁUDIO

48

Pré de phono
Luxman EQ-500

56

Caixa Elac
Debut Reference DBR62

64

Amplificador integrado
Leben CS-300F

72

Toca-discos
Reloop RP-2000 MkII

78

Cabos Lighting I RCA
& Lighting II XLR da
Virtual Reality

84

Soundbar TCL TS9030

ESPAÇO ABERTO 90

A busca incessante pelo
equilíbrio

VENDAS E TROCAS 92

Excelentes oportunidades
de negócios



XX

Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

QUEM REALMENTE PRECISA DE UM SISTEMA HI-END?

Parece estranho, em uma publicação de equipamentos de áudio hi-end, um editorial com este título, mas essa é uma pergunta que me faço há décadas! E quanto mais o tempo passa, mais pertinente essa questão se levanta, principalmente se levarmos em conta o que o mercado oferece na atualidade como a “fonte ideal” para ouvirmos nossa música: o streamer. Recebo uma infinidade de dúvidas de nossos leitores, diariamente, e percebo que os mais novos se contentariam completamente com um bom fone de ouvido ou um sistema simples que coubesse no seu orçamento. E mesmo para os leitores que possuem bons sistemas e investiram muito tempo e dinheiro na montagem de seus setups, percebo que o sistema parece ser mais importante que a própria música. E cheguei à esta conclusão depois de duas décadas e meia conversando com nossos leitores, e principalmente ouvindo suas opiniões a respeito do que eles buscam em seu sistema hi-end. Nos últimos dez anos, passei a anotar essas conversas, pois elas sempre serviram de informação para os meus Editoriais, Opinião e Espaço Aberto, além de serem “vitais” para avaliação de tendências de mercado. E, relendo esses rascunhos, me veio a ideia para este editorial. No meio de uma centena de opiniões, pensamentos e reflexões de vocês leitores, consegui uma síntese do que pode ser o pensamento homogêneo, do que cada um busca em um sistema de áudio hi-end. E, para minha surpresa, o que o consumidor deseja ter muitas vezes coloca a música realmente em segundo plano! Sempre pergunto qual a principal fonte de referência que o leitor se baseou na busca do seu setup? A maioria se baseia em um sistema que lhe agradou, e nunca em uma referência de instrumentos ao vivo não amplificados. Outro dado importante, é que a maioria não tem o hábito de assistir concertos não amplificados - muitos justificam de não ter em sua cidade uma boa sala de espetáculo com acústica decente, mas não colocam entre suas prioridades em viagens de férias, colocar no roteiro assistir um espetáculo ao vivo não amplificado. O que ameniza um pouco essa falta de referência de música ao vivo é que, alguns, tocam ou tocaram algum instrumento ou tem parentes e amigos que tocam. Mas muitos poucos acham que essa referência seja segura na hora de avaliar seu sistema. Na verdade, o que move a escolha dos equipamentos é muito mais subjetivo do que possamos imaginar. Ouço muito determinados “clichês” audiófilos (que já conhecia na minha infância), como: “Escolho meu sistema pela maneira que me

emociona e me envolve com a música que escuto”, “escolho meu sistema pela neutralidade e imparcialidade”, “escolho pela suavidade do sistema, pois detesto um som agressivo e muito presente”, ou “meu sistema tem que ser o oposto do que escuto ao vivo!” Partindo do pressuposto de que um equipamento hi-end precisa lhe dar a maior fidelidade possível ao material gravado, mixado e masterizado, é de se esperar que quanto mais “fidelidade” este equipamento atingir, mais informações poderão ser apreciadas. No entanto, o que percebo é que este não parece ser o vital interesse da grande maioria dos audiófilos. Consigo contar nos dedos as vezes que um leitor me disse que o que ele almeja é poder perceber em seu sistema a diferença da sonoridade entre um piano Bosendorfer e um Yamaha, entre um clarinete Buffet e um Selmer, entre um oboé e um corne inglês, diferenciar a sonoridades da família dos saxofones. Um sistema que lhe mostre com clareza as mudanças na sonoridade do clarinetista Benny Goodman, que usou instrumentos Selmer ao longo de sua carreira, mas que nos últimos anos gravou com um Buffet R13. A razão dos clarinetes, nas gravações dos anos 40 e 50 das bandas de New Orleans terem uma sonoridade mais anasalada, é consequência do uso de clarinetes com furos maiores nos cilindros, que imprimem essa assinatura tão peculiar e que fazem o som “rasgar” o ar e soar mais forte. Isto tem um objetivo: música ao vivo nas ruas de New Orleans - mas em ambientes fechados e tratados acusticamente, como salas de gravação, geram um outro efeito, também interessante e audível em sistemas verdadeiramente hi-end. É um tema tão complexo e fascinante, que prometo voltar a ele em um futuro Opinião. O que importa para este editorial, é que muitos audiófilos se contentam em reconhecer o instrumento apenas, e se souber quem é o músico que está tocando, já é o suficiente. Como sempre me lembra um querido amigo músico, até em um radinho de pilha se consegue reconhecer o instrumento que estamos ouvindo. Se este, amigo leitor, é seu único objetivo, um bom setup hi-fi o atenderá perfeitamente e não lhe fará um rombo em seu bolso. Sistemas hi-end corretos têm muito mais a oferecer, mas o consumidor, para fazer jus a tamanho investimento, precisa desejar ir muito além de reconhecer se aquele trompete que está ouvindo está sendo tocado pelo Miles Davis ou o Wynton Marsalis - e sem a referência da música ao vivo não amplificada, a escolha será muito mais difícil, tortuosa e cara! ■

ELAC

DEBUT REFERENCE DBR62

Com base no status icônico da série Debut da Elac, uma nova linha de referência emerge para nossos revendedores exclusivos. A Debut Reference traz avanços acústicos e visuais significativos. Projetada para combinar com estilos tradicionais ou contemporâneos.

Possui um tweeter de cúpula de tecido, com 1 polegada de diâmetro, 1 woofer de fibra de aramida com 6,5 polegadas e seu gabinete de MDF, garantindo o máximo de qualidade aos amantes de música.

ELAC



DISTRIBUIDORA OFICIAL ELAC NO BRASIL

mediagear.com.br
contato@mediagear.com.br

(16) 3621.7699

@WCJRDESIGN



TV SAMSUNG NEO QLED 8K QN800A



A linha 2021 de TVs da Samsung apresenta a QN800A, TV 8K QLED com uma novidade, a iluminação por mini LEDs. A Neo QLED substituiu 1 LED por 40 Mini LEDs, que segundo o fabricante oferece um preto mais preciso e brilho perfeito. Para os gamers, a QN800A oferece um exclusivo menu de jogo para consultar input lag, FPS e HDR e fazer ajustes. Possui recursos como o Motion Xcelerator Turbo+ e FreeSync Premium Pro, melhorando o tempo de resposta. A taxa de atualização é de 120Hz nativo que melhora a fluidez das imagens. Além disso, possui processador Neo Quantum 8K movido por inteligência artificial que transforma qualquer conteúdo em resolução próxima a 8K. Também há um aprimoramento no áudio com o recurso Som em Movimento Plus que faz com que o som



acompanhe a ação na tela graças a alto-falantes espalhados pelo painel. Também possui a função Sincronia Sonora que une o som dos falantes da TV com uma Soundbar Samsung. Todas as conexões são ligadas ao One Connect que foi remodelado e pode ser encaixado atrás da TV, caso o seu formato de instalação não seja na parede. Outra novidade é a Multi Tela que permite compartilhar conteúdos de dispositivos móveis e assistir várias fontes ao mesmo tempo, dividindo a tela em até 4 partes. O controle remoto sustentável não usa mais pilhas e é recarregável por energia solar ou luz interna. Também oferece assistentes de voz integrados, como Bixby, Google Assistant e Alexa. A QN800A estará disponível nos tamanhos 65, 75 e 85 polegadas. ■



Para mais informações:
Samsung
www.samsung.com/br/



Faça um upgrade seguro no seu sistema: Escute-o corretamente!



O novo painel acústico Pererĩ oferece funcionalidade, eficiência e requinte.

Também desenvolvemos ressonadores, difusores customizados, absorvedores, portas acústicas, racks, pedestais, entre outras peças e dispositivos para salas de audição, estúdios e home theaters.



hi-fi *e*xperience
www.hifiexperience.com.br

JBL XTREME 3: SOM PODEROSO, DESIGN E RESISTÊNCIA PARA LEVAR A TODOS OS LUGARES



Nova geração da caixa de som Bluetooth da marca tem visual moderno, aprimoramento dos recursos de conectividade e mais potência.

Aprimorando seu portfólio de caixas de som portáteis, a JBL disponibiliza no mercado brasileiro a JBL Xtreme 3. O lançamento chega para atualizar esta linha com mais potência, melhor conectividade e um visual totalmente repaginado, com classificação IP67 à prova de água e poeira.

A JBL Xtreme 3 entrega aos consumidores som com graves profundos e nitidez nos mínimos detalhes. O produto foi desenvolvido com quatro drivers e dois radiadores de graves JBL, tendo como resultado um som potente e imersivo para as pessoas levarem a festa para onde forem.

E se necessário aumentar ainda mais o volume, a tecnologia JBL PartyBoost permite emparelhar duas caixas de som JBL para obter um som estéreo, ou conectar várias caixas da marca compatíveis com esse recurso para turbinar as playlists. Através do aplicativo JBL Portable, o usuário pode realizar atualizações de firmware e facilitar essas conexões PartyBoost e estéreo, além da possibilidade de renomear o produto para que a caixa apareça com o nome favorito do consumidor no momento da conexão via Bluetooth.

Em comparação com sua geração anterior, este lançamento também aprimora os recursos de conectividade, agora com a versão Bluetooth 5.1. Já a autonomia de bateria da JBL Xtreme 3 garante a festa para o dia todo, com até 15 horas de reprodução, indicadas pelo medidor em luz LED. Para garantir que o smartphone vai acompanhar esse ritmo, a caixa vem com um powerbank embutido, permitindo carregar os dispositivos eletrônicos sem interromper a música.

Outra grande característica da marca é o design diferenciado de seus produtos, e neste lançamento não é diferente. O visual da JBL Xtreme foi totalmente repaginado nesta terceira geração, com o logotipo mais imponente e arrojado, seguindo a nova identidade visual da marca. A caixa de som ainda acompanha uma prática e confortável alça de transporte com abridor de garrafas, entregando ao consumidor a portabilidade aliada ao estilo e à conveniência. ■

Para mais informações:
JBL

<https://www.jbl.com.br/caixas-de-som-bluetooth/XTREME-3-.html>

PRECISÃO COM ALMA



HD PREAMP

Fundada em 1951, a NAGRA é a empresa suíça de áudio hi-end mais respeitada e admirada neste segmento. Seus produtos são feitos a mão, por profissionais altamente gabaritados e contruídos para durar por décadas. Ter um NAGRA é a realização de todos que amam ouvir música da melhor maneira possível. E AGORA VOCÊ PODERÁ REALIZAR ESTE SONHO!!

NAGRA

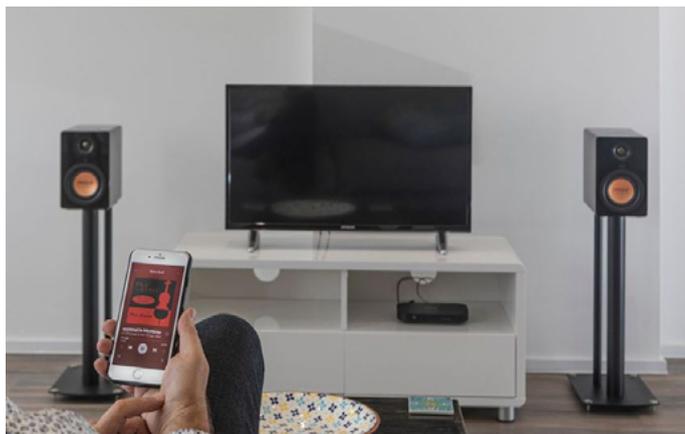
Acesse o link e entenda a paixão mundial pela NAGRA.



DISTRIBUIÇÃO OFICIAL

german
Audio
www.germanaudio.com.br

comercial@germanaudio.com.br - contato@germanaudio.com.br



CAIXAS SEM-FIO USTREAM ONE DA MITCHELL ACOUSTICS

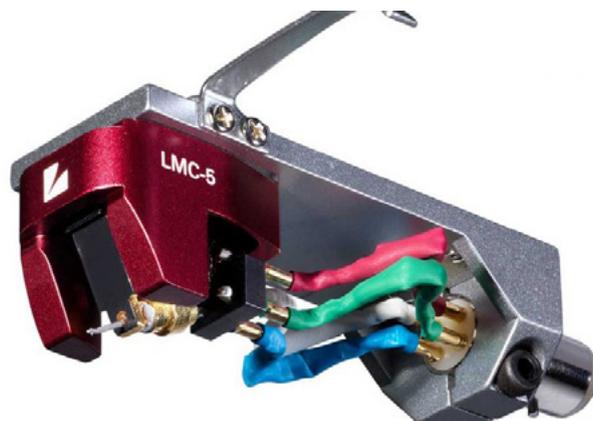
A britânica Mitchell & Johnson Audio - com uma linha de prés, powers e integrados - fechou suas portas ano passado por causa do Brexit. Paul Mitchell agora iniciou a Mitchell Acoustics, com as caixas ativas Bluetooth uStream One, que trazem a promessa de baixo custo e alta performance com smartphones, trabalhando com assistentes digitais como Amazon Alexa e Google Assistant. Com uma resposta de frequência alegada de 20 Hz a 20 kHz, potência de 100 W, e entradas USB, ótica e analógica, as uStream One se conectam uma à outra sem-fio. A etiqueta de preço é de 499 Libras, o par, no Reino Unido. ■

www.mitchellacoustics.co.uk

CÁPSULA LUXMAN LMC-5 REFERENCE

A japonesa Luxman Audio, célebre por sua extensa linha de eletrônica de alto nível, em celebração aos seus 95 anos de existência, acaba de lançar a cápsula MC (Moving Coil) modelo LCM-5, com um corpo semi-aberto e cantilever em alumínio, diamante com perfil shibata e motor de samário-cobalto. A LMC-5 tem 0.4 mV de saída, resistência interna de 4.7 Ohms, 8.5 gramas de peso total e traciona entre 2.1 e 2.3 gramas. O preço da cápsula Luxman LMC-5 é de 2.290 Euros, na Europa. ■

www.luxman.com



GERADOR DE SUBSÔNICOS TORUS DA WILSON BENESCH

A inglesa Wilson Benesch, famosa por suas linhas de caixas acústicas e braços para toca-discos de vinil, anunciou o novo gerador de subsônicos TORUS, prometendo trazer a reprodução da parte subsônica de tímpanos, percussões e outros instrumentos, presente na reprodução dos instrumentos ao vivo, mas que não é reproduzida pelas caixas acústicas, trazendo maior dinâmica e ataque à esses instrumentos. O TORUS utiliza um diafragma ultra leve e rígido de fibra de carbono com polietileno tereftalato. O preço estimado do TORUS será de 13.000 Libras, no Reino Unido. ■

www.wilson-benesch.com



STREAMER KLIMAX DSM DA LINN

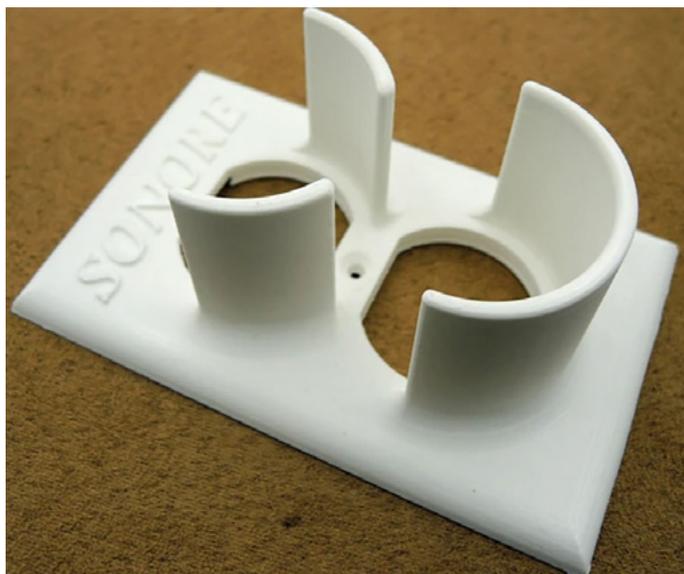
A britânica Linn, conhecida por seus toca-discos e acessórios, além de amplificadores e caixas, apresentou a mais recente versão de seu streamer de música digital. O belo Klimax DSM, além de trazer todas as funções e tecnologias de streaming, e também funcionar como pré-amplificador (trazendo entradas RCA e XLR), é o primeiro equipamento da marca a trazer a arquitetura de DAC Organik, proprietária da Linn, com circuito discreto de jitter ultra-baixo. O preço do streamer Klimax DSD é de US\$ 39.000. ■

www.linn.co.uk

CAIXAS ACÚSTICAS ALEXX V DA WILSON AUDIO

A célebre projetista e fabricante de caixas hi-end norte-americana, Wilson Audio, acaba de lançar a versão mais recente da terceira caixa de sua linha. A Alexx V traz tecnologias e ajustes usados na Chronosonic XVX, segunda e revolucionária caixa da linha da empresa, só que com tamanho menor. A nova Alexx também passa a usar o Material V, proprietário da marca, na parte de cima do gabinete, além de usar o tweeter Carbon Synergy - cujo fechamento traseiro é feito de carbono impresso em 3D - além de várias outras mudanças. O preço do par de Wilson Audio Alexx V é de US\$ 135.000, nos EUA. ■

www.wilsonaudio.com



APOIO PARA CABOS DE FORÇA SONORE

A americana Sonore, especializada em soluções e acessórios para audio a partir de computadores, acaba de lançar o espelho para tomadas de parede de energia elétrica tipo 'hospital-grade' - as usadas na maioria dos sistemas audiófilos - com suporte físico para os cabos de força hi-end mais rígidos e pesados, que frequentemente entortam o plug ou até chegam a soltar da tomada. Os espelhos são compatíveis com plugues de força padrão 15 amperes e 20 amperes, impressos em 3D, e tem uma etiqueta de preço de US\$ 100, nos EUA. ■

www.sonore.us/covers.html



SEM EQUILÍBRIO TONAL, NÃO HÁ SAÍDA

XX Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

Achei, sinceramente, que seria apedrejado após o Opinião do mês passado. Por enquanto, do outro lado das linhas inimigas, silêncio absoluto. Não sei se isto é bom ou não.

Já deste lado da fronteira, muitos leitores (principalmente os mais novos e jovens), agradeceram os esclarecimentos e muitos nos contaram suas experiências com equalizadores, desde o som automotivo, como com seus sistemas microsystems herdados dos pais e irmãos mais velhos.

Interessante que estes leitores manifestaram que, à medida que escutam sistemas “melhores”, percebem que não existe a

necessidade de se equalizar ou corrigir nada. O que faz cair por terra os que defendem que cada um escuta de uma maneira e então é impossível falar em certo ou errado.

Um grande amigo e excelente músico, ao ler o artigo do mês passado me lembrou que em um singelo rádio de pilha (aqueles de bolso que nossos avós ficavam a ouvir a partida de futebol nos domingos, sentados na varanda), são capazes de nos mostrar a diferença de um violino e um cello, ou uma voz soprano e contralto, então como defender a necessidade de equalização pessoal para se extrair todo o potencial de um sistema? ▶

Agora o que um rádio de pilha ou um modesto três-em-um não consegue fazer? Nos mostrar a diferença entre um piano Steinway e um Bosendorfer, ou um violino de estudante e um Stradivarius. Ou as sutis diferenças entre a técnica de um virtuose e um esforçado músico.

Aí que se justifica a busca por sistemas cada vez melhores em termos de performance, para que se possa observar e se “deliciar” com os detalhes. E para os que não querem nada disso e se contentam apenas em ouvir sua música enquanto fazem outras atividades, não percam tempo nem dinheiro investindo em algo que não necessita e nem dá valor.

Mas, imagino que todos que nos leem têm algum interesse em realizar upgrades e ir melhorando passo-a-passo seu sistema, para que os momentos ouvindo sua música sejam cada vez mais prazerosos.

A todos vocês, existe uma questão que não tem como negligenciar e muito menos achar que existe alguma maneira de burlar e, ainda assim, ter um sistema correto.

Essa “pedra no sapato” de todo audiófilo chama-se: Equilíbrio Tonal!

Quanto antes você entender que o Equilíbrio Tonal é o “alicerce” de todo e qualquer sistema hi-end, menos erros você irá cometer e muito menos dinheiro irá perder. Pois sem essa bússola, este mapa, você fatalmente entrará por caminhos muito tortuosos e frustrantes, capazes de fazer sua decepção chegar a um tal limite, que você acaba desistindo deste hobby para sempre.

Conheço centenas de leitores e amigos do meu pai que chegaram a esta encruzilhada e ficaram tão decepcionados, que se desfizeram de seus sistemas e perderam todo o encanto em ouvir música.

Outros não desistem, porém se tornam “dependentes” de uma dúzia de discos ou faixas que seu sistema consegue tocar, expurgando muitas vezes centenas de gravações, sempre com o argumento que são gravações tecnicamente sofríveis e não dignas de serem ouvidas em seu “mega” sistema hi-end.

Conheço uma história verídica (e muitos audiófilos com a minha idade ou mais velhos também conhecem), de um audiófilo do interior de São Paulo que, tão desapontado por décadas buscando o setup ideal, desistiu e enterrou todo o sistema em uma aterro na cidade em que vivia.

Isto é fato, também convivi com um audiófilo que, no final da vida, escutava 12 trechos de 12 músicas apenas, de uma coleção de mais de 7.000 discos, em um sistema de mais de um milhão de dólares (essa cifra no final dos anos 90), pois era na sua opinião as únicas faixas que soavam como ele imaginava ser o correto (e nem eram tão corretas assim).

Outros (muitos outros), ainda que saibam dos erros e desequilíbrios do sistema e da sala, se refugiam no famoso “gosto pessoal”, mas que não se sustenta, à medida que discos que eles expurgaram, mas adorariam continuar ouvindo se o sistema tocasse, escutam com enorme prazer nos sistemas de amigos ou nos nossos Cursos de Percepção Auditiva.

Os leitores que fizeram nossos cursos sempre levaram seus discos mais “problemáticos” para ouvir em nossos Sistemas de Referência, e muitos têm a expectativa que o nosso Sistema fizesse milagres com gravações tecnicamente limitadas. Não entendem (ou não querem compreender), que uma gravação tecnicamente limitada não irá, por um passe de mágica, tocar magistral. Mas em um setup com um exímio Equilíbrio Tonal e no volume correto da gravação, não irá soar sofrível a ponto de não conseguirmos escutar.

E aí entra outra questão: ouvimos nossa música para saber o patamar de um sistema hi-end, ou temos um sistema hi-end para ouvir com maior prazer nossos discos?

Pois são posturas e propostas distintas.

E quando nossa busca é, primeiramente, pelo melhor Equilíbrio Tonal possível, ambas as propostas serão beneficiadas. Este é o pulo do gato!

Quando aprimoramos o Equilíbrio Tonal de nosso sistema e de nossa sala, o número de discos que temos para avaliar o sistema cresce, e os discos que amamos para “justificar” todo o esforço e investimento, também cresce.

Então por que ainda muitos audiófilos não entenderam que a porta de entrada correta para sermos assertivos e bem sucedidos na montagem do sistema dos nossos sonhos é o Equilíbrio Tonal?

E a resposta é tão óbvia que até parece ridícula!

A maioria dos audiófilos possuem enorme dificuldade em reconhecer o Equilíbrio Tonal certo do errado. Muitos acham que saber o que é grave, médio ou agudo, lhes dá o passaporte e livre trânsito para correr o mundo atrás do sistema dos sonhos.

E quanto menos referência de música ao vivo não amplificada ele tiver, menos apto a reconhecer o Equilíbrio Tonal ele está.

Vejo nos cursos que muitos confundem brilho com melhor agudo, coloração nos graves com mais grave, maior transparência com melhores médios.

E estes se assustam quando percebem que à medida que um sistema possui melhor Equilíbrio Tonal, instrumentos que ele achava difícil ouvir em seus sistemas, como flautim, violino, trompete com surdina - pois eram excessivamente agudos - perdem este brilho excessivo, essa dureza.

Tenho inúmeros exemplos para contar, de audiófilos que se negavam a ouvir flautim e violinos, por sempre soarem agressivos em seus sistemas. E sempre ressaltei que o primeiro sinal de que o sistema está errado no Equilíbrio Tonal, é quando toda e qualquer gravação de determinado instrumento fica inaudível! Seja pelo setup ou setup+sala.

E se o audiófilo for persistente e gostar de obras que tenham este instrumento, o que ele faz?

Busca maneiras de contornar o problema - e a primeira “grande” ideia são cabos! Cabos que tirem o brilho e a aspereza nas altas - ainda que ele saiba que sua sala de piso frio, gesso no teto e uma janela ocupando toda uma parede pode ser o causador de todo este desequilíbrio nas altas, até mais do que o sistema.

Mas, afinal, tentar corrigir a acústica demandará tempo, dinheiro e uma negociação com a cara-metade, que não vale a pena! Aí ele começa a peregrinação pelo cabo ou cabos que atenuem o problema, ainda que a compra deste cabo seja, às vezes, mais onerosa que a correção da acústica da sala.

E aí este audiófilo entra em um labirinto que ninguém sabe como vai acabar - mas eu sei. Vai acabar em jogar o problema para debaixo do tapete e aparecer um maior no lugar. Pois quando usamos cabos como “equalizadores”, iremos atenuar as altas e mudar o ponto de equilíbrio de toda a região média. Mas no primeiro instante, ao ver “resolvido” os agudos, ele se dá por satisfeito e acha que expulsou o “monstro” da sala. Exultante, convida os amigos e mostra como “corrigiu” o problema.

Ele esquece que todos nós temos uma memória auditiva de longo prazo, e que com o passar dos dias, ao escutarmos discos que não sofriam com o brilho nas altas, não soam mais da mesma maneira. Os agudos que eram tão agradáveis naquela gravação, agora parecem ter um lençol à frente. Aquele respiro na média-alta, que nas vozes femininas era tão presente, recuou.

Cadê o decaimento do sax tenor?

Ou a oitava mais alta do cello?

É sua memória de longo prazo, lhe cobrando o serviço mal feito, diria meu pai!

Levante a mão quantas vezes você já ficou animado com o uso de um acessório para extrair o excesso de graves, que dias ou semanas depois volta ao que era antes, pois o “acessório” já não pareceu mais tão maravilhoso?

Você certamente sabe o quanto o audiófilo é impulsivo e sem paciência, e aí vamos para o segundo problema que, de tão óbvio, também parece ridículo! Em todos os procedimentos para correção de setup, o audiófilo elege dois ou três exemplos que julga serem

suficientes para avaliações e correções de sistemas. Este é o erro mais frequente que vi em toda minha vida neste universo hi-end (alguns vão ainda mais longe neste erro, usando apenas “um” exemplo ou trecho de uma única música).

Meu amigo, fazer este procedimento é como bater a cara na parede. Pois ajustar um sistema hi-end e corrigir uma sala com problemas acústicos, não é como analisar uma onda senoidal com um ruído rosa!

A música é feita de fundamentais e harmônicos, de variações dinâmicas, de mudança de tempo e andamento, ou seja, de uma complexidade muito maior que sinais puros.

Por isso que uma sala tratada acusticamente pode ter uma resolução linda no analisador de espectro, e soar horrível ao se escutar música.

No final, é preciso o ser humano para escutar música naquela sala e um cérebro para dizer se chegamos lá ou não! E usar uma única música como referência, é cometer o mesmo erro de um sinal puro. Aí quando você se animar e começar a ouvir outros discos, outras faixas, o problema continuará lá. Pode ter até mudado de lugar, mas estará lá!

Então, fugir de enfrentar de cara a questão do Equilíbrio Tonal é inútil, dispendioso e muito caro! Pois, então, enfrente-o desde o começo. E para isso, o que mais precisamos são muitas gravações de diferentes estilos, épocas, e qualidades técnicas. Pois aí saberemos com segurança se estamos ou não caminhando na direção certa.

E eu garanto que o primeiro sinal consistente de que está caminhando, é conseguir ouvir gravações que antes eram inaudíveis!

Não estou dizendo que o Equilíbrio Tonal irá deixar bom o “ruim”. O que afirmo é que: quanto melhor o Equilíbrio Tonal, maior folga (e conseqüentemente, maior condescendência) seu sistema terá!

É uma equação simples e audível!

Outra dica, nada de música eletrônica turbinada e comprimida - use apenas gravações de instrumentos acústicos para essa busca do Equilíbrio Tonal.

Se tiver amigos que você julgue estarem em um estágio acima do seu, neste quesito, peça para ouvir as faixas dos discos que você escolheu para avaliação no sistema do seu amigo. Anote tudo que achar importante, não tenha vergonha de ir à campo fazer essas audições. E não se esqueça de um detalhe crucial: lembre-se que a maior referência para sua memória de longo prazo, é ouvir música ao vivo não amplificada.

Você irá se surpreender como nosso cérebro aprende rápido e como é importante que você memorize os timbres e as diferenças de um violino para uma viola, de um fagote para um oboé ou um corne inglês.

Parecem coisas sem muito sentido para os que acham que o fato de termos um sistema auditivo funcionando sem problemas, é mais do que suficiente para avaliarmos equipamentos - e não é!

Quanto mais ouvirmos e aprendermos a distinguir que instrumentos estamos ouvindo em nossos discos preferidos, mais poderemos ajustar com segurança o Equilíbrio Tonal de nossos sistemas. Pois muitas vezes o audiófilo se passa por “entendido” e experiente, e comete “gafes” homéricas!

Vou citar duas que ocorreram em dois dos nossos Cursos, com mais de 50 participantes. E com dois discos que nós gravamos.

O primeiro se deu quando estávamos mostrando a faixa 11 - Saudade do Brasil, do Tom Jobim, e ao término da faixa, abrindo a discussão para as impressões dos participantes, um deles se levantou e disse que no seu sistema o violino desta faixa era ainda mais sem extensão nos agudos que nos Sistema de Referência usados no Curso.

Deixei-o acabar de fazer suas considerações e perguntei se ele havia lido o encarte do disco. Ele prontamente disse que sim. Peguei o encarte e pedi para um participante ler os instrumentos que tocam nesta faixa: temos o piano no canal direito, uma viola ao centro e um violão no canal direito.

Ou seja, não tem um violino!

Mas, para muitos, viola e violino é “tudo a mesma coisa”. Assim como fagote e contrafagote, ou todos saxofones são só saxofones, etc. Este é um erro que nenhum audiófilo deveria jamais cometer, a não ser que ele tenha o objetivo de ouvir a sonoridade de equipamentos e não música nesses equipamentos. Pois só assim se comete o erro de achar que viola e violino é “tudo a mesma coisa”.

Este participante saiu para o coffee break, e não voltou mais para a segunda parte do curso.

O outro fato ocorreu com o Genuinamente Brasileiro Volume 1, faixa 10, em que o participante também achou a sonoridade do “contrabaixo” com arco pobre e com pouco corpo e quis saber se o instrumento era ruim, o músico, ou se a captação foi feita de longa distância?

Novamente fiz a mesma pergunta se ele havia lido o encarte, e novamente pedi para um participante na primeira fila ler o encarte: trata-se de um duo de um cello e um piano. Não tem contrabaixo - quem está sendo tocado com arco é o cello!

Para este audiófilo, que usa a música apenas para ouvir equipamento e não ao contrário, cello e contrabaixo também é “tudo a mesma coisa”.

E não pense, amigo leitor, que estes dois casos sejam exceção à regra, pois não são. Todos nós conhecemos audiófilos que subvertem a razão da audiófilia, deixando de investir em um sistema para melhorar a audição de seus discos, para usar alguns poucos discos para ouvir sistemas. Estes jamais entenderão que o primeiro passo, e o mais importante de todos, é buscar o Equilíbrio Tonal.

E o mais irônico, é que esses audiófilos também seriam favorecidos com esta busca, pois separariam com maior nível de segurança os produtos mais corretos, neste quesito, dos tortos. Mas como eles negam essa necessidade, suas conclusões também são tortas, assim como suas escolhas.

Sei que essa série de artigos pode estar sendo dura com muitos de vocês, mas como dizia minha avó: “Melhor um remédio amargo que cura, que um doce que não sara”.





Miles Davis

PLAYLIST DE ABRIL

XX Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

Este mês, em vez de cinco discos, farei de dois pianistas que admiro e acompanho há muitos anos, e de seus trabalhos.

O primeiro é o pianista Chick Corea, que nos deixou no dia 9 de fevereiro aos 79 anos de idade, vítima de um tipo raro de câncer que só foi descoberto seis meses antes dele vir a óbito. A primeira vez que ouvi o Chick Corea foi em 1971, na casa de um cliente do meu pai que tinha os belos Marantz 9 e um par de JBL Jubal. Foi o álbum duplo do Miles Davis, *Bitches Brew*, lançado em 1969.

Nunca senti meu pai tão incomodado e eu tão petrificado com algo que sequer imaginava existir - pedi para ver a capa e fiquei devorando a ficha técnica do disco.

Sáimos de lá e a primeira frase dele ao abrir o carro foi: “Como acham que isso é música?”.

E eu com os meus botões: “Uau! Que fusão de rock e jazz maravilhosa!”

Ali se deu o nosso distanciamento musical, mas o respeito permaneceu por tudo que ele me ensinou e representou em minha vida.

A carreira solo de Chick Corea iniciou-se paralelamente às turnês com o Miles, com a banda de fusion Return To Forever e, logo, se tornou um dos ícones de referência do fusion no mundo. Filho de músico (seu pai era trompetista), logo se interessou por dois instrumentos: piano e bateria.

Em 1966 gravou seu primeiro disco - *Tones For Joan's Bones* - e quando Miles estava procurando um novo tecladista para o seu álbum *Bitches Brew*, o produtor mostrou uma fita com Chick Corea tocando piano elétrico e Miles gostou daquela “digitação”, que tinha um tempo na mão esquerda muito preciso.

Depois de quase dois anos de estrada com Miles Davis, Chick Corea conheceu Anthony Braxton e um jovem e promissor baixista Dave Holland, e começaram a trabalhar em um projeto musical de jazz acústico, mas com uma linguagem vanguardista. Este período durou pouco, pois mais uma vez Corea ouviu dois talentos que começavam a despontar no cenário musical de Nova York, e ficou fascinado quando os ouviu no Village Vanguard. Estamos falando do guitarrista Al Di Meola e do baixista Stanley Clarke. ▶



◆◆◆ OUÇA O TONES FOR JOAN'S BONES - CHICK COREA (VORTEX, 1968), NO TIDAL.

🎧 OUÇA O TONES FOR JOAN'S BONES - CHICK COREA (VORTEX, 1968), NO SPOTIFY.

O Return to Forever durou uma década, e rendeu três Grammys e vários Discos de Ouro.

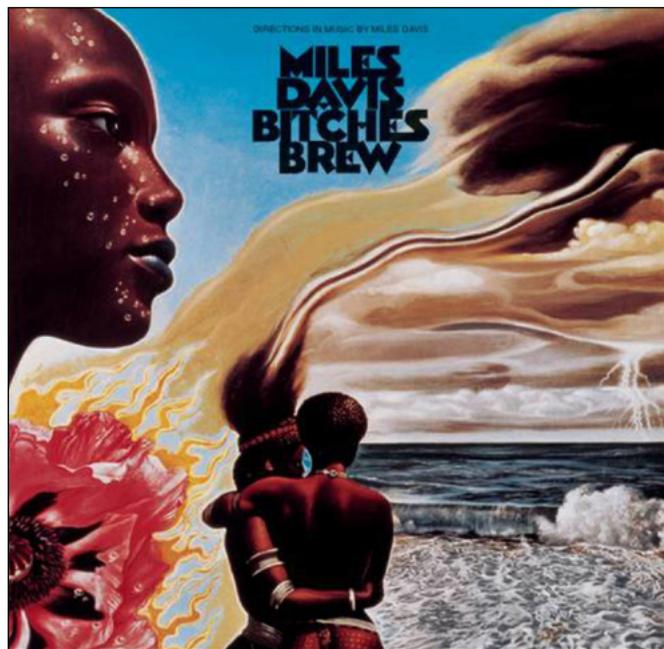
No final dos anos 70, novamente Chick Corea deu uma guinada ao conhecer o também pianista Herbie Hancock e o vibrafonista Gary Burton. Simultaneamente a esses dois músicos, também tocou e gravou excelentes álbuns com Miroslav Vitous, Michael Brecker e Roy Haynes.

No meio dos anos 80, paralelamente a todos esses trabalhos, montou a Elektric Band, e a Chick Corea Akoustic Band - trabalhos que foram lançados pela gravadora GRP.

No início deste século, fez alguns discos solo e em 2007 um excelente disco (que eu recomendo) em duo com o virtuose do banjo Béla Fleck.

Neste mesmo ano (2007) juntou-se ao guitarrista John McLaughlin (que havia também participado do disco do Miles Davis), e fizeram algumas turnês. Em 2008 com a pianista japonesa Hiromi, gravaram o álbum Duet (que também recomendo uma audição).

Entre 2009 e 2012, gravou e fez apresentações mais esporádicas - até que em 2016 formou uma nova banda, The Vigil, quando celebrou 75 anos, e fez uma série de apresentações em Nova York no clube Blue Note ao lado de inúmeros amigos, como: Herbie Hancock, Wynton Marsalis, John McLaughlin, Stanley Clarke, etc.



◆◆◆ OUÇA O BITCHES BRES - MILES DAVIS (SONY, 1959), NO TIDAL.

🎧 OUÇA O BITCHES BRES - MILES DAVIS (SONY, 1959), NO SPOTIFY.

Sempre incansável, em 2019 reuniu um octeto de novos talentos para fazer um trabalho de fusão da música flamenca com a música latina. Trabalho que deu o nome de *Spanish Heart Band*.

Seu último trabalho gravado foi *Antidote*, lançado em 2019 com a Spanish Heart Band. Este trabalho derradeiro resume de maneira exemplar, e sintetiza magistralmente, a grandeza deste pianista para o jazz e todas as suas vertentes. É um disco que, em 11 faixas, nos dá uma ideia de como Chick Corea era um músico sem preconceitos e que sempre buscou conciliar estilos e gêneros musicais que aparentemente eram antagônicos.

Sua versatilidade em trabalhar o tradicional com as fusões nos dão a dimensão exata de sua importância para o jazz do final dos anos sessenta. Mas, como por trás de todo grande artista existe o homem, termino minha homenagem com um trecho de sua carta testamento lida por seus familiares no comunicado de sua morte:

“Quero agradecer a todos aqueles que, ao longo do meu percurso, ajudaram a manter a chama da música incandescente. É minha esperança que todos os que têm uma intuição e inclinação para tocar, compor e atuar, ou qualquer outra coisa, o façam. Se não o fizerem por vocês, façam pelo resto de nós. Não só o mundo precisa de mais artistas, como também é mesmo muito divertido.” ▶

PLAYLISTS



◆◆◆ OUÇA O THE ENCHANTMENT - CHICK COREA E BELA FLECK, NO TIDAL.

🎵 OUÇA O THE ENCHANTMENT - CHICK COREA E BELA FLECK, NO SPOTIFY.



◆◆◆ OUÇA O ANTIDOTE - CHICK COREA E THE SPANISH HEART BAND, NO TIDAL.

🎵 OUÇA O ANTIDOTE - CHICK COREA E THE SPANISH HEART BAND, NO SPOTIFY.



◆◆◆ OUÇA O DUET - CHICK COREA E HIROMI, NO TIDAL.

🎵 OUÇA O DUET - CHICK COREA E HIROMI, NO SPOTIFY.

A outra pianista que muito admiro é cubana, e se chama Marialy Pacheco. Nascida em Havana em 1983, Marialy veio de uma família musical e começou a estudar piano com apenas 6 anos de idade. Seu talento logo foi notado e ela conseguiu uma bolsa no disputado conservatório musical Alejandro Garcia Caturla.

Com 15 anos, frequentou a Escola Nacional de Artes, seguidos de três anos de composição com o maestro Tulio Perrano no Instituto Superior de Artes de Havana.

Em 2002, ela ganhou o concurso cubano Jo-Jazz, em que o principal juiz do evento era o também pianista Chucho Valdés, que ficou impressionado com a técnica e a criatividade de Marialy. Dois anos depois, ainda em Cuba, gravou seu primeiro disco: Bendiciones.

Cuba ficou pequena para o seu enorme talento, e em 2004 depois de cinco meses de turnê pela Europa e críticas excelentes tanto em suas apresentações solos, como com seu trio, mudou-se para a Alemanha. E lá praticamente construiu toda a sua carreira.

Em 2013 ela foi convidada para se apresentar, no jubileu de 185 anos da Bosendorfer, como a única pianista de jazz para o evento que reuniu dezena de pianistas de música clássica, e sua apresentação teve tamanha repercussão que, em 2014, Marialy foi anunciada como a primeira pianista de jazz em todo o mundo a ser uma artista Bosendorfer oficial!

Ainda querendo ampliar seus horizontes musicais, em 2014 ela estreou como pianista clássica realizando concertos de Bach com a ▶

Orquestra Sinfônica de Brisbane, na Austrália, regida pelo maestro Gustavo Gimeno.

Em 2016, Marialy lançou o projeto mais ambicioso de sua carreira: o Danzon Cubano junto com a Orquestra WDR Funkhaus, em shows no evento Beethovenfest, em Bonn. E em 2017, foi reapresentado com a Filarmônica de Koln e no Viersen International Jazz Festival.

Ainda em 2017, lançou seu novo trabalho *Duets*, um álbum com amigos queridos que ela fez ao longo dos últimos dez anos. Entre eles, Hamilton de Holanda, Omar Sosa, Joo Kraus, Rhani Krija, Miguel Zenón e Max Mutzke.

Dois anos depois, em 2019, ela lançou a versão ao vivo do *Danzon Cubano* (uma das três gravações que aqui indico). Em termos técnicos e artísticos, é o seu melhor trabalho até o momento - em minha humilde opinião.

Junto com ele indico na Playlist deste mês o disco *Introducing*, um trabalho de 2014, com seu novo grupo, formado por músicos jovens colombianos (todos excelentes). Eu sugiro que o amigo leitor comece a audição deste trabalho mais intimista de Marialy pela faixa cinco - Cuban Suite (Danzón), que em sua introdução nos remete aos impressionistas franceses e nos dá uma pista dos futuros passos desta exuberante pianista, que começa a fazer uma síntese da pianista de jazz e a pianista clássica, que certamente nos brindará com discos ainda mais belos e singelos no futuro! ■



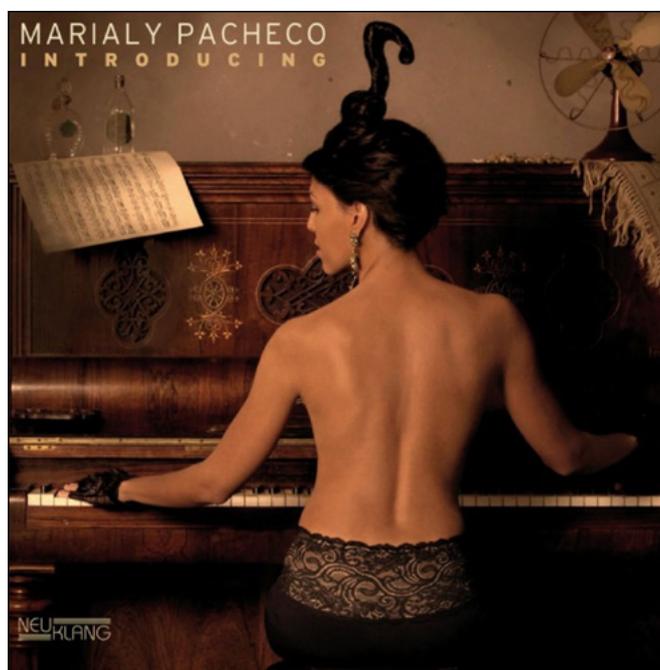
◆◆◆ OUÇA O DANZÓN CUBANO (LIVE IN VIERSEN) - MARIALY PACHECO TRIO, NO TIDAL.

🎧 OUÇA O DANZÓN CUBANO (LIVE IN VIERSEN) - MARIALY PACHECO TRIO, NO SPOTIFY.



◆◆◆ OUÇA O DUETS - MARIALY PACHECO, NO TIDAL.

🎧 OUÇA O DUETS - MARIALY PACHECO, NO SPOTIFY.



◆◆◆ OUÇA O INTRODUCING - MARIALY PACHECO, NO TIDAL.

🎧 OUÇA O INTRODUCING - MARIALY PACHECO, NO SPOTIFY.



Barbara Higbie - pianista



NEW AGE, PROGRESSIVO ELETRÔNICO & TRILHA SONORA

 Christian Pruks
christian@clubedoaudio.com.br

Várias vezes, quando eu ainda tinha a paciência de escrever em fóruns de áudio e música na Internet, diálogos chegavam em um ponto onde ficava claro que alguns audiófilos não têm nenhum tipo de Metodologia ou de Referência. 'Audiófilos' são aqueles que gostam de ouvir a música com a maior qualidade sonora que for acessível à eles. Ou pelo menos, assim deveria ser (o termo 'audiófilo' não faz julgamento do gosto ou nível de interesse musical).

Isso virou uma espécie de chavão pra mim, onde fica claro que para ser audiófilo (de acordo com a definição acima) torna-se necessário ter esses dois itens: Metodologia & Referência - e acho que vou fazer uma camiseta com isso na frente.

Como alguém poderia julgar qual é o melhor hambúrguer, sem ter uma referência sobre o que é um bom hambúrguer? Como alguém pode avaliar um hambúrguer frente à sua referência de qualidade, sem usar alguma metodologia? Talvez 'avaliando' que os dois tenham o mesmo tamanho? Ou o prato em que foi servido é do

mesmo tamanho? Ou seja, as pessoas com pouca informação ou estudo sobre algo, tendem a ver a coisa pelo ponto de vista quantitativo (no caso, o tamanho) e não pelo qualitativo (origem da carne, temperos, como foi cozido, etc). Os hobbies de 'qualidade' precisam de empenho, estudo e dedicação - e isso dá trabalho! E ninguém gosta de admitir que não sabe - o que me leva a pensar como é que as pessoas se iniciam em qualquer coisa que seja, se acham que já nascem sabendo...

Agora, vocês me perguntam: por que falar isso na abertura de um texto sobre Música? Bom, aqui é que eu ' piso em ovos ' um pouco, simplesmente por não tentar entrar no julgamento da especificidade do que os audiófilos ouvem. Eu mesmo ouço, como já disse antes, várias coisas que estão longe de serem as mais 'eruditas' (por motivos sentimentais), mas me guio e procuro guiar os outros a sempre procurar entender música, aprender e lapidar. Afinal, se seu hobby é ouvir sua música favorita com qualidade sonora, então não é melhor ouvir cada vez mais Música de Qualidade, não? 

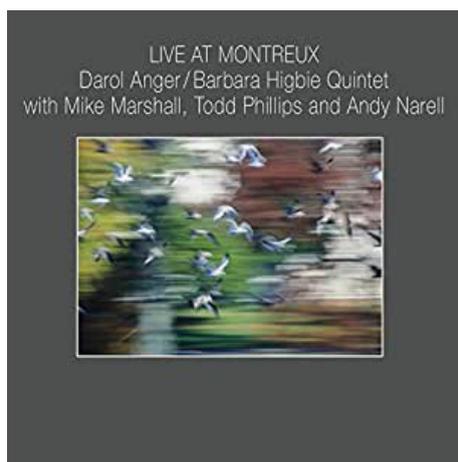
DISCOS DO MÊS

Falo isso porque sempre acompanho alguns fóruns, avaliações, reviews, blogs, etc. E sempre que vejo algum disco ou artista com que não tenho familiaridade, procuro ouvi-lo. E fico bestificado como tem porcaria sendo ouvida por aí - desde banalidades mal compostas e mal tocadas, até barulho puro e óbvio sob qualquer classificação possível, até gravações com qualidade sofrível, que alguns reviewers insistem em usar para suas avaliações, incorrendo em erro, 'apoiados' pela ideia de deve-se avaliar o equipamento com aquilo que se gosta de ouvir... Mas, amigo leitor (o Fernando Andrette me paga uma coxinha toda vez que eu uso essa frase), ninguém no mundo jamais conseguiu fazer um bom hambúrguer com carne sebenta de terceira, conseguiu? Então qual é o sentido de avaliar sistemas e componentes, ou até mesmo de usufruir do melhor equipamento, ouvindo discos ruins e mal gravados?

Tudo que é disco sugerido por gente da audiófilia têm que ser produto de dois critérios, na minha rele opinião: 1. Decente qualidade sonora, porque ninguém quer ouvir gravações ruins (ou, pelo menos, não deveriam querer...), e 2. Que tenha decente qualidade musical. E, ainda, meu esforço aqui nesta coluna é e sempre será de sugerir discos que seguem esses dois critérios. Nada de discos com 60 minutos de rádio fora de sintonia - outros músicos mais 'gabaritados' já tentaram isso antes, e não foram bem sucedidos. Não quando o critério é qualidade 'Musical'...

E o que temos, então, no cardápio de hoje? Primeiro, um disco de "new age" quase jazz, acústico, gravado ao vivo no Festival de Montreux. Segundo um disco de rock progressivo eletrônico com um grande mestre aliado à uma das mais conhecidas vozes do progressivo. E, para finalizar, uma trilha sonora obrigatória para os amantes do gênero.

Vamos à eles:



Darol Anger & Barbara Higbie Quintet - Live At Montreux (Windham Hill, 1985)

Meu primeiro contato com a gravadora Windham Hill se travou, acredite, no som ambiente de um restaurante e empório, em uma cidade turística, na segunda metade da década de 80. Era uma coletânea chamada *Windham Hill Records Brasil 1987*, com a magnífica faixa *On The Threshold of Liberty*, do trompetista e compositor Mark Isham. Me chamou a atenção que, no restaurante, em um microsystem tocando a versão cassete do disco, a qualidade de som era muito interessante, além da música, claro. Tive depois essa coletânea em vinil, e em CD, e daí pra frente vários discos desse excelente selo - os quais fui garimpando ao longo dos anos em sebos de vinil. Tá vendo como as coletâneas funcionam? E o gerente do restaurante é meu amigo até hoje.

Windham Hill é da época que aquilo que foi chamado de 'New Age' ainda não era o estigma de 'eletrônico sonífero', de etéreo, de 'inofensivo' - pelo contrário! A maioria esmagadora do repertório da gravadora nada tem de eletrônico. Às vezes eu acho que alguém dentro das grandes gravadoras e distribuidoras ouvia cinco minutos dos discos, em um três-em-um, não sabia definir qual a categorização, qual a origem daquela música, achava ela diferente ou estranha, e jogava em uma dentre duas caixas de papelão: se fosse barulhento, ia pra caixa escrito 'Alternativo'. Se não fosse barulhento, ia pra caixa com a etiqueta 'New Age'. O problema é que, junto com as coisas boas de New Age, naquela caixa também foram parar discos bizarros, tipo triângulo solo tocado em cima de um monociclo no pico das pirâmides, no solstício (permitia lançar quatro discos quase iguais por ano, um para cada solstício - todos ouvidos à exaustão em salas de espera de fábrica de incenso). E isso vendia pacas durante uma época!

O selo Windham Hill foi fundado em 1976, como um hobby, pelo músico e produtor Will Ackerman e sua namorada Anne Robinson, trazendo o que foi chamado por muitos de 'música para uma vida calma'. O próprio Ackerman afirma que o caminho musical que o selo tomou não foi proposital, mas que os artistas acabaram trazendo um tipo de música folk e instrumental mais suave - a começar do primeiro disco do selo, o álbum de violão acústico *In Search of the Turtle's Navel*, do próprio Will, que inaugurou o selo. Ackerman depois declarou que "Não estávamos tentando vender alguma filosofia ou vender óleo de patchouli, estávamos apenas tentando vender música". A explosão de sucesso veio nos anos 80, sendo que a célebre loja de discos americana Tower Records chegou a ter uma seção exclusiva para os discos da gravadora. Querendo se dedicar mais à música, Ackerman vendeu a Windham Hill para o grupo BMG em 1992, e a distribuição do selo passou depois da asa da BMG para a Sony Music - e, que eu saiba, hoje o selo é só 'catálogo', não lança mais nada há mais de uma década. ▶

Anos atrás, encontrado em um sebo, no bairro de Pinheiros, em São Paulo, comprei o vinil nacional lacrado do disco, selo Windham Hill, *Live in Montreux* com o quinteto composto pela pianista americana Barbara Higbie (que já tocou com o Kronos Quartet), o violinista americano Darol Anger (que tocou com Stephane Grappelli, Béla Fleck e faz parte do Turtle Island String Quartet), com Mike Marshall no bandolim, Todd Phillips no contrabaixo acústico, e Andy Narell no steeldrum (tambor de aço). Formado no início da década de 80, depois de tocar no Festival de Montreux de 84, o grupo acabou durando até 1990.

Definir o estilo da música desse quinteto é mais ou menos como pedir uma ‘vitamina’ batida na hora, no balcão de alguma padaria: vai leite, mas as frutas que vão dentro dependerão do humor do departamento de compras da padaria. É tudo fruta, mas é variado (no caso da vitamina). Chamado por aí de jazz, world, folk, country e até fusion, o disco foi, portanto, classificado como New Age - ação fácil, já que o selo Windham Hill estava em alta, e se eles lançassem um disco de heavy metal, o mesmo iria para as prateleiras de New Age. É um disco bonito, bem tocado, suave, ‘sonhador’ e introspectivo - e muito bem gravado!

Nos primeiros discos da Windham Hill, a gravadora tinha um certo orgulho da qualidade de suas gravações, ao ponto de escrever no encarte de alguns que eles eram gravados com, normalmente, dois microfones de alta qualidade - a conotação era claramente audiófila. Aqui no disco *Live in Montreux*, eles não fazem a mesma propaganda. Mas, não se preocupem, o disco é muito bem gravado, no mesmo alto padrão de sempre do selo.

Atenção especial deve ser dada às faixas *The Lights in the Sky Are Stars*, e *Brann St. Sonata*, entre outras.

Pode ser encontrado em: CD / Vinil / Serviços de Streaming selecionados. Como tudo da Windham Hill é bem gravado, o CD é muito bom e o streaming está bem decente pra ouvir. A grande sacada aqui é achar o disco em vinil, o LP. Bom, por ser um disco de 1985, a muito boa prensagem nacional está disponível em boas quantidades - e pode facilmente ser encontrada em perfeito estado no Mercado Livre por preço de almoço em lanchonete. Tem uma dúzia de exemplares baratos para vender lá por preços próximos de 30 e poucos reais - e tem um vendedor que pede 158 reais (e não dá pra saber nem se é importado ou não) e outro que declarou o vinil nacional como “raro”, tirando da cartola dele em um domingo no parque, e está pedindo 755 reais (lembrem-se que, do tal disco ‘raro’ tem uma dúzia pra vender, e barato, no mesmo mercado). Claro que os mais dedicados poderão garimpar em sebos, ou ter a sorte de alguém trazer de fora, e porem suas mãos em uma prensagem americana, europeia ou, queiram os deuses: japonesa! Não achei informações sobre prensagens atuais, em 180 gramas.



OUÇA UM TRECHO DA FAIXA “*THE LIGHTS IN THE SKY ARE STARS*” NO YOUTUBE: [HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=-51P0KD7ELW](https://www.youtube.com/watch?v=-51P0KD7ELW)

QUALIDADE DE SOM

MUSICALIDADE



Darol Anger & Barbara Higbie Quintet ▶

DISCOS DO MÊS



Jon And Vangelis - Short Stories (Polydor, 1980)

Lá para a época do final da década de 70 e começo de 80, um comercial de TV extremamente bem feito, para a marca de cigarro 'baixos teores' Advance, trazia a música *Pulstar*, do mestre da música eletrônica Vangelis (do disco *Albedo 0.39*, de 1976). Na mesma época, a TV brasileira passou, aos domingos, os episódios da maravilhosa série documental *Cosmos*, do cientista, físico e astrônomo americano Carl Sagan - esta série usava na abertura uma das melhores faixas do tecladista grego: *Heaven and Hell, 3rd Movement* (do disco de mesmo nome, de 1975).

Até hoje eu não me lembro qual dessas eu ouvi primeiro. Mas lembro que a música de Vangelis se tornou uma das que mais interessava meu pai - que a vida inteira foi um aficionado e um entendido de música clássica. Vangelis era um dos poucos extras que ele gostava de ouvir. E eu também!

Nessa época que eu comecei a ouvir muito a banda inglesa de rock progressivo Yes, cortesia de um vizinho mais ou menos da minha idade, cujo irmão mais velho nos educou com rock progressivo, como Yes, Triumvirat e, também, o tecladista francês Jean-Michel Jarre. Até hoje, junto com a base que tive em casa de música clássica, prevalece como favorito o gosto pelo rock progressivo de todos esses e vários outros artistas - e vários seguidores, herdeiros e vertentes do mesmo.

O contato com o Yes trouxe a admiração pela bela voz de seu vocalista, Jon Anderson, nascido John Roy Anderson, em 1944 na região de Lancashire, na Inglaterra, descendente de escoceses e irlandeses. Com um nome que foi uma homenagem dos pais a um cantor inglês chamado "John Roy the Melody Boy", Anderson chegou a trabalhar em uma fazenda, como motorista de caminhão, entregador de leite, e até tentou ser jogador de futebol - uma paixão desde a tenra idade. Seu talento para o canto o levou a participar

de várias bandas de sua região, chegando a viajar pela Europa com algumas delas, chamando a atenção da mídia especializada. Em 1968 fez uma amizade com Jack Barrie, dono do clube La Chasse, em Londres, e que depois o apresentou ao baixista Chris Squire. Logo começaram a compor juntos, e a agregar os outros membros do que se tornou uma das mais famosas bandas de rock progressivo da história, o Yes.

Em 1974, o célebre tecladista Rick Wakeman anunciou sua saída do Yes, para cuidar da carreira solo. Anderson, que já era fã do trabalho do tecladista grego Vangelis, o convidou a vir até a Inglaterra, para fazer uma audição com a banda, para substituir Wakeman. Aconteceu que Vangelis teve dificuldades de obter visto para trabalhar na Inglaterra, e também sempre foi reticente em sair em turnês ao vivo, ainda mais com uma grande e famosa banda. A vaga acabou sendo preenchida pelo tecladista suíço Patrick Moraz.

Evângelos Odysséas Papathanassiou nasceu em Agria, na Grécia, em 1943, e começou a se interessar claramente por música aos 4 anos de idade, quando começou a brincar com o piano da família, e a usar as panelas da cozinha como percussão. Sua família então o pôs para ter aulas de música aos seis anos, mas Vangelis não se adaptou, preferindo fazer as coisas do seu jeito - o que o fez desenvolver uma técnica própria e ser um músico autodidata, desenvolvendo excelente memória musical. Até hoje ele agradece não ter tido lições de música, porque considera que isso teria travado sua criatividade. Dividindo sua afinidade entre a percussão e o piano, ele descobriu na adolescência o jazz e o rock, adquiriu um órgão Hammond B3 e começou a formar bandas no colégio, sendo a mais célebre chamada The Forminx.

Com o fim do Forminx, Vangelis trabalhou em estúdios, compondo e produzindo artistas gregos, até 1968, quando a situação na Grécia estava muito complicada política e socialmente, graças ao golpe de 1967. Vangelis tentou ir para Londres, mas não conseguiu visto, e acabou passando até 1974 em Paris, onde formou a banda de rock progressivo Aphrodite's Child, com expatriados gregos, como Demis Roussos, Loukas Sideras e Anargyros Koulouris - e tiveram vários discos e vários sucessos, como *Rain and Tears*, *It's Five O'Clock*, e o disco *666*. Vale dizer de a sensacional voz de Demis Roussos era um dos grandes chamativos do Aphrodite's Child, o que me leva a pensar de ele depois sofreu de 'Síndrome de Roberto Carlos', partindo para gêneros musicais bem menos eruditos que o rock progressivo, indo assolar rádios de sala de espera de consultórios médicos, juntamente com Ray Conniff e o citado ex-exponente da Jovem Guarda brasileira, rs...

Desentendimentos levaram ao fim do Aphrodite's Child, e Vangelis entrou de cabeça em sua carreira solo, com trilhas de filmes e trabalhos instrumentais e experimentais. Uma carreira que dura até hoje! Com destaques internacionais, como o Oscar pela trilha sonora de ▶



Jon Anderson & Vangelis

Chariots of Fire, a magnífica trilha de *Blade Runner*, e a obra sinfônica coral *Mythodea*, que a NASA usou como música oficial para sua missão Mars Odyssey, em 2001, e resultou em um concerto ao vivo na Grécia, com orquestra, coral, percussão, as sopranos Kathleen Battle e Jessye Norman e, claro, Vangelis nos teclados, com cara e jeito de Papai Noel. Esse concerto existe em DVD.

Apesar da negação de Vangelis em assumir o cargo no Yes, a amizade entre ele e Jon Anderson manteve-se. Tanto que, em 1975, quando Vangelis mudou-se da França para Londres, onde montou seu estúdio, o Nemo Studios (que ele chamava de “Laboratório”), Anderson contribuiu com os vocais na faixa *So Long Ago So Clear*, do disco *Heaven and Hell*, e tocou harpa no disco *Opera Sauvage*, de 1979. E, finalmente, ainda em 1979, fizeram o primeiro de quatro discos juntos, sob o nome Jon And Vangelis: o álbum *Short Stories*, com música de Vangelis e letras e vocais de Anderson.

Todo o processo, desde a composição, arranjo, mixagem e masterização do disco *Short Stories*, demorou apenas pouco mais de duas semanas - “não consecutivas”, segundo Vangelis. Ambos queriam gravar algo apenas pela diversão, pelo prazer de criar música juntos, então o disco praticamente não usa overdubs, e todas as faixas foram gravadas em um take só, trazendo elementos de composição e arranjo que misturam clássico, rock e folk. Jon Anderson canta, Raphael Preston é creditado por violão acústico em algumas

faixas, e Vangelis toca teclados, sintetizadores e piano. Só que eu acho que o Vangelis também toca as percussões, usadas amplamente no disco (lembrem-se que ele é também percussionista, e que muitos de seus discos da década de 70 trazem ele, notoriamente, tocando as percussões de seus discos).

Eu faço um esforço de vida em não ser ‘crítico’ de música - porque a maioria deles me parece que vive em Marte, falando venusiano, para leitores lunáticos (não são esses os habitantes da Lua?). Um crítico disse que esse disco era “inteiramente inaudível”, e eu realmente não quero saber o que ele considera ‘audível’... Outro disse que as letras eram complexas demais para o ouvinte médio (sério, me digam onde esse cara estava durante TODO o rock progressivo?!?). *Short Stories* é, para mim, uma das obras primas do progressivo, e um dos meus discos favoritos há mais de três décadas. E não é um álbum difícil de ouvir, muito pelo contrário!

Eu chamo esse disco de rock progressivo eletrônico, porque é principalmente eletrônico, porque o trabalho de Vangelis foi muito presente na cena e no mundo do progressivo, porque Jon Anderson é um artista de rock progressivo - como é sua banda Yes. Porém, este disco (e o Vangelis) já foi taxado - por malucos desinformados - de ‘new age’, ‘ambient’, ‘synth pop’ e ‘electronic’.

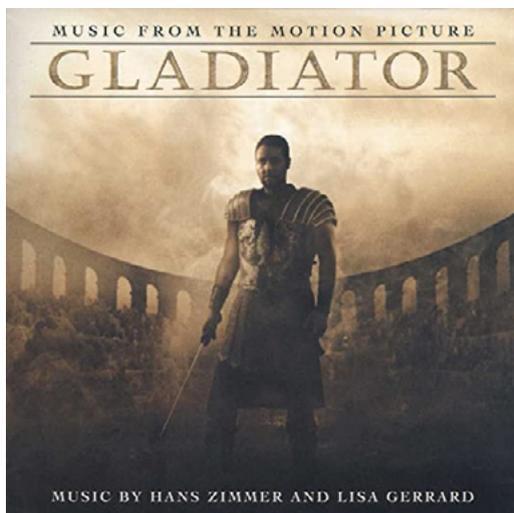
Destaque para as faixas *Curious Electric*, e *Play Within a Play* - muito boas, em um disco que vale a pena ser ouvido inteiro! ▶

DISCOS DO MÊS

Pode ser encontrado em: CD / Vinil / Serviços de streaming selecionados. O CD usual, tirado a partir da masterização para CD da década de 80, não é tudo isso. Outras masterizações, principalmente de CDs europeus ou japoneses, são muito mais legais e, acho, são o objetivo para o fã dessa mídia. Como é um disco de 1980, e que fez um bocado de sucesso, prensagens em vinil são abundantes - só no Mercado Livre há mais de 60 à venda, acho que todas nacionais que, por falta de outra, tem boa serventia. De novo, como sempre, a melhor opção são as prensagens americanas e européias, e o 'Santo Graal' é a prensagem japonesa. Não achei informações sobre prensagem recente em 180 gramas. Neste caso, o conteúdo em serviços de streaming é digno de nota, porque uma boa parte dos discos das primeiras duas décadas do Vangelis foram remasterizados e lançados em uma caixa chamada *Delectus* - e este disco, *Short Stories* é um deles, e a caixa está disponível em quase todos os serviços de streaming.



OUÇA UM TRECHO DA FAIXA “*CURIOUS ELECTRIC*” NO YOUTUBE: [HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=0AHK-D8OLPY](https://www.youtube.com/watch?v=0AHK-D8OLPY)



Hans Zimmer & Lisa Gerrard - Trilha Sonora de Gladiador (Decca, 2000)

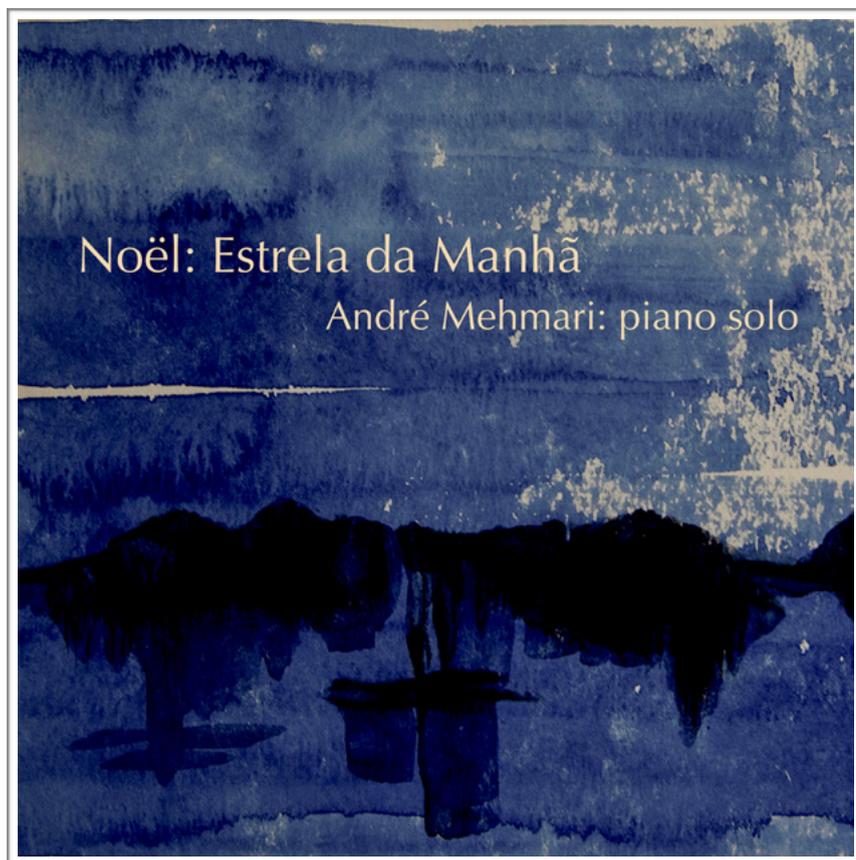
Um dos últimos filmes do estilo 'cinemão', foi *Gladiador*, do diretor inglês Ridley Scott - depois virou um tal de cinema de ação e pancadaria, em ritmo rápido, e com atuação do mesmo nível de uma novela mexicana, e o roteiro com a mesma profundidade de uma poça d'água de dois dias.

Confesso que, com raras exceções, se Ridley Scott estiver envolvido, vou ver até teatro de fantoche de escola - afinal ele é um de meus diretores favoritos, responsável pelo que é um dos melhores filmes de todos os tempos, *Blade Runner* (cuja trilha é o mais famoso trabalho do tecladista grego Vangelis), além de se especializar em belíssimos filmes, como *Os Duelistas* (a fotografia mais bonita que já vi em um filme), *Chuva Negra, 1492: A Conquista do Paraíso, Cruzada*, entre outros.

A trilha de *Gladiador* complementa bem o filme, e traz pérolas dadas pela contribuição da cantora e compositora australiana Lisa Gerrard, de voz incrivelmente única. Gerrard é conhecida por ser metade da banda australiana-britânica Dead Can Dance (já recomendada aqui nesta seção). A parte orquestral da trilha de *Gladiador* é do célebre Hans Zimmer - figurinha carimbada do meio das trilhas sonoras, e já muito premiado, inclusive pela própria trilha de *Gladiador*, prêmios divididos com Lisa Gerrard, claro - entre eles o Globo de Ouro de Melhor Trilha Sonora. O filme *Gladiador*, em si, ganhou Oscar de melhor filme, figurino, efeitos, som, e melhor ator, para Russell Crowe. Baita filmão - se não assistiram, assistam. Duvido que tenha alguma pessoa que, ao sair do cinema, não ficou com vontade de ir comprar a trilha sonora, nem que seja só por causa da faixa que fecha o filme: *Now We Are Free*, belamente cantada por Lisa Gerrard.

Nascida em 1961 em Melbourne, na Austrália, Lisa Germaine Gerrard é conhecida pelo seu extenso trabalho desde 1981 frente ao grupo Dead Can Dance - considerado o grupo de rock alternativo ou art-rock, que iniciou um movimento chamado de 'neoclassical dark wave' (vão gostar de rótulos assim lá longe!). Gerrard foi agraciada com uma voz - e talento - que lhe dá tanto o alcance de contralto dramático quanto o de mezzo-soprano, e com um timbre sempre muito interessante, e que canta tanto em inglês quanto em uma língua inventada por ela, e sempre usando temperos trazidos do Dead Can Dance, que mistura folk europeu com mantras, com música do oriente médio, entre outros estilos. Além de discos solo e colaborações, Lisa Gerrard tem uma extensa lista de participações em trilhas sonoras, incluindo *O Informante* (1999) e *Missão Impossível 2* (2000).

Com uma das mais extensas discografias dentre os compositores de trilhas para o cinema, está Hans Florian Zimmer, nascido em Frankfurt em 1957. Zimmer é outro autodidata musical, em sua maior parte, pois teve aulas de piano somente por duas semanas porque não gostava da disciplina formal delas. Teclados, sintetizadores e ▶



Novo album piano solo
Dedicado à obra de
Noel Rosa

Já disponível nas
plataformas digitais.

Arquivos originais em
24/96 disponíveis
para venda exclusiva
através do site.

Lançamento
Janeiro 2020

“Foi na noite do dia 19 de outubro de 2019 que este álbum foi integralmente gravado, num só fôlego. Minha vontade foi mesmo criar um som intimista, noturno, aconchegante e lento. Abri o songbook Noel Rosa e comecei a gravar algumas canções, na ordem (alfabética) em que se apresentam. O repertório parecia já saber o que me pedir como pianista. Assim, neste álbum, apresento as músicas na ordem em que as gravei. O que ouvimos aqui é o lume daquela irrepetível noite que me antecipava uma aurora de sonhos e galáxias que dançam ao som de Noel Rosa.”

André Mehmani

Música Brasileira de excelência produzida hoje.

Conheça os lançamentos do selo Estúdio Monteverdi

<http://www.andremehmani.com.br/loja-shop>



ESTÚDIO Monteverdi

DISCOS DO MÊS



Hans Zimmer & Lisa Gerrard

computadores para composição de música vieram naturalmente à ele, portanto. Com uma mãe musicista e um pai engenheiro, o resultado foi Zimmer tentando de tudo para modificar o piano da família - para o horror da mãe e a aprovação do pai. Antes de tomar o mundo das trilhas, quando morava na Inglaterra, ele participou de várias bandas, incluindo The Buggles (com Trevor Horn) e uma banda New Wave chamada Helden (com o baterista do Ultravox), além de produzir bandas como The Damned. Uma curiosidade sobre sua participação no The Buggles, é que o clipe da banda, *Video Killed the Radio Star*, foi usado historicamente para inaugurar a MTV.

Além dos vocais e letras, Lisa Gerrard participa da trilha tocando seu instrumento mais frequente no Dead Can Dance, o Yangqin - um dulcimer trapezoidal chinês, tocado com as cordas percutidas. Além dessa, tem também a participação do músico Djivan Gasparyan tocando duduk, que é uma espécie de oboé armênio, e do brasileiro Heitor Pereira tocando violão (que já trabalhou em várias trilhas, além de ter tocado com o Simply Red, Elton John e Jack Johnson).

Parte da trilha orquestral evoca obras clássicas como *Os Planetas*, do compositor inglês Gustav Holst, e *Das Rheingold* e *Götterdämmerung*, do alemão Richard Wagner. Diz a lenda, também, que em 2003 o tenor italiano Luciano Pavarotti lançou uma gravação com ele cantando uma das músicas do filme, e dizendo-se

arrependido de ter declinado o convite para participar da trilha de *Gladiador*.

O destaque especial vai para as faixas *Now We Are Free*, e *The Might of Rome*, e para quase todo o resto de um bom disco.

Pode ser encontrado em: CD / Vinil / Serviços de Streaming selecionados. O disco já é pleno da era da gravação digital, então tanto o CD quanto o streaming são bons. O vinil só existe em prensagens modernas 180 gramas recentes, e caras, e foi muito, mas muito malhado nos fóruns de discussão da Internet, por ser um daqueles discos cujo conteúdo foi muito processado ou comprimido em sua masterização para a mídia vinil - ou seja, não é recomendado. ■



OUÇA UM TRECHO DA FAIXA “NOW WE ARE FREE” NO YOUTUBE: [HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=NBE-UBGTING](https://www.youtube.com/watch?v=NBE-UBGTING)

QUALIDADE DE SOM



MUSICALIDADE



SEU GUIA DE FONES DEFINITIVO

UMA OPÇÃO INTERESSANTE

FONE DE OUVIDO RELOOP RHP-30



E MAIS

NOVIDADES DE MERCADO

GRANDES NOVIDADES DAS
PRINCIPAIS MARCAS DO
MERCADO

GUIA DE REFERÊNCIA

CONFIRA TODOS OS FONES
JÁ TESTADOS PELA AVMAG

APRECIE COM MODERAÇÃO

www.wcjrdesign.com

Segundo os dados da Organização Mundial da Saúde, 1 bilhão de jovens entre 13 e 32 anos já sofrem de alguma perda auditiva! A *Áudio e Vídeo Magazine* sempre alertou aos seus leitores, que fones de ouvido devam ser usados com enorme cuidado.

A OMS estabelece que o ideal seja de 40 horas semanais, com pico máximo de volume de 80 db. E para as crianças (de 7 a 15 anos), 35 horas semanais, com 75 db de volume máximo.

A perda de audição é totalmente silenciosa.

Siga essas recomendações e desfrute do prazer de ouvir música em seu fone de ouvido.

UMA CAMPANHA INSTITUCIONAL AUDIOFONE / AVMAG.

AUDIOFONE

SEU GUARDE FONES DEFINITIVO!

WWW.CLUBEDOAUDIO.COM.BR

EDITORA
AVMAG

ÍNDICE



FONE DE OUVIDO RELOOP RHP-30

38

E EDITORIAL 32

Ouço música apenas no celular, preciso investir em um bom fone?

● NOVIDADES 34

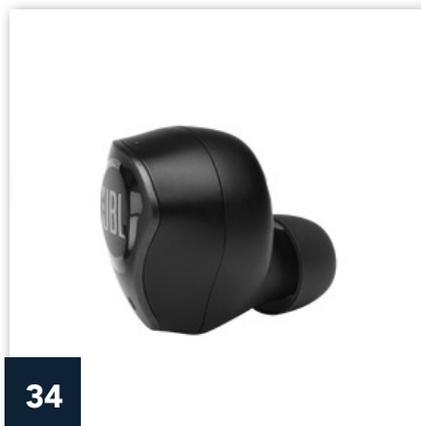
Grandes novidades das principais marcas do mercado

^ TESTES DE ÁUDIO

38
Fone de ouvido
Reelap RHP-30

≡ RELAÇÃO DE FONES/DACS 42

Relacionamos todos os fones e amplificadores/DACs de fones que já foram publicados na Áudio e Vídeo Magazine



34



36



Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

OUÇO MÚSICA APENAS NO CELULAR, PRECISO INVESTIR EM UM BOM FONE?

Eis a consulta que mais recebemos dos novos leitores, desde a primeira edição da Audiofone. E a resposta é sim! Precisamos investir no fone que tenha o melhor equilíbrio tonal possível! Pois se não o fizermos, estaremos perdendo o melhor da música e, pior, danificando nossa audição. Trata-se muito mais que uma escolha inteligente, é uma atitude obrigatória! E não importa se você escuta uma hora de música por dia no seu celular, ou quatro a seis horas. Como é uma pergunta recorrente, significa que necessitamos continuar insistindo nessa questão até que todos os nossos novos leitores se conscientizem da importância de investir em um bom fone, que permita ouvir em volumes seguros e desenvolver a percepção de notar nuances e detalhes da música, que em um fone ruim, jamais serão notados! Um fone sem equilíbrio tonal exige que ouçamos muito mais alto e, conseqüentemente, temos fadiga auditiva muito mais rápido - e irreversível. Pois quando os primeiros sinais de zumbido chegam, já estamos com a nossa audição comprometida.

Então, a primeira dica: saiba a procedência do fone que você está comprando e jamais compre fones em camelôs ou lojas que só trabalham com produtos falsificados (para saber se é ou não um produto falsificado, basta comparar preços, pois como diz o ditado popular: o barato sempre sai caro).

A segunda dica: ouça o fone que está comprando em seu celular, e mantenha o volume no celular dentro do que é estabelecido pela OMS - os celulares mais modernos indicam quando você passou do volume adequado. Se, para ouvir as baixas frequências, você tiver que aumentar o volume para níveis acima do recomendado, esqueça este modelo.

Como sempre digo, você não precisa ter um “ouvido treinado” para perceber que o fone não tem um bom equilíbrio tonal, pois no momento que você escuta um correto, percebe instantaneamente que as frequências ganham maior inteligibilidade, mesmo em volumes reduzidos, e o conforto auditivo é imediato. Os leitores que nos relatam terem investido em fones de qualidade, nos contam como seu prazer em ouvir sua música aumentou exponencialmente! E todos eles entenderam que fones com correto equilíbrio tonal não custam barato, mas também não custam uma fortuna (a partir de 400 reais já existem fones decentes, e os melhores se encontram na faixa de 700 a 2.500 reais), são mais caros, mas valem cada centavo investido, e podem ser seu fone por muitos e muitos anos, desde que bem cuidados. E, o mais importante: são sua garantia de uma audição perfeita pelo resto da vida! ■



Razão e Sensibilidade

GRADO



 DISTRIBUIÇÃO OFICIAL

fernando@kwhifi.com.br - (48) 3236.3385
(48) 98418.2801 - (11) 95442.0855

www.kwhifi.com.br



JBL CLUB PRO+TWS: ALTO DESEMPENHO INSPIRADO POR MÚSICOS PROFISSIONAIS



Novo fone de ouvido True Wireless tem autonomia de até 32 horas.

Inspirada por músicos profissionais, a JBL qualifica seu amplo portfólio de fones de ouvido True Wireless no Brasil com a chegada do JBL Club PRO+ TWS. Totalmente livre de fios, o lançamento oferece liberdade ao usuário para reproduzir música por até 32 horas combinadas (sendo 8 horas nos fones e outras 24 horas no estojo de carregamento). Com som imponente, cancelamento de ruídos adaptativo, integração com assistentes de voz, entre outras novidades e recursos exclusivos, este modelo agrada até mesmo os audiófilos mais exigentes como um fone para o dia a dia na cidade.

Os drivers de 6,8mm garantem um áudio de alto nível, envolvendo os consumidores. A marca desenvolveu toda a linha JBL Club com os melhores DJs, captando nos estúdios de gravação diferentes equalizações para proporcionar ao usuário uma experiência personalizada - para isso, basta baixar o aplicativo My JBL Headphones, selecionar o botão STAGE+ e conferir as opções. Até o momento, estão disponíveis as equalizações dos DJs Armin Van Bouren, Sunnery James, Nicky Romero, Tigerlily e Ryan Marciano.

O lançamento possui as tecnologias AmbientAware e TalkThru para ajustar a audição conforme for mais conveniente. O consumidor pode conversar com seus amigos sem a necessidade de remover os fones graças ao TalkThru, que temporariamente reduz o volume da música em 20% em apenas um toque, além de ativar microfones externos para ampliar as vozes ao redor. Já o modo AmbientAware reduz o volume em 80%, ampliando os sons altos do ambiente - levando mais segurança para as pessoas caminharem na rua com os fones, por exemplo.

O JBL Club PRO+ TWS foi projetado pensando na praticidade para a rotina. Compatível com dispositivos Android (6.0+), o recurso FastPair faz com que o modelo seja emparelhado assim que o estojo de carregamento é aberto. Já a tecnologia Dual Connect torna possível utilizar os dois fones (direito e esquerdo) de forma independente, gerenciando músicas e atendendo chamadas. E para que os usuários não precisem se preocupar em caso de chuva, o lançamento possui classificação IPX4 resistente a respingos d'água.

Além de uma reprodução impecável das playlists e do simples acionamento dos assistentes de voz, os fones são excelentes para ►



efetuar chamadas telefônicas. Três microfones garantem a clareza da voz - sendo dois microfones externos, que bloqueiam os sons circundantes; e um que isola o barulho do vento e demais ruídos do ambiente, para chamadas em locais barulhentos.

O estojo conta com um formato ergonômico, além de suportar carregamentos sem fios padrão Qi e conectores tipo C. Outra novidade é o Check My Best Fit, disponível no aplicativo da marca, que orienta o usuário para que ele obtenha o melhor ajuste com as três ponteiros auriculares disponíveis. Este recurso realiza testes e tom de toque, com um microfone de retroalimentação medindo eventuais vazamentos de som - quando detectado, o aplicativo notifica o usuário para que ele use outro tamanho de ponta de ouvido mais adequado.

Preço sugerido: R\$ 1.199

Para mais informações:

JBL

<https://www.jbl.com.br/fores-de-ouvido-bluetooth/CLUB-PRO-PLUS-TWS>

Clareza, Equilíbrio, Harmonia e Sofisticação

Se você deseja todos esses atributos em seu próximo fone de ouvido, escute um MEZE.



EMPYREAN



RAI SOLO



99 CLASSICS

www.wgjrdesign.com

DISTRIBUIÇÃO OFICIAL

comercial@germanaudio.com.br - contato@germanaudio.com.br

german
Audio
www.germanaudio.com.br

JBL TUNE 115TWS É O NOVO MODELO PURE BASS TOTALMENTE LIVRES DE FIOS



Lançamento amplia autonomia dos fones para até 21 horas de reprodução combinada para o uso o dia inteiro e noite adentro.

A liberdade True Wireless com graves precisos para envolver os consumidores: chega ao Brasil o JBL Tune 115TWS, atualizando o portfólio de fones de ouvido totalmente livres de fios da marca. Com até 21 horas de reprodução combinada e uma ergonomia de ponta, a novidade é parceira do dia a dia para ouvir músicas, efetuar chamadas telefônicas e acionar os assistentes de voz.

Presente em toda linha JBL Tune, o JBL Pure Bass garante graves imponentes. O lançamento acompanha as pessoas o dia todo e noite adentro, em até 6 horas de reprodução nos fones e outras 15 horas com o estojo de carregamento - e bastam 15 minutos carregando para obter mais uma hora de uso.

O JBL Tune 115TWS oferece um gerenciamento simples de chamadas, bem como a opção de viva-voz e o acesso ao assistente

de voz em apenas um toque. Além disso, graças à tecnologia Dual Connect é possível utilizar qualquer um dos fones (direito e esquerdo) de forma independente, o que possibilita carregar um enquanto utiliza o outro, por exemplo.

Com maior autonomia de bateria, o modelo foi desenvolvido visando um ajuste confortável para o uso prolongado. O produto acompanha três tamanhos de ponteiras auriculares para garantir um encaixe seguro em qualquer pessoa. ■

Preço sugerido: R\$499.

Para mais informações:
JBL

<https://www.jbl.com.br/fones-de-ouvido-bluetooth/TUNE115TWS-.html>

USE E ABUSE



NAGRA

AUDIO
VIDEO
MAGAZINE

CD DE TESTE Nº 4
FONES DE OUVIDO

CAVI
RECORDS

EDITORA
MAG

FAÇA O DOWNLOAD GRATUITO DESTE CD EM NOSSO WEBSITE,
E UTILIZE-O PARA AVALIAR SEU FONE E EM FUTUROS UPGRADES.



AUDIOFONE

WWW.CLUBEDOAUDIO.COM.BR/CDDETESTE4

EDITORA
MAG

TESTE
1
FONE



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=SH_PJYF0QOK](https://www.youtube.com/watch?v=SH_PJYF0QOK)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=NOPTSZC85GC](https://www.youtube.com/watch?v=NOPTSZC85GC)

FONE DE OUVIDO RELOOP RHP-30

XX **Juan Lourenço**
revista@clubedoaudio.com.br

A Reloop é uma empresa de áudio alemã fundada em 1996, que rapidamente conquistou um lugar de destaque na cena musical eletrônica. Seus produtos são pensados principalmente para DJs, profissionais de estúdio e para todos que amam música.

A Reloop desenvolve de mixers e mesas controladoras para DJs, de microfones e toca-discos de vinil à fones de ouvido, além de uma parceria com a Ortofon para comercialização de cápsulas com design visual Reloop. Tivemos a oportunidade de passar bons momentos com dois produtos da marca: os toca-discos de vinil Turn 2, avaliado na edição 244 da CAVI, uma ótima surpresa capaz de brigar com o Rega Planar P1 de igual para igual, e o toca-discos Turn 5 com seu visual clássico na edição 247. Agora a Alpha AV, que traz os produtos Reloop para o Brasil, nos cedeu o fone de ouvido RHP-30, um fone de ouvido premium voltado para DJs e, claro, para quem não abre mão da boa qualidade de som e de construção dos fones profissionais. Além da série RHP, com os

modelos RHP-20, 30 e um mono, existem mais quatro linhas: SHP, RH, Airphones e INP esportivo intra-auricular.

O RHP-30 segue a velha escola, ou seja, é um fone minimalista, diria até discreto no visual, com 'pegada' profissional, o que me agrada bastante, pois tem personalidade e o design é bem resolvido, combinando bons materiais duráveis, bonitos e que passam uma sensação de robustez ao toque.

O RHP-30 combina bem o ABS com leve toque acetinado como material principal, e metais em pontos chave onde a maior resistência é exigida, como as articulações da concha, e no arco de cabeça.

Por falar em conchas, estas são bastante confortáveis na orelha, embora não girem na horizontal - algo seria de se esperar em um fone para DJs - elas possuem um bom ângulo de inclinação na vertical. As almofadas têm ótima sensação na pele e boa ►

'memória' de retorno. A espessura da parede das almofadas é que achei serem um tanto exageradas, entendo que sejam assim para reduzir barulho externo, mas poderia ser só um pouco mais finas para acomodar melhor na orelha.

Os drivers de quarenta milímetros possuem impedância de 40 ohms, faixa de frequência de 10Hz a 24 kHz e potência máxima admissível de 1.000 mW. O peso total do fone é de 355 g. Para acompanhar o fone a Reeloc disponibilizou três cabos de interconexão: um cabo flat de 1,2 metro, um cabo comum com microfone embutido também de 1,2 metro, e um cabo helicoidal de três metros comumente utilizado por DJs.

A embalagem do RHP-30 inspira proteção, expondo sua qualidade sem deixar detalhe algum de fora. O acabamento em papel cartão de alta qualidade acomoda o fone sem folgas, graças às proteções internas em espuma e polietileno. A tampa tem fechamento por imã e toda a embalagem é protegida por um encarte com grafias modernas, tudo compatível com o nível de acabamento do fone.

COMO TOCA

Para o teste utilizamos os seguintes equipamentos. Fontes: Astell & Kern modelo Kann, smartphone Samsung S10 Plus, iPhone 8 Plus, e streamer Innuos Zen mini com fonte externa. Amplificador para fone de ouvido: Teac HA-501. Cabos de força: Transparent MM2. Cabo de interconexão: Sunrise Lab Illusion Magic Scope RCA.

Como o RHP-30 é um fone para DJ, começamos os testes utilizando o cabo helicoidal, e com músicas eletrônicas como Minimum-Maximum do Kraftwerk, Deadmau5, Whities 024 do Anunaku, e Infected Mushroom que amo de paixão! Devo dizer que o RHP-30 surpreende positivamente, trazendo uma clareza e foco muito bons, mas tudo estava um pouco letárgico demais para o meu gosto, então resolvi colocar o cabo flat, e foi aí que a mágica aconteceu! A letargia foi embora, apareceram transientes mais rápidos, a dinâmica agora tinha vigor e uma progressividade muito boa. Para um dia de trabalho como DJ é impossível não utilizar o cabo helicoidal, mas para audições em casa, opte pelo cabo flat,



RELAÇÃO DE FONES/DACS PUBLICADOS



FONE DE OUVIDO BEYERDYNAMIC DT880 PRO

Edição: 167

Nota: Primeiras Impressões

Importador/Distribuidor: Playtech



OURO REFERÊNCIA



FONE DE OUVIDO SENNHEISER HD800

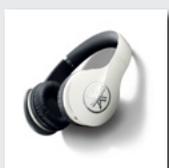
Edição: 175

Nota: 85

Importador/Distribuidor: Sennheiser



ESTADO DA ARTE



FONE DE OUVIDO YAMAHA PRO500

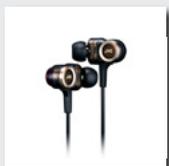
Edição: 190

Nota: Primeiras Impressões

Importador/Distribuidor: Yamaha



OURO REFERÊNCIA

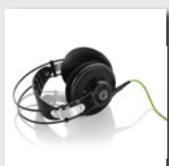


FONE DE OUVIDO JVC FX200

Edição: 192

Nota: Espaço Aberto

Importador/Distribuidor: JVC



FONE DE OUVIDO AKG QUINCY JONES Q701S

Edição: 193

Nota: 82

Importador/Distribuidor: Harman Kardon



DIAMANTE REFERÊNCIA



AMPLIFICADOR DE FONES DE OUVIDO LUXMAN P-200

Edição: 194

Nota: Primeiras Impressões

Importador/Distribuidor: Alpha Áudio e Vídeo



ESTADO DA ARTE



DAC USB E PRÉ DE FONES DE OUVIDO LUXMAN DA-100

Edição: 200

Nota: 82

Importador/Distribuidor: Alpha Áudio e Vídeo



DIAMANTE REFERÊNCIA



DAC USB E PRÉ DE FONES DE OUVIDO DACMAGIC XS

Edição: 201

Nota: 70,5

Importador/Distribuidor: Mediagear



OURO REFERÊNCIA



MICROMEGA MYUSIC AUDIOPHILE HEADPHONE AMPLIFIER

Edição: 202

Nota: 78

Importador/Distribuidor: Logiplan



DIAMANTE REFERÊNCIA



FONE DE OUVIDO AUDEZE LCD3

Edição: 204

Nota: 83

Importador/Distribuidor: Ferrari Technologies



ESTADO DA ARTE



DAC E PRÉ DE FONES DE OUVIDO KORG DS-DAC-100 - REPRODUZINDO DSD

Edição: 205

Nota: 80

Importador/Distribuidor: Pride Music



DIAMANTE REFERÊNCIA



FONE DE OUVIDO PHONON SMB-02 DS-DAC EDITION

Edição: 206

Nota: 80

Importador/Distribuidor: Pride Music



DIAMANTE REFERÊNCIA



FONE DE OUVIDO GRADO PS500E

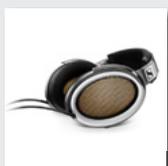
Edição: 210

Nota: 81,25

Importador/Distribuidor: Audiomagia



DIAMANTE REFERÊNCIA



FONE DE OUVIDO SENNHEISER HE 1

Edição: 240

Nota: 95

Importador/Distribuidor: Sennheiser



ESTADO DA ARTE



AMPLIFICADOR DE FONES DE OUVIDO SENNHEISER HDV 820

Edição: 244

Nota: 86

Importador/Distribuidor: Sennheiser



ESTADO DA ARTE



PS AUDIO STELLAR GAIN CELL DAC - COMO AMPLIFICADOR FONE DE OUVIDO

Edição: 247

Nota: 85

Importador/Distribuidor: German Audio



ESTADO DA ARTE



FONE DE OUVIDO GRADO SR325E

Edição: 258

Nota: 72

Importador/Distribuidor: KW Hi-Fi



DIAMANTE RECOMENDADO

RELAÇÃO DE FONES/DACS PUBLICADOS



FONE DE OUVIDO SONY WH-XB900N

Edição: 258

Nota: 62 / 63

Importador/Distribuidor: Sony



OURO RECOMENDADO



HEADPHONE JBL EVEREST ELITE 150NC

Edição: 260

Nota: 58

Importador/Distribuidor: JBL



PRATA REFERÊNCIA



AMPLIFICADOR DE FONE DE OUVIDO QUAD PA-ONE+

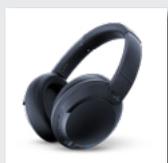
Edição: 260

Nota: 83

Importador/Distribuidor: KW Hi-Fi



ESTADO DA ARTE



FONE DE OUVIDO WIRELESS TCL ELIT400NC (VIA CABO P2)

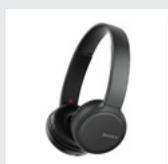
Edição: 260

Nota: 61

Importador/Distribuidor: TCL



PRATA REFERÊNCIA



HEADPHONE SONY WH-CH510

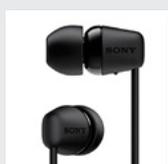
Edição: 261

Nota: 58,5

Importador/Distribuidor: Sony



PRATA REFERÊNCIA



FONE DE OUVIDO SONY WI-C200

Edição: 262

Nota: 57

Importador/Distribuidor: Sony



PRATA REFERÊNCIA



SAMSUNG GALAXY BUDS+

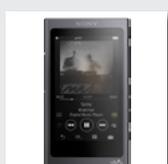
Edição: 261

Nota: 44

Importador/Distribuidor: Samsung



BRONZE REFERÊNCIA



SONY WALKMAN NW-A45

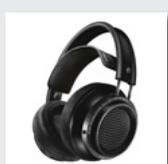
Edição: 262

Nota: 62,5

Importador/Distribuidor: Sony



OURO RECOMENDADO



FONE DE OUVIDO PHILIPS FIDELIO X2HR

Edição: 263

Nota: 78

Importador/Distribuidor: Philips



DIAMANTE REFERÊNCIA



HEADPHONE BLUETOOTH COM CANCELAMENTO DE RUÍDO B&W PX7

Edição: 264

Nota: 75,5

Importador/Distribuidor: Som Maior



DIAMANTE RECOMENDADO



FONE DE OUVIDO BLUETOOTH SONY WH-1000 XM3

Edição: 265

Nota: 76

Importador/Distribuidor: Sony



DIAMANTE RECOMENDADO



GRADO LABS SR125e PRESTIGE

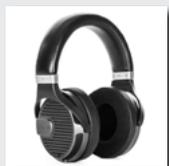
Edição: 266

Nota: 62,5

Importador/Distribuidor: KW Hi-Fi



OURO RECOMENDADO



FONE DE OUVIDO QUAD ERA-1

Edição: 267

Nota: 83,0

Importador/Distribuidor: KW Hi-Fi



ESTADO DA ARTE



FONE DE OUVIDO JBL LIVE 300TWS

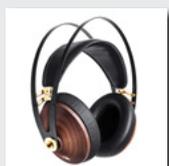
Edição: 267

Nota: 56,0

Importador/Distribuidor: Harman



PRATA REFERÊNCIA



FONE DE OUVIDO MEZE 99 CLASSICS

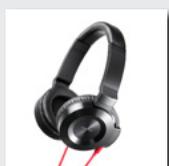
Edição: 268

Nota: 84,0

Importador/Distribuidor: German Audio



ESTADO DA ARTE



FONES DE OUVIDO ONKYO ES-FC300

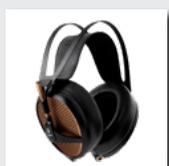
Edição: 268

Nota: 76,0

Importador/Distribuidor: Onkyo



DIAMANTE RECOMENDADO



FONE DE OUVIDO MEZE EMPYREAN

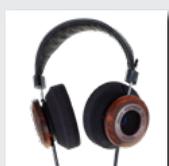
Edição: 269

Nota: 98,0

Importador/Distribuidor: German Audio



ESTADO DA ARTE



FONE DE OUVIDO GRADO STATEMENT GS3000E

Edição: 271

Nota: 95,0

Importador/Distribuidor: KW Hi-Fi



ESTADO DA ARTE



RANKING DE TESTES DA ÁUDIO VÍDEO MAGAZINE

Apresentamos aqui o ranking atualizado dos produtos selecionados que foram analisados por nossa metodologia nos últimos anos, ordenados pelas maiores notas totais. Todos os produtos listados continuam em linha no exterior e/ou sendo distribuídos no Brasil.

AUDIO
VIDEO
MAGAZINE

TOP 5 - AMPLIFICADORES INTEGRADOS

Nagra Classic INT - 99 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.260
Hegel H590 - 97,5 pontos (Estado da Arte) - Mediagear - Ed.256
Hegel H390 - 97 pontos (Estado da Arte) - Mediagear - Ed.269
Sunrise Lab V8 SS - 96 pontos (Estado da Arte) - Sunrise Lab - Ed.259
Hegel H360 - 95 pontos (Estado da Arte) - Mediagear - Ed.235

TOP 5 - PRÉ-AMPLIFICADORES

Nagra HD Preamp - 110 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.257
Nagra Classic Preamp (com a fonte PSU) - 105 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.261
CH Precision L1 - 104 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.239
Nagra Classic Preamp - 100 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.261
D'Agostino Momentum - 100 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.198

TOP 5 - AMPLIFICADORES DE POTÊNCIA

CH Precision M1 - 106 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.238
Nagra Classic Amp Mono - 104 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.258
Goldmund Telos 2500 - 104 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.200
CH Precision A1.5 - 102 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.263
Audio Research 160M - 102 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.251

TOP 5 - PRÉ-AMPLIFICADORES DE PHONO

CH Precision P1 - 110 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.266
Luxman EQ-500 - 104 pontos (Estado da Arte) - Alpha Áudio e Vídeo
Boulder 508 - 102 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.253
PS Audio Stellar - 100 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.271
Tom Evans The Groove+ - 100 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.204

TOP 5 - FONTES DIGITAIS

Nagra DAC X - 111 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.264
MSB Select DAC - 106 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.252
Nagra Tube DAC - 105 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.262
dCS Rossini - 100 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.250
dCS Scarlatti - 100 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.183

TOP 5 - TOCA-DISCOS DE VINIL

Basis Debut - 104 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.196
Acoustic Signature Storm MkII - 103,5 pontos (Estado da Arte) - Performance AV Systems Ltda. - Ed.257
Transrotor Rondino - 103 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.186
Timeless Audio Ceres - 99 pontos (Estado da Arte) - Timeless Audio - Ed.269
Thorens TD 550 - 99 pontos (Estado da Arte) - KW Hi-Fi - Ed.260

TOP 5 - CÁPSULAS DE PHONO

Soundsmith Hyperion MKII ES - 106 pontos (Estado da Arte) - Performance AV Systems Ltda. - Ed.256
MY Sonic Lab Ultra Eminent EX - 105 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.202
Air Tight PC-1 Supreme - 105 pontos (Estado da Arte) - Alpha Audio & Vídeo - Ed.196
MC Murasakino Sumile - 103 pontos (Estado da Arte) - KW Hi-Fi - Ed. 245
vdH The Crimson SE - 99 pontos (Estado da Arte) - Rivergate - Ed.212

TOP 5 - CAIXAS ACÚSTICAS

Wilson Audio Alexandria XLF - 104 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.200
Wilson Audio Sasha DAW - 103 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.256
Rockport Avior II - 101 pontos (Estado da Arte) - Performance AV Systems Ltda. - Ed.258
Evolution Acoustics MMThree - 100 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.176
Kharma Exquisite Midi - 99 pontos (Estado da Arte) - Maison de La Musique - Ed.198

TOP 5 - CABOS DE CAIXA

Dynaudique Audio Apex - 112 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.267
Transparent Audio Reference XL G5 - 103,5 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.231
Crystal Cable Absolute Dream - 103 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.205
Sunrise Lab Reference Quintessence Magic Scope - 101 pontos (Estado da Arte) - Sunrise Lab - Ed.240
Feel Different FDIII - Série 3 - 100 pontos (Estado da Arte) - Feel Different - Ed.265

TOP 5 - CABOS DE INTERCONEXÃO

Dynaudique Audio Apex - 106 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.258
Transparent Opus G5 XLR - 105 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.214
Sax Soul Ágata II - 103 pontos (Estado da Arte) - Sax Soul - Ed.251
Dynaudique Audio Zenith 2 XLR - 102 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.263
Sunrise Lab Quintessence - 102 pontos (Estado da Arte) - Sunrise Lab - Ed.244



GUIA BÁSICO PARA A METODOLOGIA DE TESTES

Para a avaliação da qualidade sonora de equipamentos de áudio, a *Áudio Vídeo Magazine* utiliza-se de alguns pré-requisitos - como salas com boa acústica, correto posicionamento das caixas acústicas, instalação elétrica dedicada, gravações de alta qualidade, entre outros - além de uma série de critérios que quantificamos a fim de estabelecer uma nota e uma classificação para cada equipamento analisado. Segue uma visão geral de cada critério:

EQUILÍBRIO TONAL

Estabelece se não há deficiências no equilíbrio entre graves, médios e agudos, procurando um resultado sonoro mais próximo da referência: o som real dos instrumentos acústicos, tanto em resposta de frequência como em qualidade tímbrica e coerência. Um agudo mais brilhante do que normalmente o instrumento real é, por exemplo, pode ser sinal de qualidade inferior.

PALCO SONORO

Um bom equipamento, seguindo os pré-requisitos citados acima, provê uma ilusão de palco como se o ouvinte estivesse presente à gravação ou apresentação ao vivo. Aqui se avalia a qualidade dessa ilusão, quanto à localização dos instrumentos, foco, descongestionamento, ambiência, entre outros.

TEXTURA

Cada instrumento, e a interação harmônica entre todos que estão tocando em uma peça musical, tem uma série de detalhes e complementos sonoros ao seu timbre e suas particularidades. Uma boa analogia para perceber as texturas é pensar em uma fotografia, se os detalhes estão ou não presentes, e quão nítida ela é.

TRANSIENTES

É o tempo entre a saída e o decaimento (extinção) de um som, visto pela ótica da velocidade, precisão, ataque e intencionalidade. Um bom exemplo para se avaliar a qualidade da resposta de transientes de um sistema é ouvindo piano, por exemplo, ou percussão, onde um equipamento melhor deixará mais clara e nítida a diferença de intencionalidade do músico entre cada batida em uma percussão ou tecla de piano.

DINÂMICA

É o contraste e a variação entre o som mais baixo e suave de um acontecimento musical, e o som mais alto do mesmo acontecimento. A dinâmica pode ser percebida até em volumes mais baixos. Um bom exemplo é, ao ouvir um som de uma TV, durante um filme, perceber que o bater de uma porta ou o tiro de um canhão têm intensidades muito próximas, fora da realidade - é um som comprimido e, portanto, com pouquíssima variação dinâmica.

CORPO HARMÔNICO

É o que denomina o tamanho dos instrumentos na reprodução eletrônica, em comparação com o acontecimento musical na vida real. Um instrumento pode parecer “pequeno” quando reproduzido por um devido equipamento, denotando pobreza harmônica, e pode até parecer muito maior que a vida real, parecendo que um vocalista ou instrumentista sejam gigantes.

ORGANICIDADE

É a capacidade de um acontecimento musical, reproduzido eletronicamente, ser percebido como real, ou o mais próximo disso - é a sensação de “estar lá”. Um dos dois conceitos subjetivos de nossa metodologia, e o mais dependente do ouvinte ter experiência com música acústica (e não ampliada) sendo reproduzida ao vivo - como em um concerto de música clássica ou apresentação de jazz, por exemplo.

MUSICALIDADE

É o segundo conceito subjetivo, e necessita que o ouvinte tenha sensibilidade, intimidade e conhecimento de música acima da média. Seria uma forma subjetiva de se analisar a organicidade, sendo ambos conceitos que raramente têm notas divergentes.



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=D1I2PZUUI8E](https://www.youtube.com/watch?v=D1I2PZUUI8E)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=SYJYWLD74J8](https://www.youtube.com/watch?v=SYJYWLD74J8)



PRÉ DE PHONO LUXMAN EQ-500

 Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

Desde quando li o teste desse pré de phono, escrito pelo saudoso Art Dudley, de 2016, que tive o interesse de ouvir e, se possível testar, o Luxman EQ-500. Foram quase cinco anos de espera até a Alpha Audio & Video conseguir nos emprestá-lo para teste.

Todo revisor de áudio com muitos anos de estrada desenvolve um “feeling” a respeito de determinados produtos. É como se acendesse uma luz na mente para ficarmos alertas. Outras vezes, conseguimos decifrar nas entrelinhas determinadas características descritas pelo revisor que nos mostram o caminho das pedras.

Todo bom produto, possui evidências de seu potencial - já nos excelentes, essas evidências se multiplicam em sua construção, acabamento, topologia e, claro, em sua performance. O Luxman EQ-500 pertence a essa categoria de produtos excelentes e que, por qualquer ângulo de análise, sempre irá se sobressair na multidão.

Prés de phonos existem às centenas no mercado hi-end, desde os minimalistas custando algumas centenas de dólares, aos superlativos na casa de muitos milhares de dólares. Sempre admirei os que conseguem se sobressair na zona intermediária, que eu mentalmente estipulei que começa nos 3 mil dólares e vai até os 10 mil dólares. Nesta faixa a briga é realmente de cachorro grande, e as opções são muitas, o que leva a um esforço enorme para separar os bons e os excelentes.

Nós, em nossos 25 anos de vida, cansamos de apresentar produtos semelhantes na mesma faixa de preço e recursos, em que um é um Diamante e o outro um Estado da Arte. Aí cabe ao leitor confiar em nossa Metodologia e idoneidade, e fazer sua escolha.

Minha experiência diz que prés de phono são muito semelhantes aos prés de linha: são muito importantes para serem negligenciados, pois farão a diferença entre o ótimo e o excelente. E um setup ►



analógico, para que extraia todo seu enorme potencial, precisa que tudo esteja integralmente alinhado e caminhando na mesma direção.

Se você me perguntar o que é mais seguro e mais fácil: montar um setup digital ou um analógico? Sem nenhuma sombra de dúvida um setup digital é muito mais fácil.

Quando leio esses artigos “da moda”, dando dicas de toca-discos baratos para você ouvir vinil, fico sempre me perguntando se quem escreveu realmente fez o que está indicando ao seu leitor, se ele foi realmente lá e escutou aqueles toca-discos de entrada (até 1000 dólares) com suas cápsulas MM (de até 150 dólares), ligado a um pré de phono (até 200 dólares) e realmente se convenceu que o sistema analógico indicado é a maravilha das maravilhas!

Minha pesquisa com os nossos leitores, indica o contrário, que a frustração foi muito maior do que a satisfação. Pois lhes prometeram mundos e fundos, e o que estes setups de entradas analógicas lhes mostraram foi apenas o “final” da fila.

Então se quiser realmente montar um sistema de alto nível analógico, prepare-se, pois o investimento é bem mais em cima. Mas eu garanto que, se fizeres a lição de casa, o resultado será pleno! Não estou falando em iniciar essa jornada com um Luxman EQ-500, mas que será preciso ao menos um pré de phono de 82 pontos para cima (Estado da Arte), assim como o toca-discos e a cápsula também neste patamar de nota - e é para isso que serve a Metodologia criada por nós.

Abaixo de 82 pontos você terá um setup analógico decente, mas não capaz de extrair o melhor dos seus discos. E meu amigo, existem LPs que podem nos levar a repensar toda a maneira como sempre ouvimos a alta fidelidade, acredite!

O que estou tentando explicar é que um setup analógico de 90 pontos, por exemplo, afinado e correto, sempre lhe dará mais prazer que um sistema de 90 pontos digital. Este que é o grande barato do analógico: dar muito mais prazer por menos investimento!

Agora imagine o que um sistema analógico de 100 pontos ou mais pode fazer por você?

Já imaginou?

Certamente que não - se você jamais ouviu um setup analógico de 100 pontos correto. No entanto, no dia que ouvir, eu lhe garanto, meu amigo, que sua referência auditiva mudará de patamar instantaneamente!

E o Luxman EQ-500 vai um pouco além desses 100 pontos, fazendo com que ele seja o primeiro pré de phono por nós testado abaixo de 10 mil dólares, que tenha alcançado essa pontuação.

Sua construção segue o padrão desta empresa de áudio com 95 anos de existência, e que encantou gerações e mais gerações de audiófilos e melômanos mundo afora. É impossível olhar um Luxman e não se encantar com seu acabamento e formas, que conseguem o equilíbrio perfeito de produtos que parecem atemporais.

Pois eram perfeitos nos anos setenta e continuam sendo em pleno século 21!

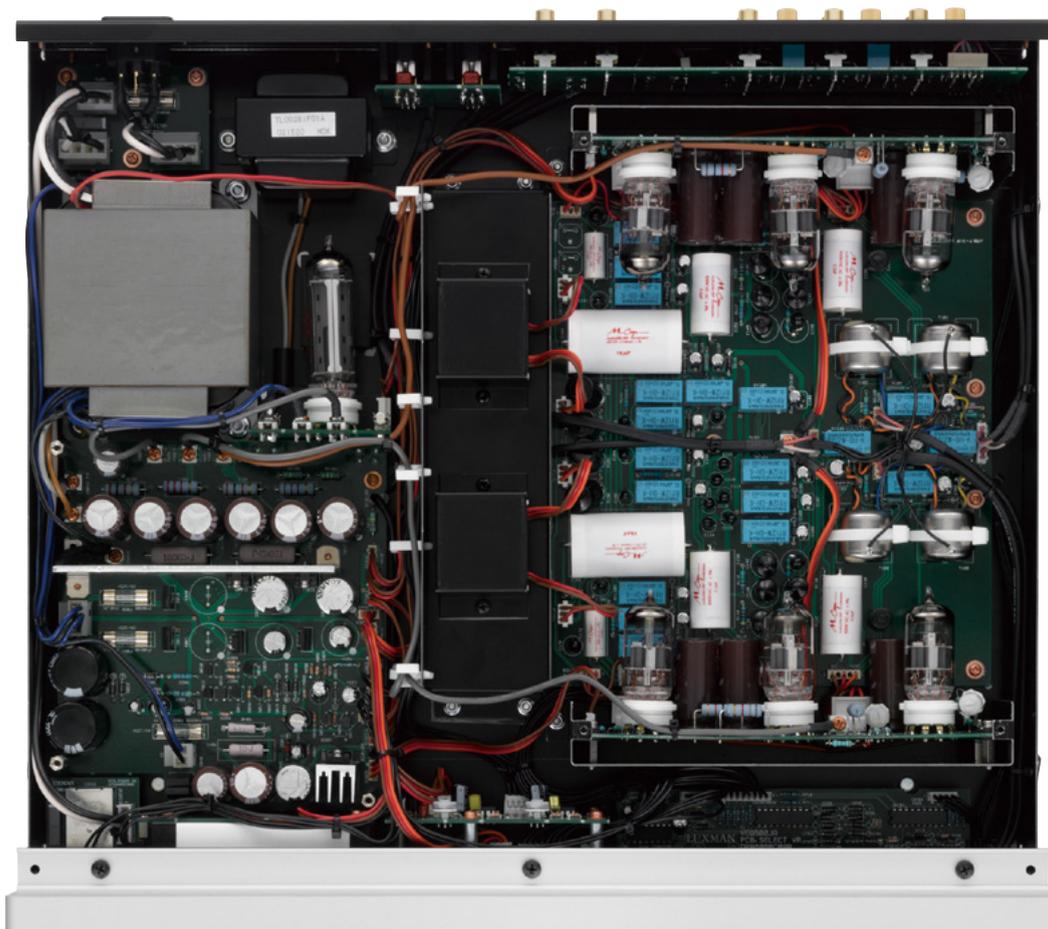
O EQ-500, segundo o fabricante, é o melhor pré de phono já construído pela empresa. Tudo foi pensado e planejado muito antes do primeiro protótipo sair da bancada e ir para avaliação auditiva.

Olhando para ele, muitos pensarão se tratar de um pré de linha, e não um pré de phono, com tantos botões e possibilidades de ajustes. Além dos dois VUs no lado esquerdo do painel. São oito interruptores, com três rotativos e seis chaves de ajustes.

Nas costas temos três entradas, três saídas, três terminais de aterramento, e a tomada IEC. Seu belo gabinete de aço é revestido por uma placa frontal de alumínio, e todo o gabinete é pintado com textura cinza clara (padrão de todos os produtos Luxman).

Olhando internamente a construção, é um primor de uso de espaço e limpeza. São várias repartições blindadas para minimizar a interferência de Rádio Frequência. O maior e mais vistoso espaço é lacrado, e todo envolto em folha de cobre laqueado perfurado, com aberturas de ventilação, e fixadas à tampa por quatro parafusos também de cobre, para a proteção do circuito de áudio.

Na placa principal de áudio temos 19 relés. Eles são utilizados para cuidar das variadas funções de comutação existentes no painel para o ajuste de cápsulas: capacitância e indutância e o tipo de cápsula (MM ou MC).



Em outra repartição, ficam os dois transformadores, cada um para as cápsulas MC de baixa e alta saída, e sua fiação tem apenas uma única bobina primária e secundária. Os capacitores são todos M-Caps, e a maioria dos resistores no circuito são de filme metálico.

Debaixo do gabinete de cobre estão as válvulas de triodo duplo por canal, para ganho e buffer. O ganho adicional para as cápsulas MC é fornecido por esses dois transformadores, que são enrolados em núcleos Permalloy. Então, quando o usuário escolhe o uso de uma cápsula MC, um dos transformadores recebe o sinal e entrega para as válvulas ECC83/12AX7, configuradas em push-pull.

Depois o sinal vai para uma válvula triodo duplo também ECC83/12AU7, configurada como um seguidor de catodo, e em seguida para um transformador de saída proprietário, também enrolado em um núcleo Permalloy.

Quando você conecta o cabo de braço do toca-discos em qualquer das três entradas RCA, o usuário escolhe no botão do painel frontal o tipo de cápsula que está instalada no toca-discos (MC de saída baixa, ou MC de saída alta, ou MM). Ao determinar o tipo de sinal da cápsula, o sinal segue para um dos dois transformadores de entrada, ou direto para o primeiro estágio de ganho (no caso de uma cápsula MM).

Esta chave (MC Low, MC High, MM) também define a impedância de entrada de 2,5 ohms para MC Low, 40 ohms para MC High e, qualquer opção entre 30K a 100K ohms para MM, ajustável também no painel frontal (impedância) que, ao “meio-dia”, crava 47K (o que usei nas duas cápsulas MM que utilizei no teste).

O botão de ganho de 36, 38 ou 40 dB mostra o desempenho quando definido para cápsula MM.

Outro “plus” deste pré de phono, para os amantes de cápsulas MM (o que não é meu caso), é um botão de capacitância que permite selecionar seis opções entre 0 a 300pF.

Outros recursos muito úteis são: uma chave de mono e estéreo, outra para a alternância de fase: para selecionar entre um sinal de saída Normal e um cuja polaridade foi invertida.

Além das chaves Low Cut e High Cut (para filtro de ruído das baixas frequências e as altas, respectivamente), outra para o uso da saída RCA ou XLR, e a última que causa enormes discussões nos fóruns de apaixonados por sistemas analógicos: a chave de desmagnetização de cápsulas. Esta, ao ser acionada, corta automaticamente o sinal até que acabe a desmagnetização.

Quem tem o EQ-500 diz que este desmagnetizador é muito útil, e outros dizem que não escutam nenhum benefício audível. ▶



No meu caso, apenas em uma cápsula senti ligeira melhora no silêncio de fundo, depois de desmagnetizada. Nas outras cápsulas não ouvi absolutamente nenhuma alteração, nem para melhor nem para pior.

Mas aos donos deste EQ-500, duvido que não sejam tentados de tempos em tempos a darem uma desmagnetizada em suas cápsulas. Afinal, se mal não faz...

O pré de phono chegou lacrado, o que nos levou a uma queima de 120 horas antes de o colocarmos em teste. E esse período de amaciamento eu diria ser fundamental para se ter a ideia do enorme potencial deste Luxman, que começa a nos mostrar todas suas qualidades a partir de 50 horas de amaciamento.

Para o teste utilizamos três toca-discos: Acoustic Signature Storm, Timeless Ceres, e Thorens 418. Cápsulas: Hana Umami Red, Hana EH, Grado Platinum 3, Ortofon 2M Bronze. Cabos de interconexão entre o Luxman e o Nagra Pré Classic: Sunrise Lab Quintessence, Dynamique Audio Zenith 2 (XLR) e Apex (XLR). Cabos de força: Sunrise Lab Quintessence, Transparent Powerlink MM2 e G5 Reference.

Para fechar a nota do Luxman, tínhamos ainda conosco o PS Audio Stellar (leia teste na edição de março 2021), e o nosso Boulder 508 (já vendido, mas que ainda estava conosco no momento do fechamento da nota).

Ou seja, estamos falando de um pré de phono de 100 pontos (PS Audio), e um de 102 pontos (Boulder 508), ambos Estado da Arte Superlativo. E, no entanto, as diferenças em todos os quesitos do Luxman EQ-500 foram contundentes!

O equilíbrio tonal tem aquele grau de refinamento que primeiro nos prega um susto e, depois, nos faz coçar a cabeça com tamanha retidão, coerência e refinamento. Os agudos possuem maior extensão, delicadeza, naturalidade e corpo, que só havíamos presenciado no CH Precision P1 (que custa 5 vezes mais que o Luxman). A região média é de uma correção tímbrica que nos faz desejar ouvir por horas a fio discos que estão conosco há 20, 30, 40 anos!

Pois você descobre nuances, planos e detalhes que antes nunca foram tão bem definidos (a não ser no P1, que é totalmente um "ponto fora da curva", e custa um caminhão de "verdinhas").

Os graves têm algumas nuances que, à princípio, nos confundem, pois não são nem secas nem coloridas. É um meio termo, que demoramos a compreender que se trata da composição da fundamental e dos harmônicos, que faz soar com menos peso que os dois outros prês de estado sólido (Boulder e PS Audio), mas que nos permite ouvir a tensão do couro do bumbo da bateria, ou a afinação do contra surdo.

Mas foi ouvindo a obra para percussão e orquestra de Bartók que me dei conta do grau de precisão e requinte dos graves em nos mostrar o ataque, a definição e extensão do tímpano soando e seu decaimento preciso.

E depois, ao escutar o LP Music From Siesta, de Miles Davis e Marcus Miller, e observar a quantidade de detalhes no sax barítono e como havia mais informação e corpo harmônico.

São graves que primam muito mais pelos detalhes do que pelo impacto e deslocamento de ar.

O soundstage do EQ-500, ainda que não seja melhor que o Boulder 508 em termos de planos, possui a vantagem de possuir um foco e recorte mais preciso. A diferença neste quesito é sutil, mas o suficiente para, em vozes à capela, termos uma imagem mais focada e detalhada do posicionamento exato de cada voz.

As texturas se beneficiam muito do exuberante equilíbrio tonal, com isso os instrumentos acústicos e vozes transbordam em emoção e sedução. É um verdadeiro deleite escutar quartetos de cordas neste Luxman!

Os transientes, assim como os graves, levam algum tempo para se acostumar, pois ainda que precisos ao extremo, tudo neste Luxman soa mais relaxado, ou melhor: com mais folga (como no CH Precision P1).

Com isso, as passagens com variação de ritmos e andamento ficam mais fáceis de acompanhar e entender o que está a acontecer. ▶

SUA CASA CONECTADA

UP GRADE

AUTOMAÇÃO
REDE
SEGURANÇA
ACÚSTICA

HOME THEATER
ÁUDIO HI-END
VIDEOCONFERÊNCIA
ENERGIA FOTOVOLTAICA

FAÇA UPGRADE NO
SEU SISTEMA COM A
HIFICLUB



ARQUITETURA: PAULO ROBERTO NASCIMENTO

  hificlubautomacao

(31) 2555 1223 

comercial@hificlub.com.br 

www.hificlub.com.br 

R. Padre José de Menezes 11 
Luxemburgo - Belo Horizonte - MG

Empresa do
Grupo Foco BH





A microdinâmica é um dos pontos altos deste pré de phono, pois a quantidade de informação extraída do sulco, assusta e encanta. Tudo que sobreviveu à prensagem estará ao alcance da audição. Mas não pensem que este grau de apresentação de microdinâmica tire a concentração do todo - pelo contrário, só enobrecer o acontecimento musical por inteiro, fazendo o ouvinte guardar em sua memória auditiva o que conseguimos extrair de produtos acima de 103 pontos (mais folga, mais prazer, e nenhuma fadiga auditiva).

A macrodinâmica, novamente levará muitos a se questionarem se não falta mais energia, tão evidente nos melhores prés de estado sólido. Eu diria que depende de como você gosta de ouvir os fortísimos. Se sua apreciação é pelo susto, seguido da volta à normalidade, o EQ-500 será frustrante neste aspecto.

Mas, se o seu interesse é em chegar ao “ápice” do fortíssimo acompanhando todos os detalhes e não se perdendo nos sustos, você irá amar o EQ-500, creia! Este é o aspecto mais importante que separa os pirotécnicos dos precisos.

Se ainda está atrás do som pirotécnico, recheado de fogos de artifício, que o tira da concentração do acontecimento musical, produtos como este Luxman jamais irão te atender.

Porém, se a fase de mostrar “efeitos sonoros” aos amigos já foi superada, os produtos que primam pela correção, naturalidade e precisão em não perder a autoridade e a rédea do acontecimento musical, será um bálsamo sonoro.

E depois de ouvir essa assinatura sonora, se tens como referência a música não amplificada ao vivo, o senhor estará na porta do paraíso! Pois irá reconhecer que essa folga é uma aliada e não um vilão.

O corpo harmônico dos prés de phono valvulados usualmente é um dos pontos fortes desse tipo de topologia. Aqui no EQ-500, o amante de topologias valvuladas tradicionais se sentirá órfão, pois o Luxman não soa como a “velha guarda” de valvulados vintage. O corpo é o mais correto que a captação e a mixagem mantiveram, e nada mais.

Lembro de ouvir em um Hi-End Show um solo de sax tenor em um setup analógico com um pré valvulado, em que o sax tinha o tamanho de uma estante de 3 metros de largura! E a voz de Billie Holiday, o tamanho da boca de um hipopótamo! E muitos saíram da apresentação extasiados, como se tivessem finalmente constatado como o analógico realmente tem muito mais corpo harmônico que o digital!

Menos, senhores, menos. Também não podemos exagerar, pois nosso cérebro ao ouvir “tamanha” discrepância do gravado para o real, jamais irá se enganar e achar que aquilo é reprodução ao vivo (organicidade).

O Luxman tem a preocupação em não turbinar nada, seja nos graves, macrodinâmica ou corpo harmônico. O que foi prensado nos sulcos será reproduzido, o mais fiel possível.

A materialização física é excelente, mesmo com discos não tão tecnicamente bem gravados, como o US do músico Peter Gabriel. Aqui, novamente, só escutei esse disco mais “materializado” no CH Precision P1!

CONCLUSÃO

Quase 50 mil reais em um pré de phono é muito dinheiro. Mas, se pensarmos em tantos prés Estado da Arte Superlativo que custam mais de 100 mil, ou próximo a este valor (sem falar dos que custam lá fora acima de 30 mil dólares), o EQ-500 pela sua performance está ainda na parte de cima dos prés até 10 mil dólares, competindo com prés que custam de duas a três vezes este valor.

O que posso dizer é que ele tem tudo para ser o pré definitivo da esmagadora maioria dos audiófilos que possuem um sistema de 100 a 104 pontos, e se dividirmos seu custo por um período de vida de uma década, esse custo é absolutamente plausível.

Recursos para qualquer tipo de cápsula existente no mercado, possibilidade de uso de mais de um braço ou toca-discos, ajustes perfeitos, construção impecável e um acabamento de encher os olhos. Este é o pré top de linha da Luxman, uma empresa com 95 anos de vida que, por décadas, se mantém no topo da pirâmide.

Se buscas tradição, confiabilidade, e performance estupenda, eis o seu pré de phono!

PONTOS POSITIVOS

Pré de phono de nível superlativo em todos os sentidos.

PONTOS NEGATIVOS

Preço.

PRÉ DE PHONO LUXMAN EQ-500

Equilíbrio Tonal	13,0
Soundstage	13,0
Textura	13,0
Transientes	13,0
Dinâmica	12,0
Corpo Harmônico	13,0
Organicidade	13,0
Musicalidade	14,0
Total	104,0

VOCAL	████████████████████
ROCK . POP	████████████████████
JAZZ . BLUES	████████████████████
MÚSICA DE CÂMARA	████████████████████
SINFÔNICA	████████████████████

ESPECIFICAÇÕES

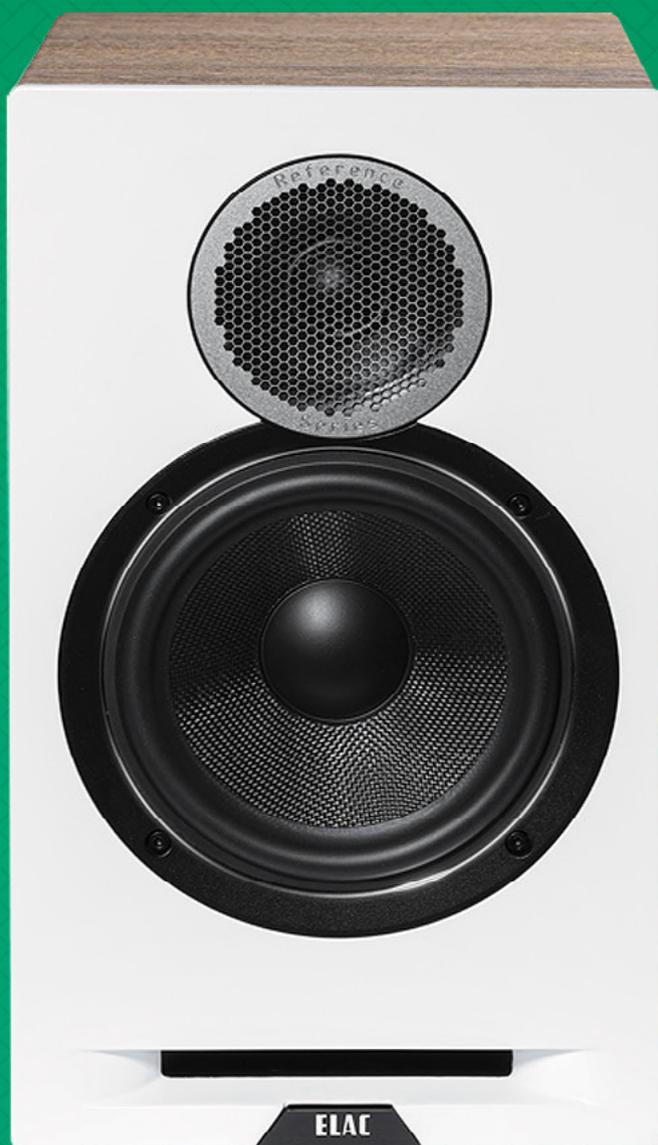
Complemento de válvulas	4x ECC83/12AX7, 2x ECC82/12AU7, 1x EZ81
Entradas	3 (RCA)
Saídas	2 RCA, 1 balanceado (XLR)
Impedância de entrada	2,5 Ohms (MC baixa), 40 Ohms (MC alta), 30 a 100 k Ohms (variável, MM)
Impedância de saída	850 Ohms (RCA ou balanceada)
Relação sinal/ruído (IHF, ponderado A)	74dB (MC baixo), 75dB (MC alto), 76dB (MM)
Distorção harmônica total	0,07% a 1 kHz para saída de 1V com ganho ativo definido para 36 dB
Dimensões (L x A x P)	440 x 92 x 397 mm
Peso	12,5 kg

Alpha Áudio e Vídeo
(11) 3255.2849
R\$ 42.900

ESTADO DA ARTE
SUPERLATIVO



TESTE
2
AUDIO



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=QGYZFR3RRB0](https://www.youtube.com/watch?v=QGYZFR3RRB0)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=Q4TAK59ZLDS](https://www.youtube.com/watch?v=Q4TAK59ZLDS)



CAIXA ELAC DEBUT REFERENCE DBR62

 Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

Sou um grande admirador do projetista Andrew Jones. Acompanho seu trabalho com enorme interesse desde quando ouvi pela primeira vez as caixas da divisão hi-end da Pioneer, a TAD. E foi uma grata surpresa quando ele topou o desafio de construir caixas excelentes para a própria Pioneer, e eu tive a oportunidade de constatar o excelente trabalho realizado (leia teste da coluna Pioneer SP-FS52 na edição 231 de julho de 2017). Foi a caixa mais barata por nós já testada a ganhar o selo Estado da Arte, e muitos leitores estão satisfeitiíssimos com sua performance.

Alguns leitores não se conformam que ela possa ser tão boa e custar o que custa!

Andrew Jones deixou a Pioneer no final de 2015, e foi contratado para dirigir a Elac America, com carta branca para o desenvolvimento de caixas baratas e com a melhor performance possível. Já na sua estreia, ele mostrou ao mundo a série Debut, e ganhou inúmeros

prêmios internacionais e provou que o desenvolvimento de caixas de baixo custo seria sua prioridade também na Elac.

Gentilmente, a Mediagear nos disponibilizou a Debut B6 (que está em teste que será apresentado na edição de maio), a book DBR62 e a coluna DBR52 (teste na edição de junho próximo). Assim podemos dar a vocês leitores uma ideia exata das diferenças entre a Debut e a Debut Reference.

Muitas publicações questionam se a série Reference vale custar o dobro da série Debut, e ao mesmo tempo ser tão próxima em termos de valores da linha Uni-Fi. Se o leitor tiver paciência, chegaremos lá, pois também já estão previstos para o segundo semestre testes da série Uni-Fi.

Mas, no momento, acho que todos que buscam uma book definitiva para salas de até 12 metros quadrados, com valor inferior a 8 mil reais, coloquem em seu “radar”, pois o que vou descrever para ▶



vocês é que estamos falando de uma book que é realmente um ponto “fora da curva”!

Com seu acabamento em madeira nogueira, ela consegue ser elegante sem nenhum tipo de ostentação. A nova grelha de metal de proteção do tweeter lhe dá um ar de modernidade clássica. O tweeter de cúpula de tecido de 25 mm tem um novo guia de ondas para melhorar tanto a dispersão horizontal quanto vertical dos agudos. Mas a grande novidade é a nova unidade de médio-grave, com seu chassi de alumínio fundido e seu cone de 16,5 cm de fibra aramida (também utilizado na série Debut).

O gabinete é todo reforçado para eliminar vibrações internas e o acabamento tem duas opções de cores: um defletor frontal branco com o gabinete revestido de carvalho, ou o defletor preto com o acabamento de nogueira (o que recebemos para teste).

O fabricante informa que a DBR62 responde de 44 Hz a 35 kHz, possui uma impedância de 6 ohms, sensibilidade de 86 dB, é bass-reflex, tem dimensões de 36 cm de altura, 21 cm de largura e 27 cm de profundidade, e pesa 8,2 kg cada.

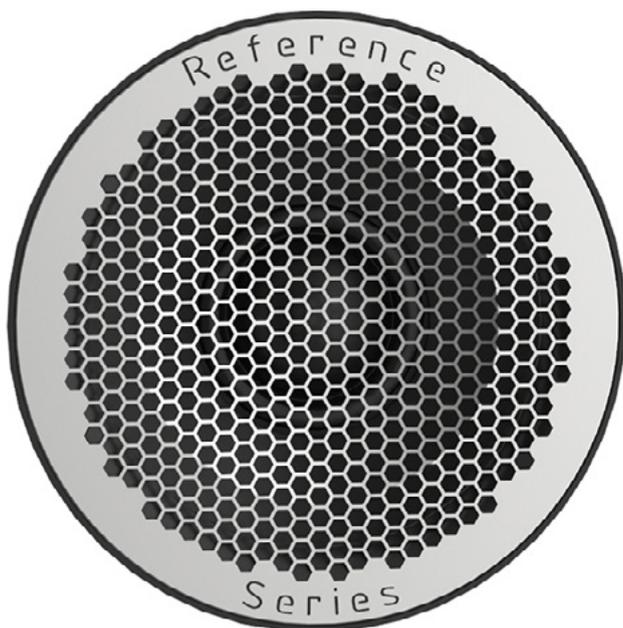
A DBR62 não permite bi-amplificação e seu crossover é de segunda ordem.

Para o teste utilizamos os seguintes equipamentos. Integrados: Cambridge Audio CXA81, Sunrise Lab V8 SS, e Nagra Classic. Cabos de caixa: Virtual Reality Thunder trançado e sólido, e Sunrise

Lab Quintessence. Fontes analógicas: toca-discos Timeless Ceres com braço Enterprise da Origin Live de 12 polegadas, e toca-discos Thorens TD 148 com cápsula Hana HL. Prés de phono: Boulder 508, PS Audio Stellar, e Luxman EQ-500 (leia Teste 1 nesta edição). Fonte digital: transporte Nagra CDT, e DAC Nagra TUBE DAC. Cabos de interconexão: Virtual Reality, Dynamique Apex, e Sunrise Lab Quintessence. Cabos de força: Transparent Audio Reference G5 e PowerLink MM2.

Ainda que eu leia inúmeros reviews dos produtos que nos chegam para teste, os faço apenas depois de fechadas nossas observações, o que não impede muitas vezes de nos surpreendermos com conclusões às vezes muito distintas. Sempre acho que as diferenças podem ser muito mais referentes à sinergia do equipamento utilizado nos testes, salas e, muitas vezes, os discos de referência do artista.

Com o Tidal, consigo ouvir todos os discos citados em testes e costumo observar atentamente em nosso sistema de referência os detalhes que chamam a atenção para o artista ter escolhido aquele disco e aquela faixa. Confesso que tenho me deparado com muitas escolhas que eu pessoalmente não utilizaria, pois elas além de “turbinadas”, são recheadas de samplers e não usam instrumentos reais. O que para mim seriam “armadilhas” na análise de qualquer produto. Mas, critérios são muito pessoais e subjetivos, e quando observo que essas gravações equalizadas e turbinadas



levaram o articulista a uma conclusão diametralmente oposta à que cheguei, consigo entender a razão desta disparidade.

Vou dar um exemplo específico. No teste desta caixa, um revisor disse que ela só era boa para quem escuta jazz e folk. Pois para pop e música eletrônica, ela careceria de autoridade. Aí fui escutar os discos utilizados para esta conclusão. E no sistema e na sala do revisor, e certamente com as músicas escolhidas, acho que nenhuma book de menos de 8 mil reais toque estes exemplos com “autoridade”. Arriscaria mesmo dizer que book alguma irá tocar essas faixas com a “autoridade” que o revisor deseja.

Agora, com instrumentos reais, ainda que turbinados ou com compressão ou equalização, mas bem captados e com músicos competentes, garanto que esta Debut Reference toca qualquer gênero musical, e bem!

E com gravações com um nível técnico de qualidade decente, sua performance é divina!

Ouvi Ben Harper, King Crimson, Metallica, Prince, Genesis, Living Color, e não houve nenhum resquício de falta de autoridade em nenhum momento. E com um detalhe importante: uma folga e um senso de organização e distribuição de energia entre as caixas, impressionantes. Folga que só encontrei em books muito mais caras, como a Paradigm Persona B, a Dynaudio C1, a Boenicke W5SE, e a Q-Acoustics Concept 300 - todas caixas no mínimo três vezes mais caras que a Elac.

A DBR 62 tem um refinamento difícil de igualar, e este “equilíbrio” se traduz em conforto auditivo pleno. É o tipo da caixa que você

pode passar horas e mais horas ouvindo seus discos e não sentirá fadiga auditiva nunca (desde que o seu setup e sala não sejam tortos).

Mas ela precisa de alguns cuidados de posicionamento, tanto em relação às paredes, como em relação ao pedestal e sua altura correta. Nós utilizamos nossa referência, o pedestal da Magis, que nunca nos deixou na mão com book alguma. A DBR62 precisa que esteja corretamente ajustada para o ouvido estar na altura certa entre o tweeter e o falante de graves/médios. Pois se não estiver na altura correta, o equilíbrio tonal pode ser comprometido. O ideal é ouvir vozes femininas para este ajuste, pois quando o posicionamento está correto, a voz feminina ganha aquele corpo de sustentação no médio-grave, tão importante para perceber as inflexões e técnicas vocais (minha cantora preferida para este ajuste ainda é a Ella Fitzgerald ou a Cassandra Wilson, mas cada um tem a sua, é claro).

Definida a altura, busquei o melhor posicionamento na sala, que foi 2,80m entre elas (do centro de um tweeter ao outro), e 1,20 m da parede às costas. Ligeiramente apontadas para o centro do ponto ideal de audição, cerca de 25 graus.

Quando estava acabando o teste, chegou o integrado da Leben de apenas 15 Watts por canal (leia Teste 2 nesta edição). Achei que a sensibilidade da Elac seria um problema intransponível para o Leben, mas para minha grata surpresa, para ouvir pequenos grupos de vozes e instrumentos acústicos, foi um resultado excepcional, principalmente para a análise do quesito Textura em ambos os produtos.

Mas a Elac precisa de mais “músculo” para os outros gêneros musicais. Então utilizamos este belo acervo de integrados (Nagra, V8 SS e Cambridge), e a Elac mostrou integralmente o motivo de tantos prêmios e de elogios tão efusivos!



Seu equilíbrio tonal é um exemplo para inúmeras books que não possuem as últimas duas oitavas nos graves e sofrem para ter um bom equilíbrio e um corpo correto nas baixas frequências. Bem posicionada e com um setup correto, a sensação que tivemos ao reproduzir órgão de tubo é que ela entregava bem mais que os 44 Hz nos graves (e estamos falando de uma sala de 50 metros quadrados).

Na nossa sala de home-theater de 12 metros, essa mesma gravação de órgão de tubo ganhou um deslocamento de ar impressionante, pois no espaço ideal a DBR62 consegue mostrar toda sua “autoridade”, presença e energia.

O equilíbrio tonal é tão bom que, mesmo em músicas como órgão de tubo, percussão, contrabaixo acústico ou elétrico, não existe aquela sensação de corpo esquelético ou falta de peso, que faz com que a região média-alta se projete e torne o equilíbrio tonal cansativo.

A região média é de uma presença orgânica magnífica, que só ouvimos nos melhores monitores de estúdio de gravação (tanto que indiquei para três amigos músicos que a utilizem em seus estúdios).

Para quem adora ouvir os detalhes da microdinâmica, a Elac será um verdadeiro deleite auditivo. Mas graças ao seu impressionante equilíbrio tonal, este grau de transparência não tira a musicalidade e naturalidade do que ouvimos. E os agudos têm a extensão certa e o

decaimento perfeito para nos fazer entender o tipo de reverb digital colocado na mixagem, e o tamanho das salas de espetáculo em que os discos foram produzidos.

Outra reclamação que sempre escuto é que muitas books tem um corpo nos agudos diminuídos, o que faz se perder o interesse em ouvir sem avaliar. Este não é o caso desta Elac. Ouvi inúmeros pratos de condução, justamente para tirar essa dúvida, e proporcionalmente ao tamanho do corpo de outros, outras frequências, o resultado foi muito coerente.

Uma das melhores características de toda boa book, é sumir e deixar apenas a música na sala. Algumas fazem essa “mágica” apenas com gravações excelentes tecnicamente, e as melhores a fazem com gravações que não são um primor técnico, mas em que o engenheiro soube ajustar os planos o foco e recorte no “pampot” da mesa de mixagem. Na Elac essas gravações soam magníficas também tanto em relação aos planos, como na altura e largura e no foco e recorte.

Gravações com diversos instrumentos bem captadas e com ar em volta de cada instrumento, são exemplos matadores deste quesito reproduzido nesta Elac.

Mas se tem um item que foi uma grande surpresa, esse foi a textura. Que capacidade de recriar em detalhes as intencionalidades, a



Andrew Jones - à esquerda



qualidade do microfone, da captação, do instrumento e do músico. É tão impactante e correto, que foi mais uma qualidade que me levou a indicá-la como monitor de estúdio. Este grau de refinamento na apresentação de texturas, novamente, você só encontra em books e monitores de estúdio infinitamente mais caros que essa Elac!

Os transientes são impecáveis em termos de precisão e andamento. Elas soam intensas e com aquela sensação de querer

acompanhar com o pé o ritmo do acontecimento musical. Nada soa letárgico ou desinteressante.

A macrodinâmica (já que da micro eu já falei), obviamente que sofrerá limitação pelo tamanho físico, mas em volumes moderados e com um amplificador que imponha autoridade e controle, você terá alguns sustos, de como uma caixa deste tamanho consegue passagens de macrodinâmica sem estender a língua para fora ou jogar ►



**O melhor integrado
produzido no Brasil**

*A Sunrise Lab tem o prazer de
apresentar o V8 SS, o amplifi-
cador nacional com a melhor
relação custo/performance já
avaliado pela AVMAG.*



Setup & Upgrade de Toca-Discos de Vinil • Upgrades & MODs • Acessórios • Consultoria • Assistência Técnica



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=U4CWXAXHS2E](https://www.youtube.com/watch?v=U4CWXAXHS2E)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=2-MOTKDZOCU](https://www.youtube.com/watch?v=2-MOTKDZOCU)



AMPLIFICADOR INTEGRADO LEBEN CS-300F

 Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

Nós já testamos alguns produtos deste renomado fabricante japonês. E como escrevi no teste do pré amplificador Leben modelo RS-28CX (leia teste na edição 267), o seu projetista, o Sr. Taku Hyodo, tem uma verdadeira legião de fãs em todos os continentes. E cada novo produto é recebido com enorme expectativa pelos usuários da marca.

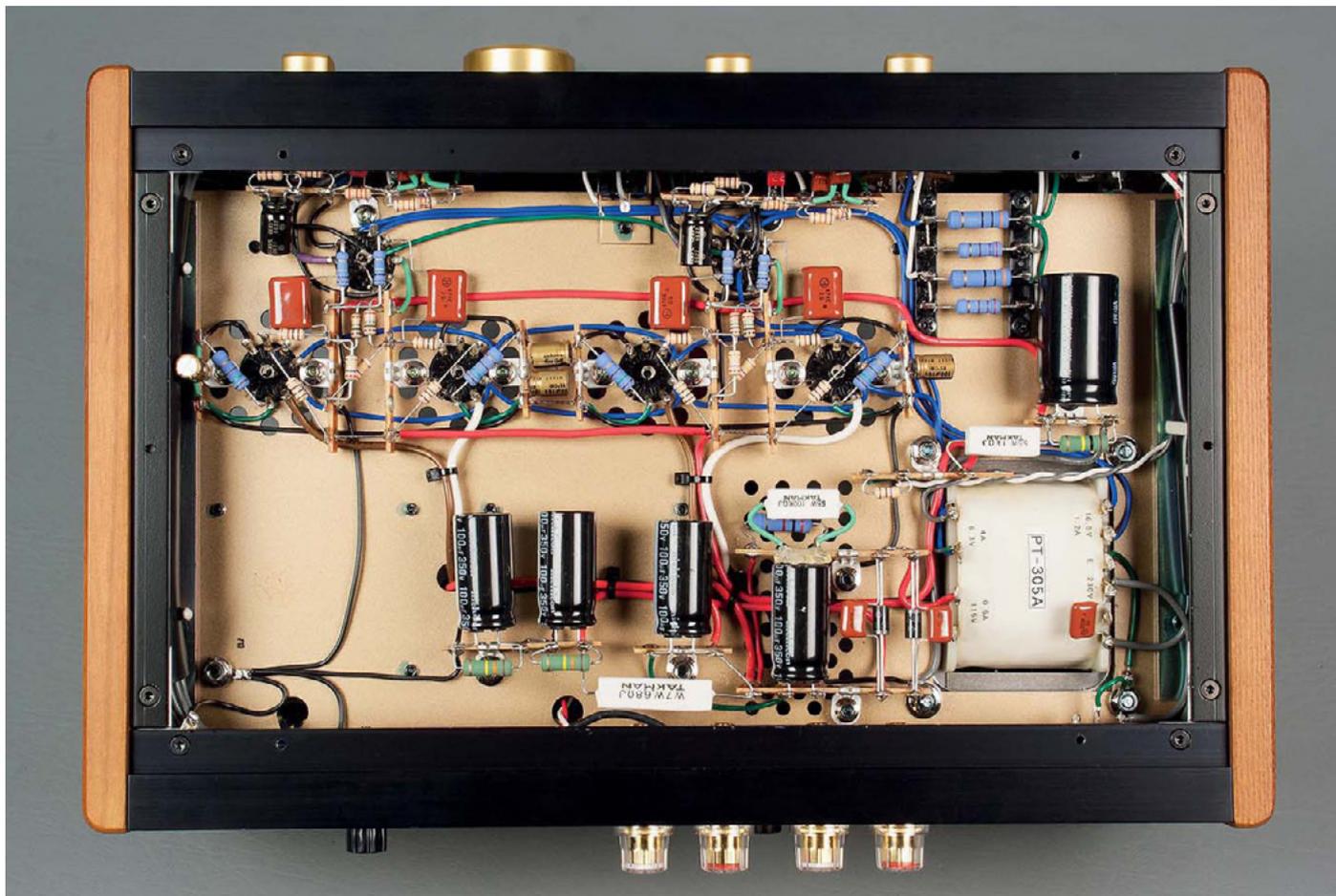
Como estamos falando de uma empresa em que todos os produtos, antes de serem lançados, passam por um longo processo de maturação nas mãos do sr. Hyodo, é de se supor que quando ele considera que o novo produto pode substituir com méritos o anterior, a evolução certamente será consistente e substancial em matéria de novos componentes e de soluções.

A série 300 tem uma longa história de três décadas desde o lançamento do CS-300, nos anos oitenta. O modelo original utilizava dois pares de EL84M da Sovtek, e um par de triodos duplos da General Electric 5751 (ECC83), que mais tarde (quase uma década

depois) foram substituídos por 12AX7A da Sovtek. E com o sucesso, o sr. Hyodo fez uma versão batizada de CS-300X Limited com válvulas Mullard NOS. E quando o estoque dessas válvulas acabou, virou a versão CS-300X S com as General Electric 5751 no estágio de entrada, sendo que esta versão ficou no mercado até 2010.

Agora, na mais recente versão F, as mudanças foram mais radicais, com o uso das General Electric JAN-6169 (segundo o fabricante pela sua maior longevidade e baixa distorção) e no estágio de entrada os triodos duplos japoneses 17EW8 (HCC85 Hi-Fi).

No painel frontal, tem três botões pequenos e um maior. Da esquerda para a direita você tem primeiro o seletor de entradas, seguido do volume, balanço e um botão que regula o grave variando de 3 a 5 dB. Abaixo, temos dois interruptores para ativar o tape monitor, alternar entre a saída para as caixas e o fone de ouvido, e totalmente à direita o botão que liga e desliga o integrado. ▶



Na traseira temos uma vasta área para a ventilação e, da esquerda para a direita, o terminal IEC para o cabo de força, acima o porta fusível, seguido dos terminais de caixas e um seletor de impedância acima dos terminais, seguidos de seis entradas, todas RCA.

As especificações técnicas, segundo o fabricante, são: 15 Watts por canal, resposta de frequência de 15 Hz a 100 kHz (-2 dB), distorção harmônica de 0,7 % (em 10 watts), sensibilidade de entrada de 600 mV, impedância de saída de 4/6/8 Ohms, saída para fone de ouvido de 1000 mW, consumo de 82 Watts, e peso de 11 quilos.

Pelo seu tamanho (mais largo do que profundo) ele cabe perfeitamente em qualquer prateleira, desde que o usuário se lembre de deixar espaço para sua ventilação - por causa das válvulas.

Para o teste utilizamos os seguintes. Caixas: Elac Debut Reference DBR62 (leia teste nesta edição) e a coluna da mesma série, modelo 52 (leia teste na edição de junho), e a Sasha DAW da Wilson Audio. Fones de ouvido: Grado Statement GS3000e (leia teste na edição de março de 2021), e o Meze 99 Classics. Cabos de força: Sunrise Lab Quintessence e Powerlink MM2. Fontes digitais: streamers Innuos Zen e Mini Zen (leia teste edição de junho), transporte Nagra CDT (leia teste edição de julho), e TUBE DAC da Nagra. Fontes analógicas:

toca-discos Thorens TD 148 A (leia teste edição junho de 2021), e Timeless Ceres com braço Enterprise de 12 polegadas da Origin Live e cápsula Hana Umami Red (leia teste na Edição de Aniversário, de maio de 2021). Prés de phono: PS Audio Stellar, Boulder 508 e Luxman EQ-500 (leia Teste 1 nesta edição). Cabos de interconexão: Virtual Reality (leia Teste 5 nesta edição), Sunrise Lab Quintessence, e Dynamique Apex. Cabos de caixa: Virtual Reality (trançado e sólido), Sunrise Lab Quintessence, e Dynamique Apex.

O integrado da Leben veio com quase 50 horas de queima, o que ajudou muito pois a quantidade de produtos que chegaram para teste neste começo de ano foi muito acima do imaginado! Então fizemos uma primeira audição com ele ligado ao nosso Sistema de Referência e o deixamos amaciando por mais 50 horas, antes de fazer nossa avaliação final.

Muitos devem estar pensando o que um integrado valvulado de apenas 15 watts pode me oferecer? Se ainda pensas em quantidade antes de qualidade, sugiro que pare de ler imediatamente o teste. Agora, se já tivesses a oportunidade de ouvir um amplificador de baixa potência ligado a caixas de alta sensibilidade (o ideal seria ao menos 89 dB para cima) e em uma sala de até 16 metros ▶

quadrados, posso te garantir que no mínimo ficará surpreso com a quantidade de informação e prazer auditivo que este pequeno Leben tem a oferecer.

E se buscas um setup para ouvir pequenos grupos, vozes, instrumentos acústicos e solistas, meu amigo, você veio ao lugar certo. Pois este Leben pode, montado de maneira correta, te levar às lágrimas, e fazê-lo lembrar que acima de tudo a qualidade vem sempre em primeiro lugar.

Agora, se queres um sistema que faça o seu moleto soprar com o deslocamento de ar nos graves, certamente seu interesse neste integrado será zero.

Um amigo, ao ouvir este integrado ligado nas Elac Debut Reference, sintetizou de forma brilhante a quem este Leben prestará excelentes serviços: “Este é um sistema para pessoas que não estão famintas, e sim para as que estão saciadas”. Concordo integralmente! Pois imaginamos que quando estamos famintos, não raciocinamos muito, pois só queremos matar nossa fome, e colocamos goela abaixo tudo que nos oferecerem. Os saciados, ao contrário, são seletivos, e usam todo seu conhecimento para avaliar o que lhes dará mais prazer aos sentidos.

Ainda que ambas as Elacs tenham uma sensibilidade menor que 89 dB, por algum motivo que desconheço casaram muito bem com o Leben. E a Sasha DAW, com seus 91dB, melhor ainda. Com qualquer dessas três caixas, o Leben mostrou todas as suas insígnias e nos permitiu apreciar sua ampla habilidade em nos tecer uma estrutura musical muito peculiar, em que texturas e musicalidade eram os degraus mais altos!

Não que ele não se esforce para ser o mais correto em todos os quesitos da Metodologia, mas sim que provavelmente sejam estes os requisitos que seu projetista também mais busca aperfeiçoar em cada um de seus novos projetos.

Todos os Leben que escutei ou testei têm esta assinatura sônica, em que as texturas e a musicalidade sobressaem, mas interessante que não podemos dizer que todos os seus projetos têm na mesma proporção estes quesitos.

Senti muito mais nos integrados que no pré e power o destaque da musicalidade e textura. Não sei dizer se isso ocorre de forma intencional ou não e se essa diferença está em todos os prés e powers já produzidos pela Leben, só sei que nos integrados esta característica é predominante.





A mim agrada muito saber que os integrados têm esta assinatura, o que nos permite a todos os leitores que nos pedem consultoria, neste país de tamanho continental, e que têm dificuldade de ouvir em seus sistemas os produtos desejados, poder indicar os integrados deste fabricante, caso seja este o desejo do leitor - e, óbvio, que o resto do setup também já tenha essas características.

Eu sinceramente não vi grande benefício do ajuste de grave existente neste integrado, pois nas três caixas utilizadas no teste, não foi preciso jamais reforçar as baixas frequências. Fiquei aqui pensando que, talvez nas caixas mais antigas, em que a resposta de grave esteja acima de 55 Hz, este ajuste faça algum sentido, mas não foi nosso caso.

Os graves são precisos, com bom corpo, energia e excelente decaimento na primeira oitava.

A região média é de uma naturalidade inebriante. As vozes soam com enorme precisão e muito detalhadas, mas sem nunca passar do ponto ou ficar transparente em demasia.

Os agudos, para os acostumados a ter como referência amplificadores de estado sólido, podem achar que falta respiro ou maior extensão. E falta. Mas não ao ponto de não reconhecermos as ambiências ou o correto decaimento dos pratos. É uma questão de costume e, claro, de caixas em que os agudos não tenham este tipo de limitação.

O foco e recorte são os pontos altos do Leben e, em termos de soundstage, os planos são um pouco menos amplos em termos de profundidade e largura. Mas o Leben contorna este ponto, oferecendo um foco e recorte "cirúrgicos", que nos permitem "ver" se o solista estava em pé ou sentado, e aquele silêncio peculiar em volta

do solista nas captações bem feitas e sem vazamento de outros microfones próximos.

Quando muitas vezes os leitores me questionam o motivo da imagem do cantor não ser sólida à sua frente, entre as caixas, eu sempre peço para ele verificar as três situações mais óbvias: se as caixas estão posicionadas idênticas em relação às paredes, se ponto de audição está na formação do triângulo equilátero, se o balanço no amplificador está correto, e se suas gravações de referência para este quesito são seguras. Pois muitas vezes o vazamento de microfones em volta do solista fará com que a imagem mude de posição. Então, se as duas outras hipóteses estiverem corretas, certifique-se que suas referências não tenham vazamento de microfone, pois não dá para se corrigir isso na mixagem. Se vazou, estará ali.

As texturas, como disse, são junto com a musicalidade o ponto mais alto deste integrado. Você poderá perfeitamente avaliar a qualidade do instrumento, do músico, do microfone, do engenheiro de gravação, e observar a intencionalidade e complexidade da obra executada sem sair de seu ponto de audição e sem esforço algum.

Os transientes são muito corretos, assim como a microdinâmica. Seu calcanhar de Aquiles realmente será a macrodinâmica. Neste quesito, não abuse, pois verá o som característico de válvulas que "dobram o joelho", deixando o som duro e desconfortável para os ouvidos.

Como escrevi no começo, este é um integrado para quem não escuta grandes orquestras ou obras complexas e com enormes variações de dinâmica.

O corpo harmônico é correto e bem preciso, e a organicidade dependerá do nível técnico da gravação. ▶



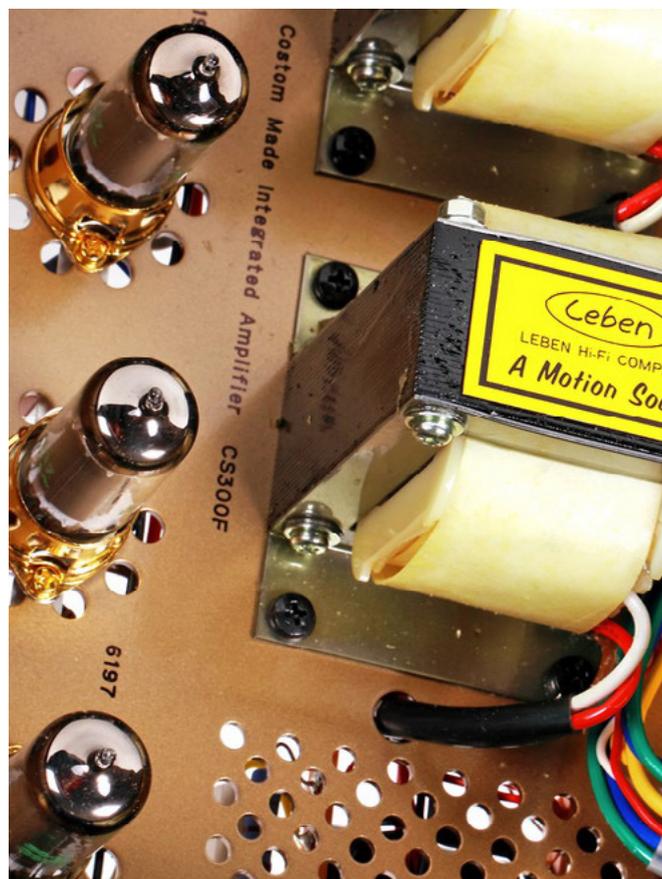
CONCLUSÃO

Sempre recebo indagações de que powers de baixa potência estarão cada vez mais limitados a um público muito específico. Sim, é bem provável que este processo já esteja ocorrendo há muito tempo. No entanto, os single-endeds de 2 a 10 Watts estão aí para mostrar o quanto eles ainda são bem queridos, assim como as caixas de alta sensibilidade para tocar esses amplificadores, sejam elas cornetas ou não.

Perto de um single-ended de 3 Watts, o Leben com seus 15 watts é quase uma “usina de força”. Com as caixas certas, acima de 89 dB, em salas menores, este Leben pode não só surpreender como ser uma excelente opção para quem só quer ouvir seus discos sem se preocupar em analisar se “falta isso”, ou se “tem muito daquilo”.

O Leben é o tipo de integrado que vai direto ao ponto, sem rodeios, e cabe ao ouvinte descobrir se vai na direção desejada ou não. Eu gosto de equipamentos assim, pois são autênticos e não prometem mais do que fazem.

Se procura um integrado que toque seus discos de uma maneira que as deficiências fiquem em segundo plano e as qualidades sejam realçadas, escute-o! Ele certamente atenderá muito mais a melômanos do que audiófilos - mas como os audiófilos, em muitos momentos de sua busca, desejam uma trégua ou um “oásis” apenas para matar sua sede antes de reiniciar a busca, quem sabe o Leben possa ser este porto seguro. ■





PONTOS POSITIVOS

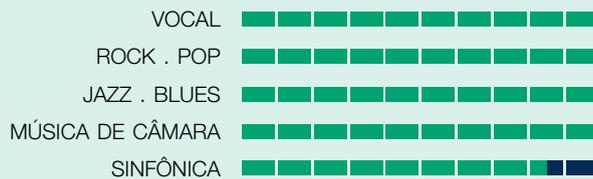
Um integrado em que a musicalidade irá sempre imperar.

PONTOS NEGATIVOS

Necessita de uma caixa com boa sensibilidade.

AMPLIFICADOR INTEGRADO LEBEN CS-300F

Equilíbrio Tonal	10,0
Soundstage	10,0
Textura	11,0
Transientes	10,0
Dinâmica	9,0
Corpo Harmônico	10,0
Organicidade	10,0
Musicalidade	11,0
Total	81,0



ESPECIFICAÇÕES

Potência	15 Watts por canal
Resposta de frequência	15 Hz a 100 kHz (-2 dB)
Distorção harmônica	0,7 % (à 10 watts)
Sensibilidade de entrada	600 mV
Impedância de saída	4/6/8 Ohms
Saída para fone de ouvido	1.000 mW
Consumo	82 Watts
Dimensões (L x A x P)	360 x 140 x 270 mm
Peso	11 kg

KW Hi-Fi
 (48) 3236.3385
 US\$ 4.380

DIAMANTE
 REFERÊNCIA



DYNAUDIO



EVOKE

Evoke é para ser ouvida na sala de estar. Nas salas de cinema em sua casa. Nas salas de audição. É o Hi-Fi de qualidade para todos os ambientes.

Esta nova gama de falantes utiliza tecnologia avançada diretamente dos nossos produtos topo de linha, incluindo acabamentos, tecnologia de condução e design. Isso significa que cada um dos cinco modelos Evoke pode vibrar com você, crescer com você e ficar com você de qualquer forma que você escute.



(11) 3582-3994
contato@impel.com.br

impel.
com.br

DISTRIBUIDORA OFICIAL DYNAUDIO NO BRASIL

TESTE
4
AUDIO



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=SBVSSMO6AAU](https://www.youtube.com/watch?v=SBVSSMO6AAU)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=6NMFMPiXRKU](https://www.youtube.com/watch?v=6NMFMPiXRKU)



TOCA-DISCOS RELOOP RP-2000 MKII

 Juan Lourenço
revista@clubedoaudio.com.br

A Alpha AV trouxe para o Brasil mais um toca-discos de vinil da alemã Reeloc. Em outras edições da revista, foram testados dois modelos muito bons, dentro de suas respectivas faixas de preço. Os reviews podem ser vistos nas edições 244 e 247 da revista.

O modelo em questão é o RP-2000 Mk2, um toca-discos direct-drive por quartzo, pensado para DJs iniciantes que queiram se aventurar na cena eletrônica ou em casa mesmo, além de nós mesmos apreciadores da primeira arte. Ele possui visual clássico, um pré de phono interno que pode ser desligado para o uso de um pré de phono externo, saída USB para utilizar em uma mesa eletrônica ou digitalizar suas músicas, e até utilizar em sample no futuro, e todos os cabos de alimentação.

O braço balanceado em forma de S possui levantamento hidráulico e ajuste de anti-skating. Não possui ajuste de altura da base

do braço, porém vem com o ajuste para cápsulas Ortofon. O TD vem equipado com uma cápsula Ortofon OM Black com faixa de frequência de 20Hz a 22kHz, saída de 4mV com o logo da Reeloc. Sim, a empresa alemã mantém uma excelente parceria com a maior fabricante de cápsulas do mundo, a Ortofon - ou seja, cápsulas é o que não vão faltar para fazer upgrades, principalmente com a facilidade e conveniência do headshell tipo baioneta SME, universal.

O chassi já consagrado pesa 6 kg, é robusto e vem evoluindo com o RP-2000 anterior e com outros modelos da marca que utilizam o mesmo gabinete, com pequenas modificações - mantendo-se praticamente inalterado interna e externamente, exceto pelo novo painel metálico preto profundo e botões metálicos de acionamento, e regulação de velocidades 33 1/3 e 45 RPM. O prato continua o mesmo, fundido em alumínio e usinado com precisão. O motor DC de duas



velocidades não utiliza escovas, o que evita dores de cabeça com manutenção. Os pés em borracha reduzem a vibração e fazem um bom desacoplamento da base do toca-discos com a prateleira em que estiver apoiado, isto se traduz em uma qualidade sonora superior, uma imagem de palco sonoro mais definida e um silêncio de fundo melhorando toda a apresentação musical.

Para o teste foram utilizados os seguintes equipamentos. Amplificador integrado: Sunrise Lab V8 MkIV Signature Special. Pré de phono: Sunrise Lab The PhonoStage II SE. Cabos: força, caixa e interconexão RCA da Sunrise Lab Premium e Reference Magic Scope. Caixa acústica: Dynaudio Evoke 30.



O RP-2000 Mk2 chegou lacrado e muito bem protegido em sua embalagem. Dentro dela vem o toca-discos com algumas partes separadas e protegidas individualmente. Gabinete, prato, contrapeso, cabos e acessórios estão acondicionado em isopor injetado. A cápsula está unida ao headshell, bastando rosquear ao braço, e pronto.

O único trabalho é o ajuste do contrapeso - para o que é preciso uma balança própria para toca-discos. O ajuste ficou em 2 g, e o anti-skating em 1,6 g.

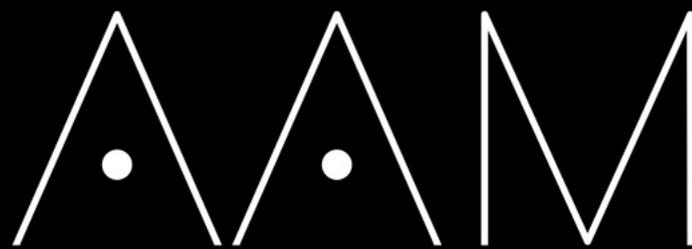
Após o amaciamento de cerca de 40 horas, iniciamos os trabalhos com o disco Bozzio Levin Stevens, Black Light Syndrome, todo o lado B do disco 2. Gosto de começar por este disco por ser bastante complexo e exigir do toca-discos um bom compromisso do material e geometria do braço, e de sua fiação interna, além da interação com a cápsula. Como era de se esperar, a Reloop mantém seu histórico intacto com um ótimo compromisso entre braço e cápsula. Bom equilíbrio tonal e conforto auditivo é quase uma regra para o vinil, é preciso ser um projeto propositalmente mal-feito para que um toca-discos de vinil não tenha estas características acentuadas - ter tudo isso e uma ótima extensão nos dois extremos e timbres muito bonitos.

Seguindo em frente, passamos para Patricia Barber, Café Blue, que mantém a performance do RP-2000 Mk2 em bom nível com um contrabaixo desembolado e agudos com boa limpeza e arejamento. O conjunto braço e cápsula formam uma dupla bastante sinérgica. Pode parecer óbvio, mas não é. Algumas marcas consagradas se descuidam deste detalhe quando se fala em toca-discos de entrada e insistem em cápsulas que não possuem boa sinergia com seus braços, o que se traduz em um sistema que o usuário utilizará poucas vezes. Neste ponto, a Reloop faz direitinho o seu dever de casa. ▶



CONCLUSÃO

A Reloop parece dar muita importância para os materiais empregados em seus projetos, e à sinergia entre eles, e com uma cápsula reconhecidamente amigável - como são as Ortofon. Não dão chance para o azar, revisando de tempos em tempos seus produtos de forma sistemática. A prova disto é o RP-2000 Mk2, que está melhor que o anterior, mantendo a sonoridade intacta. ■



AUDIO CONSULTING

Para quem deseja extrair o melhor do seu sistema analógico.

A AAM presta consultorias em áudio e é especializada em instalação e ajustes de equipamentos analógicos - toca-discos e gravadores open reel.

andremaltese@yahoo.com.br - (11) 99611.2257

PONTOS POSITIVOS

Excelente casamento entre braço e cápsula. Motor robusto e confiável. Ótimo acabamento com a nova base superior.

PONTOS NEGATIVOS

Os pés de apoio não possuem regulagem de altura.

ESPECIFICAÇÕES

Tipo	Toca-discos direct-drive
Tração	Motor direct-drive controlado por quartzo
Motor	DC sem escovas
Velocidades	2 (33 1/3, 45 RPM)
Torque	>1 kg/cm
Wow & flutter	<0.15% WRMS
Relação sinal/ruído ratio	>50 dB (DIN-B)
Material do prato	Alumínio fundido
Diâmetro	332 mm
Tipo do braço	Em S, shell universal
Comprimento efetivo	230.5 mm
Overhang	16 mm
Peso aplicável	3.5 a 8.5 g (incluindo headshell de 13 a 18 g)
Anti-skating	0 a 7 g
Alimentação	AC 115/230 V, 60/50 Hz
Consumo	13 W
Dimensões (L x A x P)	450 x 144 x 352 mm
Peso	6.75 kg

TOCA-DISCOS RELOOP RP-2000 MKII (USANDO PRÉ DE PHONO INTERNO)

Equilíbrio Tonal	7,0
Soundstage	7,0
Textura	7,5
Transientes	7,0
Dinâmica	7,0
Corpo Harmônico	7,0
Organicidade	7,5
Musicalidade	7,5
Total	57,5

VOCAL	
ROCK . POP	
JAZZ . BLUES	
MÚSICA DE CÂMARA	
SINFÔNICA	

TOCA-DISCOS RELOOP RP-2000 MKII (USANDO PRÉ DE PHONO EXTERNO)

Equilíbrio Tonal	8,0
Soundstage	7,0
Textura	7,5
Transientes	7,0
Dinâmica	7,5
Corpo Harmônico	7,5
Organicidade	7,5
Musicalidade	8,0
Total	60,0

VOCAL	
ROCK . POP	
JAZZ . BLUES	
MÚSICA DE CÂMARA	
SINFÔNICA	

Alpha Áudio e Vídeo
(11) 3255.2849
R\$ 2.990

PRATA
REFERÊNCIA





Where Swiss Precision Meets Exquisite Refinement

CH Precision C1 Reference Digital to Analog Controller



A Ferrari Technologies orgulhosamente apresenta a mais nova referência mundial em eletrônica Hi-end. A Suíça **CH Precision**, mais uma marca *State of the Art* representada no Brasil.

“O C1 é, de longe, o melhor DAC ou componente que eu já experimentei no meu sistema. Não tem absolutamente “voz”. Um de seus atributos mais impressionantes é o ruído de fundo extremamente baixo. Em excelentes gravações, os instrumentos surgem ao vivo sem silvos ou anomalias. É absolutamente silencioso! O C1 “pega” qualquer coisa que você jogue nele. Eu ouvia música horas e horas e gostava de cada segundo. Isso me permitiu penetrar mais fundo nas nuances. É tão silencioso que a textura instrumental se tornou uma delícia. O C1 também se destaca em todos os outros parâmetros que você pode imaginar: separação de canais, dinâmica, recuperação de detalhes e apresentação geral.”

Ran Perry



TESTE
5
AUDIO





CABOS LIGHTING I RCA & LIGHTING II XLR DA VIRTUAL REALITY

 Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

Depois da bela surpresa que foi conhecer o cabo de caixa trançada da Virtual Reality, e publicado na edição passada, apresentamos agora os cabos de interconexão RCA e XLR da série Lighting.

Interessante que, ainda que façam parte da mesma série, eles utilizam fios distintos em sua construção, o que nos levou à seguinte indagação: como se comportam separados? E, juntos em um mesmo setup, como será a assinatura sônica, e qual será o predominante?

Puxando pela memória, não me lembro de nenhum outro fabricante de cabos que testamos, que tivesse essa abordagem (de fios distintos) dentro da mesma série.

O cabo RCA, batizado de Lighting I, assim como o de caixa, também é confeccionado com fios de cobre alemão com dupla blindagem, e 4 condutores de cobre de alta pureza sólidos em fechamento tipo "Star Quad". Conectores Pailliccs australianos banhados a ouro, e com solda sem chumbo com 7% de prata.

Já o cabo XLR, batizado de Lighting II, é confeccionado com fios americanos com e sem blindagem, e condutores de cobre de alta pureza banhados a prata. Isolação de teflon, conectores Pailliccs banhados a ouro, e também solda sem chumbo com 7% de prata.

Sabendo dessas diferenças de escolha de matéria prima, resolvi testá-los separados, e só no final do teste ouvi ambos em nosso Setup de Referência. Eles foram usados mais tempo nos prés de phono que estavam em teste do que em qualquer outro equipamento. Decidi assim, pois a assinatura sônica de cada pré de phono era muito distinta. Isso nos deu a possibilidade de conhecer o grau de compatibilidade dos cabos com esses prés e, ao mesmo tempo, ouvir as diferenças entre eles.

Foi muito instrutiva esta escolha. Pois realmente soam diferentes e, mesmo a troca de posição entre os dois Lighting (hora usando o XLR do pré de phono para o pré de linha, e o RCA do pré de linha para os powers) ficou evidente a assinatura sônica de cada um e como se comportam juntos. ▶

São cabos que, com menos de 100 horas, já soam bastante equilibrados e com boa extensão em ambas as pontas.

Sua construção é excelente, e sua leveza e facilidade de instalação permite, mesmo em espaços reduzidos, eles se adaptarem sem ficarem contorcidos ou com risco de serem danificados. Cada vez mais prefiro cabos que sejam leves e maleáveis, e que não coloquem em risco as tomadas de IEC dos aparelhos. Pois, quando a idade chega, aqueles movimentos contorcionistas que fazíamos diariamente na instalação de cabos, não existem mais - tudo que queremos é mobilidade sem riscos de dores nas costas, ciático ou torcicolo. Meu pai dizia que o idoso quer apenas o "básico" - ele estava coberto de razão.

Ainda que tenha espaço para instalar ou trocar qualquer cabo ou equipamento, os que se encontram na prateleira mais rente ao chão são bastantes incômodos para enxergar sem cometer deslizes.

Para evitar acidentes, atualmente na prateleira mais baixa dos dois racks coloquei estrategicamente o DAC (já que deixo todos os cabos do transporte e do servidor de música Innuos conectados), e no outro rack se encontra a fonte PSU do pré de linha e do DAC.

Começarei o teste falando das semelhanças e virtudes sônicas, antes de apresentar as diferenças. Quando abordo o tema em testes ou artigos técnicos e pessoais, das diferenças sônicas dos cabos, os objetivistas rangem tão forte os dentes e bufam com tamanha intensidade que escuto aqui no meio do mato, rs. Mas não tenho como evitar de tocar neste assunto, já que cabos se comportam de maneira distinta e "audível" em diferentes sistemas, e todos possuem alguma assinatura sônica que pode ou não casar como setup.

Todas as observações finais deste teste foram feitas com os seguintes pré de phono: Boulder 508, PS Audio Stellar, Luxman EQ-500, e por uma semana apenas com o Nagra Phono Classic, que será o teste da Edição de Aniversário.

E pudemos fazer um aXb, simultâneo, alternando entre PS Audio, Nagra e Luxman. O que ajudou a compreender as diferenças e semelhanças muito facilmente.

O toca-discos utilizado foi o Timeless Ceres, já modificado em relação ao que testei, com braço Origin Live Enterprise de 12 polegadas, e cápsula Hana Umami Red. O resto do sistema foi o nosso de referência.



Em todos os quatro prês de phono, achamos o XLR superior em todos os quesitos de nossa Metodologia, porém o RCA no PS Audio teve um grau de compatibilidade maior nas altas frequências, e uma região média neste pré de phono que nos agradou mais em termos de timbre e texturas.

Quando passamos os cabos para atuarem entre o pré de phono e pré de linha, e entre o pré de linha e os powers, achamos que o XLR se “encaixou” melhor sempre entre os prês, e não entre o pré de linha e o power.

Quem fez o Nível II do nosso Curso de Percepção Auditiva sobre cabos, irá se lembrar do famoso efeito “cascata”, que quando temos dois cabos diferentes, o de melhor qualidade nos oito quesitos da Metodologia deve sempre vir em primeiro lugar, ou seja: da fonte para o pré. Seja fonte digital ou analógica. O motivo é dar a melhor qualidade de sinal possível para o pré, para que todas as virtudes sejam preservadas.

Em termos de equilíbrio tonal, o XLR apresentou melhor arejamento nas altas, um decaimento mais suave, realçando as ambiências das gravações (principalmente as da época de ouro do analógico, do final dos anos 50 a meados dos anos 70).

Com o RCA, ganhamos mais calor e maior naturalidade na região média e média alta, mas perdemos esta ambiência, tão essencial para ouvirmos as grandes salas de gravações do estúdio Capitol, por exemplo.

Como sempre digo: tudo são escolhas, nesta faixa de preço, pois ter tudo na mesma proporção custa bem mais caro, seja em termos de eletrônica como em cabos (ouvi tanto ranger de dentes que achei que era uma porta com as dobradiças enferrujadas, rs).

A região média e média-alta do XLR, não tem o mesmo calor, mas tem maior transparência e uma resolução de microdinâmica maior. Os graves de ambos os cabos são bastante semelhantes, mas para ouvir pequenos grupos de blues e rock/pop, apreciei mais a assinatura sônica do RCA.

O soundstage de ambos é muito bom. Ótima largura, altura e profundidade. Foco e recorte muito corretos em ambos. Assim como a apresentação de planos em grandes orquestras.

A textura, para o meu gosto pessoal, foi mais “sedutora” no RCA, mas o grau de transparência do XLR ajudou muito na recuperação da intencionalidade, o que pode, para muitos, ser mais relevante do que a “sedosidade”.

Calibração de TVs e Projetores

Quer ver aquela imagem de Cinema em sua casa?

Comprou a TV dos seus sonhos e está decepcionado com a imagem de fábrica? Foi ao cinema e está se perguntando por que a qualidade da imagem é muito melhor?

Faça uma calibração profissional de vídeo e deixe sua TV ou projetor nos mesmos padrões dos estúdios de cinema! Assista seus filmes preferidos com cores mais vibrantes e naturais, menor fadiga visual, muito mais contraste e percepção de detalhes. Afinal, sua imagem também merece ser hi-end.

NAO CALIBRADO



CALIBRADO



Mais informações (11) 98311.8811
e agendamentos: jlrot2020@gmail.com

Os transientes em ambos são excelentes. Tempo, andamento, ritmo, tudo preciso e convincente, nos levando a acompanhar o ritmo com total interesse e zero dispersão.

A dinâmica foi corretíssima em ambos, mas a microdinâmica, graças à transparência maior do XLR a evidenciou um pouco mais neste quesito. Já na macro, ambos se saíram muito bem, ombreado com cabos “n” vezes mais caros!

No corpo harmônico, o RCA foi ligeiramente mais fiel, tanto em termos de apresentação do corpo, como na diferença entre os diversos instrumentos. Mas nada que o XLR tenha sido comprometido, pois essas diferenças de corpo só foram “audíveis” escutando ambos simultaneamente.

A materialização física em ambos foi muito boa. Graças a seu excelente soundstage em termos de largura, altura e profundidade, nas gravações tecnicamente impecáveis o resultado foi empolgante.

Quanto ao último quesito, musicalidade, é difícil decidir um vencedor, pois com o Luxman EQ-500, neste quesito o XLR foi “matador”. Já no PS Audio, o RCA se mostrou mais musical. Mas se virmos a topologia destes dois prés de phono, teremos uma boa “pista” do motivo deste resultado. O PS Audio é uma topologia de estado sólido, e o Luxman é valvulado.

Trocando os cabos, o resultado foi ruim? Absolutamente que não. Apenas as virtudes não foram tão evidentes.

CONCLUSÃO

O que impressiona na linha de cabos da Virtual Reality, é o grau de qualidade em todos os sentidos, e com um custo que o coloca como a melhor opção para a maioria dos nossos leitores que possuem um sistema Estado da Arte (acima de 83 pontos na nossa Metodologia) mas que sofrem para realizar upgrades nos cabos, pelos valores dos mesmos muitas vezes ultrapassarem o custo dos seus equipamentos!

Este era um dilema, que não existe mais!



Se este é seu caso, e os cabos é que estão fazendo o papel de freio de mão em seu sistema, ouça estes cabos. Eles podem definitivamente escrever um final feliz para este dilema!

Obs.: como, no final, as diferenças foram mais de compatibilidade com os eletrônicos utilizados, a nota de ambos será a mesma. ■

PONTOS POSITIVOS

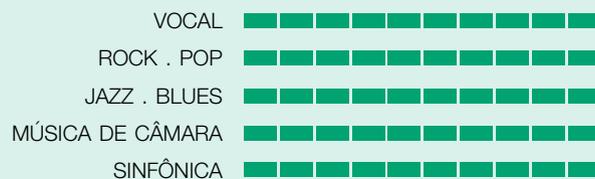
Excelente relação custo/performance.

PONTOS NEGATIVOS

Nada nesta faixa de preço.

CABOS LIGHTING I RCA & LIGHTING II XLR DA VIRTUAL REALITY

Equilíbrio Tonal	12,0
Soundstage	11,0
Textura	12,0
Transientes	12,0
Dinâmica	10,0
Corpo Harmônico	11,0
Organicidade	11,0
Musicalidade	12,0
Total	91,0



Cabo RCA:
 1 m - R\$ 600
 1,5 m - R\$ 750
 2 m - R\$ 900
 2,5 m - R\$ 1050
 3 m - R\$ 1.200

Cabo XLR:
 1 m - R\$ 1090
 1,5 m - R\$ 1285
 2 m - R\$ 1.480
 2,5 m - R\$ 1.675

Virtual Reality
 ebertgoulart@icloud.com
 (12) 99147.7504

ESTADO DA ARTE





O MAIOR ACERVO DE MÚSICA
A SUA DISPOSIÇÃO

DISCOS de
SELOS AUDIÓFILOS
IMPERDÍVEIS!

**FAÇA PARTE DO
NOSSO GRUPO
DE WHATSAPP!**
Receba diariamente ofertas
de CDs e Vinis (audiófilos e
standards), com condição
de remessa via sedex.

 **11 99341.5851**



Calçada Antares, 241 - Alphaville/SP - Centro de Apoio 2
Em frente ao Alphaville Residencial 6
Tel.: 11 99341.5851 

WWW.AUDIOCLASSIC.COM.BR
LOJA.AUDIOCLASSIC@GMAIL.COM

TESTE
6
AUDIO



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=KQ-B5ZJ49ZQ](https://www.youtube.com/watch?v=KQ-B5ZJ49ZQ)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=VIODW5SK5I0](https://www.youtube.com/watch?v=VIODW5SK5I0)



SOUNDBAR TCL TS9030



Jean Rothman
revista@clubedoaudio.com.br

Sempre enfatizo, nos testes de TVs, a necessidade de um bom sistema de som ou uma soundbar. Os falantes das TVs modernas são diminutos e, geralmente, voltados para trás ou para baixo, o que torna o resultado bastante sofrível.

As soundbars vieram preencher esta lacuna e trazer uma melhor qualidade de áudio, aumentando a imersão dos usuários.

Elas não devem ser comparadas a sistemas compostos por receivers e caixas acústicas dedicadas, pois são categorias de produtos distintas tanto em valor como em performance. A comparação deve ser feita em relação aos falantes das TVs, pois neste caso o resultado é incrivelmente superior, na maioria dos casos.

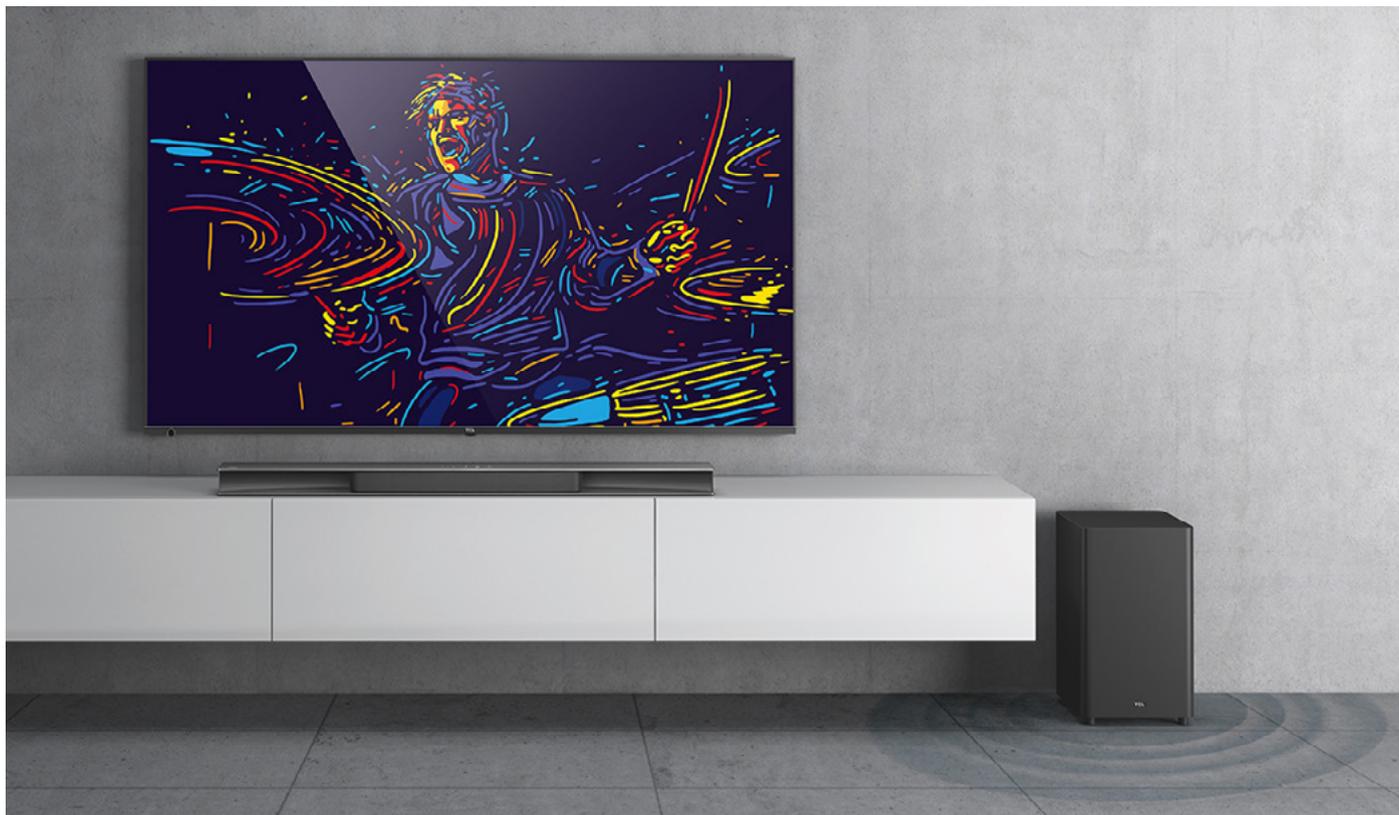
A soundbar TS9030 da TCL é um produto com design diferenciado e diversos recursos que facilitam seu uso de modo integrado à maioria das TVs disponíveis atualmente.

DESIGN, CONEXÕES E CONTROLE

A TS9030 possui corpo em plástico e é bem fina, com apenas 58 mm de altura, o que permite sua instalação na frente das TVs sem obstruir parte da imagem, na maioria dos casos. Ela também pode ser fixada na parede através de dois suportes que acompanham o aparelho.

Seu áudio possui topologia 3.1, com 3 falantes frontais e um subwoofer sem fio, totalizando 540W de potência. Seu design é muito peculiar e interessante, contando com uma tecnologia de reflexão acústica chamada de Ray-Danz, possuindo duas cavidades curvas em suas extremidades que dispersam o som para as laterais da sala.

De acordo com o fabricante, esses refletores emitem o som em um ângulo preciso para criar reverberação natural e um palco sonoro percebido muito mais amplo. Este design foi premiado no iF Design ▶



Award 2020 por seu design exclusivo e tecnologia inovadora de refletor acústico.

O subwoofer sem fio tem seu corpo em MDF e plástico, e o alto-falante em sua parte inferior apontado para baixo. Suas dimensões são (L x A x P) 24.1 x 41.4 x 24.1 cm.

A soundbar possui 2 entradas HDMI, sendo uma delas no padrão ARC (Audio Return Channel), que recebe o áudio da TV quando utilizamos aplicativos Smart, como Netflix, Amazon Prime etc... Também oferece uma conexão óptica de áudio e é compatível com formatos MP3 e Flac, além de conexões USB e P2 analógica para reprodução de música.

RECURSOS

A TS9030 possui compatibilidade com Chromecast, Apple Airplay através de conexão wi-fi e Google Home, permitindo utilizar comandos de voz. Também suporta Dolby Atmos, apesar de não possuir alto-falantes em sua parte superior. Possui Bluetooth integrado, oferecendo diversas opções para ouvir música transmitida a partir de celulares e computadores.

Em sua parte superior existem teclas para ligar/desligar, selecionar entrada entre os modos HDMI 1 ou 2, selecionar entrada Bluetooth e aumentar/diminuir o volume. Possui um display de LED que mostra informações sobre volume, entrada selecionada e formatos de áudio.

Seu controle remoto possui teclas bem posicionadas para ajustes de volume, entradas, graves e agudos, iniciar, pausar e avançar faixas de músicas, escolher entre os modos de surround e AV Sync. Também possui uma tecla que aciona o surround vertical, aumentando a espacialidade.

O subwoofer deve ser posicionado com cuidado, de preferência próximo a um canto da sala, e o volume de graves deve ser ajustado pelo controle remoto para que as baixas frequências não fiquem exageradas durante a reprodução de filmes.

ÁUDIO

Em nosso teste conectamos a TS9030 em uma TV TCL 65C715, utilizando um cabo HDMI nas entradas HDMI ARC dos dois equipamentos. Esta conexão permite controlar o volume da soundbar utilizando o controle remoto da TV, além de ligar e desligar a soundbar junto com a TV.

Músicas reproduzidas na TS9030 apresentam equilíbrio tonal sem grandes exageros e bastante confortável para som ambiente. Nesta situação, utilizamos o modo Music e o Vertical surround desligado.

Os testes com filmes em Dolby Digital e Atmos apresentaram palco sonoro bem envolvente e com uma sensação de verticalidade, dentro dos limites de um sistema sem caixas acústicas traseiras. O canal central dedicado é o ponto forte de seu desempenho. Os diálogos são consistentes e com boa inteligibilidade, e a faixa média ►

Para os que desejam ir além



W13



W11



W8



W5



Clique aqui e saiba mais sobre a Boenicke Audio.

german
Audio

www.germanaudio.com.br
comercial@germanaudio.com.br
contato@germanaudio.com.br



é robusta o suficiente para trazer peso às vozes, sem ser excessivamente dominante.

O subwoofer, com seu falante de 6,5 polegadas, oferece um bom reforço nos graves, sem ser estrondoso ou incomodar durante os filmes.

A Soundbar TS9030 oferece ótima relação custo/benefício, possui uma entrada HDMI adicional, suporta Chromecast e Airplay 2 e é compatível com Dolby Atmos. Seu áudio é

envolvente e a forma inovadora com que usa estruturas reflexivas para refletir o som pela sala, justifica o upgrade em relação aos falantes das TVs.

É poderosa o suficiente para fazer justiça até mesmo aos filmes de aventura mais cheios de ação, mas tem clareza e precisão suficientes para lidar com diálogos com facilidade. ■

MÍDIAS UTILIZADAS NO TESTE

- Blu-Ray: Advanced Calibration Disc
- Blu-Ray: Spears and Munsil - HD Benchmark 2nd Edition
- Blu-Ray: O Quinto Elemento
- Blu-Ray: Missão: Impossível - Protocolo Fantasma
- Blu-Ray: DTS Demo Disc 2013
- Blu-Ray: Tony Bennet - An American Classic
- UHD Blu-Ray: Os Mercenários 3 - 4k HDR
- Netflix 4K e HDR: diversos trechos de filmes e séries
- Amazon Prime 4K e HDR: diversos trechos de filmes e séries
- Tidal: músicas diversas

EQUIPAMENTOS

- TV TCL 65C715
- UHD Blu-Ray player Samsung
- Blu-Ray player Sony



METODOLOGIA PARA TESTES DE SOUNDBARS

Como as Soundbars possuem características distintas dos equipamentos de áudio tradicionais, criamos uma nova metodologia de avaliação destes equipamentos, e está baseada em 5 itens:

- Uso Misto: performance com novelas, esportes, noticiário etc.
- Diálogos: inteligibilidade, foco, equilíbrio tonal
- Música: avaliação com fontes estéreo - equilíbrio tonal, palco sonoro, textura e dinâmica
- Filmes: avalia desempenho dos modos surround, equilíbrio tonal, foco, inteligibilidade, sensação de imersão
- Recursos: conectividade, usabilidade, integração

Selos de notas:

- 25 a 34 - Prata
- 35 a 40 - Ouro
- 41 a 50 - Diamante

ANÁLISE GERAL

Descrição	Pontos
Uso Misto	6,5
Diálogos	8
Música	6,0
Filmes	7,0
Recursos	8
Total	35,5

TCL
www.semptcl.com.br
 Preço sugerido:
 R\$ 3.299

OURO





A BUSCA INCESSANTE PELO EQUILÍBRIO

Eu sempre anotei tudo que me chamou a atenção ou me impactou, a ponto de me fazer rever conceitos e ideias. Sou uma pessoa atenta ao que ocorre à minha volta, e ávido por conhecimento e respostas.

Tenho um lado autodidata que me ajuda a questionar constantemente tudo que leio, ouço ou vejo. O comportamento humano sempre me fascinou, e pessoas capazes de fazer diferente na mais profunda adversidade sempre foram referências relevantes e de enorme aprendizado de vida, e de correções de rotas.

Lembro que todo este mosaico de interesses se manifestou desde a mais tenra idade. Meu pai e minha mãe diziam que eu era uma criança de uma curiosidade inesgotável. Nunca me contentei em ouvir o que os adultos me respondiam com um “é assim e ponto”!

As conversas dos adultos sempre me chamaram a atenção, e em grupos de audiófilos as divergências sempre me intrigaram. Quando meu pai explicava pacientemente aos seus clientes e amigos, que cada sistema possuía uma assinatura sônica, eu não aceitei está “máxima” por vir de meu pai. Quis eu ouvir se aquilo procedia ou não.

Foi quando comecei a prestar mais atenção nos discos que ele utilizava para os ajustes dos sistemas dos clientes, como soavam em cada setup. E com apenas 8 anos de idade, percebi que era fato, que a mesma música soava sempre diferente em sistemas e salas diferentes.

Meu pai estava realmente falando algo importante. Daquele momento em diante, minhas perguntas e dúvidas foram se amontoando. E meu pai surpreso com meu interesse, foi cada vez mais dando corda. Ficamos tão próximos, que até os clientes sentiam minha falta, quando não podia acompanhá-lo em suas visitas.

Às vezes eu dava alguma desculpa com os afazeres da escola, pois havia clientes que eram muito chatos, com um ar de superioridade, e muito falastrões. Foi para descrever estes clientes que meu pai cunhou a frase: “Alguns audiófilos só apreciam a própria voz”.

Achei essa descrição brilhante, e fui além ao observar que esses clientes que falavam pelos cotovelos jamais prestavam atenção na música.

Quando descobri este disparate, comecei a fazer relações mais consistentes entre a personalidade do audiófilo e seus sistemas. E para a minha surpresa, constatei que os mais tímidos ou introspectivos (palavra que escutei pela primeira vez com mais de 12 anos), tinham os sistemas mais bem ajustados e musicais. Lembro de compartilhar esta observação com meu pai, e ele abrir um enorme sorriso e passar a mão na minha cabeça, e não falar uma palavra a respeito.

Mas aquele seu gesto, me deu a certeza que ele também concordava com a minha observação.

Meio século se passou, e muitas das minhas observações de infância ainda são bastante pertinentes e válidas.

Percebo, olhando toda a minha trajetória neste meio, que somente os audiófilos que compreenderam a importância do Equilíbrio Tonal para a escolha e ajuste de seu sistemas, tiveram excelentes resultados em sua meta.

Os que ficaram buscando detalhes pontuais, como a melhor macrodinâmica possível, ou a busca por total transparência, ou por palcos holográficos que “derrubam” as paredes da sala de audição, continuam a correr atrás do “pote de ouro no fim do arco íris”.

Não se trata de uma crítica, apenas de uma constatação de um homem prestes a completar 63 anos de vida, e que continua com a mesma curiosidade de ver e conhecer o mundo.

No entanto, não posso omitir que nas minhas consultorias, os audiófilos que deixaram seus desejos pontuais de lado e foram em busca do todo, conseguiram resultados muito mais consistentes.

E um índice de satisfação muito mais mensurável e também consistente.

Quando ouço esses sistemas, percebo de imediato que existe um Equilíbrio Tonal que dá a tônica e assinatura a todo o sistema. São setups que não causam fadiga, possuem um grau de realismo e naturalidade que nos fazem esquecer o mundo, literalmente.

Como digo sempre: são sistemas que apresentam o âmago tanto em musicalidade quanto em intencionalidade. E, ainda assim, ao grupo que ainda está buscando características pontuais, passam totalmente despercebidos.

Essa questão sempre me intrigou: o que impede de todos reconhecerem um sistema corretamente equilibrado de um outro com pontas e arestas soltas? Fiz esta pergunta dezenas de vezes ao meu pai, em vários períodos de nossa convivência. E sua resposta sempre foi a mesma: “Antes de iniciarmos qualquer jornada importante, precisamos saber se realmente estamos preparados”.

Não deixo de achar sua resposta correta, mas eu acrescentaria um outro elemento a esta questão: o audiófilo sabe o que realmente é essencial?

Espero que todos vocês saibam a resposta amigo leitor! ■



XX **Fernando Andrette**
fernando@clubedoaudio.com.br

Fundador e atual editor / diretor das revistas *Áudio Vídeo Magazine* e *Musician Magazine*. É organizador do *Hi-End Show* (anteriormente *Hi-Fi Show*) e idealizador da metodologia de testes da revista. Ministra cursos de *Percepção Auditiva*, produz gravações audiófilas e presta consultoria para o mercado.

DIRETOR / EDITOR

Fernando Andrette

COLABORADORES

André Maltese

Antônio Condurú

Clement Zular

Guilherme Petrochi

Henrique Bozzo Neto

Jean Rothman

Julio Takara

Marcel Rabinovich

Omar Castellan

Tarso Calixto

RCEA * REVISOR CRÍTICO

DE EQUIPAMENTO DE ÁUDIO

Christian Pruks

Fernando Andrette

Juan Lourenço

Rodrigo Moraes

Victor Mirol

CONSULTOR TÉCNICO

Víctor Mirol

TRADUÇÃO

Eronildes Ferreira

AGÊNCIA E PROJETO GRÁFICO

WCJr Design

www.instagram.com/wcjrdesign/

Áudio Vídeo Magazine é uma publicação mensal, produzida pela EDITORA AVMAG ME. Redação, Administração e Publicidade, EDITORA AVMAG ME. Cx. Postal: 76.301 - CEP: 02330-970 - (11) 5041.1415 www.clubedoaudiovideo.com.br

Todos os direitos reservados. Os artigos assinados são de responsabilidade de seus autores e não refletem necessariamente a opinião da revista.

EDITORA
AVMAG



VENDAS E TROCAS

VENDO / TROCO

- Braço Kuzma Stogi de 9 polegadas.
Em estado de novo. Na caixa com todos os manuais e acessórios. Com cabeamento original CARDAS terminado em ponteiros XLR (facilmente trocável para RCA caso queira). Posso aceitar troca conforme material.
R\$ 9.800.

- DAC Gryphon Kalliope.

Em estado de novo, na caixa. Um dos mais aclamados DACs da Atualidade. Conversão 32bit/384 KHz assíncrono baseado no conversor ESS SABRE ES9018. Conversão DSD e PCM até 32bit/384 KHz. Controle de fase, mute, seleção de entradas e seleção de filtro digital via controle remoto. R\$ 52.000.

André A. Maltese - AAM

(11) 99611.2257



DAC Gryphon Kalliope



VENDO

- Amplificador integrado Audia Flight modelo FL TWO 100 W@8 ohms classe AB Excelente estado de conservação Cor prata - Voltagem 110V. R\$ 7.500.
- Cabos usados em ótimo estado de conservação:

- Nordost Frey XLR 1 m/par R\$ 1.500.
- Nordost Frey RCA 1 m/par R\$ 1.000.

Alexandre Tonet

aletonet2018@gmail.com



VENDO

- dCS Vivaldi. US\$ 65.000.
- CH Precision M1.1. US\$ 60.000.
- CH Precision L1. US\$ 36.000.
- Pré amplificador Luxman, modelo CL 38u SE. Impecável. Embalagem original, apenas 11 meses de uso. Motivo: upgrade no sistema. R\$ 38.000.
- Streamer CXNV2 Cambridge Audio. Impecável. R\$ 9.000.
- Cabo digital AES/EBU da Transparent modelo Reference. R\$ 13.000.

Fernando Andrette

fernando@clubedoaudio.com.br



VENDAS E TROCAS

VENDO

- 2 Amplificadores Hegel H30, 110V. R\$ 43.000 (cada).
- CD SACD Player Platinum Power Base MSB Technology. R\$ 49.000.
- Condicionador AC Organizer LC311 SE. R\$ 7.000.
- Cabo de caixa Sax Soul Ágata 2 - 2,5 m. R\$ 15.000.
- 2 Cabos Interconnect RCA Sax Soul Ágata 2 - 1,1 m. R\$ 8.000 (cada).
- 2 Cabos de força Transparent MM2 - 1,8 m. R\$ 4.200 (cada).
- Cabo de força Sunrise Lab Quintessence MS - 1,2 m. R\$ 7.000.
- Cabo Digital RCA Sunrise Lab Quintessence MS - 1 m. R\$ 5.000.
- Cabo Digital RCA Furutech Digiflux - 1,2 m. R\$ 4.500.
- Cabo de força Logical Cables Eternity 3 - 1 m. R\$ 2.000.

Valdeci Silva

(44) 99957.6906

valdeci.vgds@gmail.com





Murasakino
Musique Analogue

Cápsula MC Sumile
“Um conforto exuberante”



TD 203



3XL

ESTADO DA ARTE



VA-ONE

THORENS®

DeVORE FIDELITY

QUAD
the closest approach to the original sound

STRENGTHENED CABLE CATALAN
ACROLINK

FLUX HIFI

JELCO
MADE IN TOKYO



DISTRIBUIÇÃO OFICIAL

fernando@kwhifi.com.br - (48) 3236.3385
(48) 98418.2801 - (11) 95442.0855

www.kwhifi.com.br

www.wcfdesign.com

VENDAS E TROCAS



VENDO

- Amplificador Integrado Accuphase E- 470. Primeiro dono, 2 anos de uso, comprado em outubro 2018, importação oficial da Impel pela Cia. Virtual Mix. Estado impecável sem arranhões ou marcas de uso. Com embalagem original, cabo de força original , controle remoto e manual.

R\$ 45.000.

- DAC LUXMAN DA-06

Primeiro dono, 2 anos de uso, comprado em novembro 2018 no importador oficial do Brasil, Alpha Audio e Vídeo. Estado impecável, sem arranhões e marcas de uso. Embalagens originais, manual, folhetos de instalação, CD original Luxman com USB driver para Mac/Win e cabo de força original.

R\$ 20.000.

Mauricio Losada

mlosada@uol.com.br

11 99622 0699



VENDO

- Pré-amplificador MBL 6010D - topo de linha da MBL. Considerado um dos melhores do mundo. Estado de novo, pouquíssimo uso.

• 7 inputs (6 RCA e 1 XLR).

• 12 outputs (8 RCA e 4 XLR).

Posso aceitar equipamento como forma de pagamento.

R\$ 120.000 (aceito propostas).

Sérgio Kwitko

sergiokwitko@gmail.com

51 99973.9109

VENDO

- Amplificador Stereo Classé CA-2300 (2x300V 8Ohms). R\$ 29.000.

- Streamer c/ DAC Lumin T2 (bi-volt).

Caixa e acessórios originais.

R\$ 22.000.

- Fonte externa SBooster 12V (120V) caixa e acessórios originais. R\$ 3.000.

- Pré de Phono Rega Ária MKII comprado do importador oficial em março/20.

Caixa e demais itens originais. Estado

de zero. R\$ 7.500.

Logical Cables

Cabo de Força:

- Eternity G3 1m. R\$ 1.500.

- Special ed 1m. R\$ 2.500.

- Eternity G4 1m. R\$ 2.500.

- Energy 1,5m. R\$ 5.000.

XLR:

- Special Ed. R\$ 2.500.

- Condicionador Audience AR6 T3.

Comprado em maio/20, estado de zero.

R\$ 22.000.

Cabo Audience AU24 SEi (0,5m)

R\$ 4.000.

Fernando Borges

19 99111-6080

fernandopborges@uol.com.br



UPSAI, um bom motivo para ficar em casa com proteção, qualidade e diversão



Condicionador de energia ACF 2500S

Melhore a performance de sistemas de áudio e vídeo com a Linha de Condicionadores UPSAI.

Design moderno, tomada USB, circuitos com alta tecnologia de proteção controlados por processadores de última geração, garantem energia na medida certa para o perfeito funcionamento dos aparelhos a ele conectados.

Imagens Ilustrativas

criação: msymarketing.com@gmail.com

 @upsai.oficial
www.upsai.com.br

vendas@upsai.com.br | 11 - 2606.4100



UPSAI
sistemas de energia